



Ano XXVI

RAÍZES

49

São Caetano do Sul | Julho de 2014



FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
HÁ 23 ANOS PRESERVANDO SUA HISTÓRIA



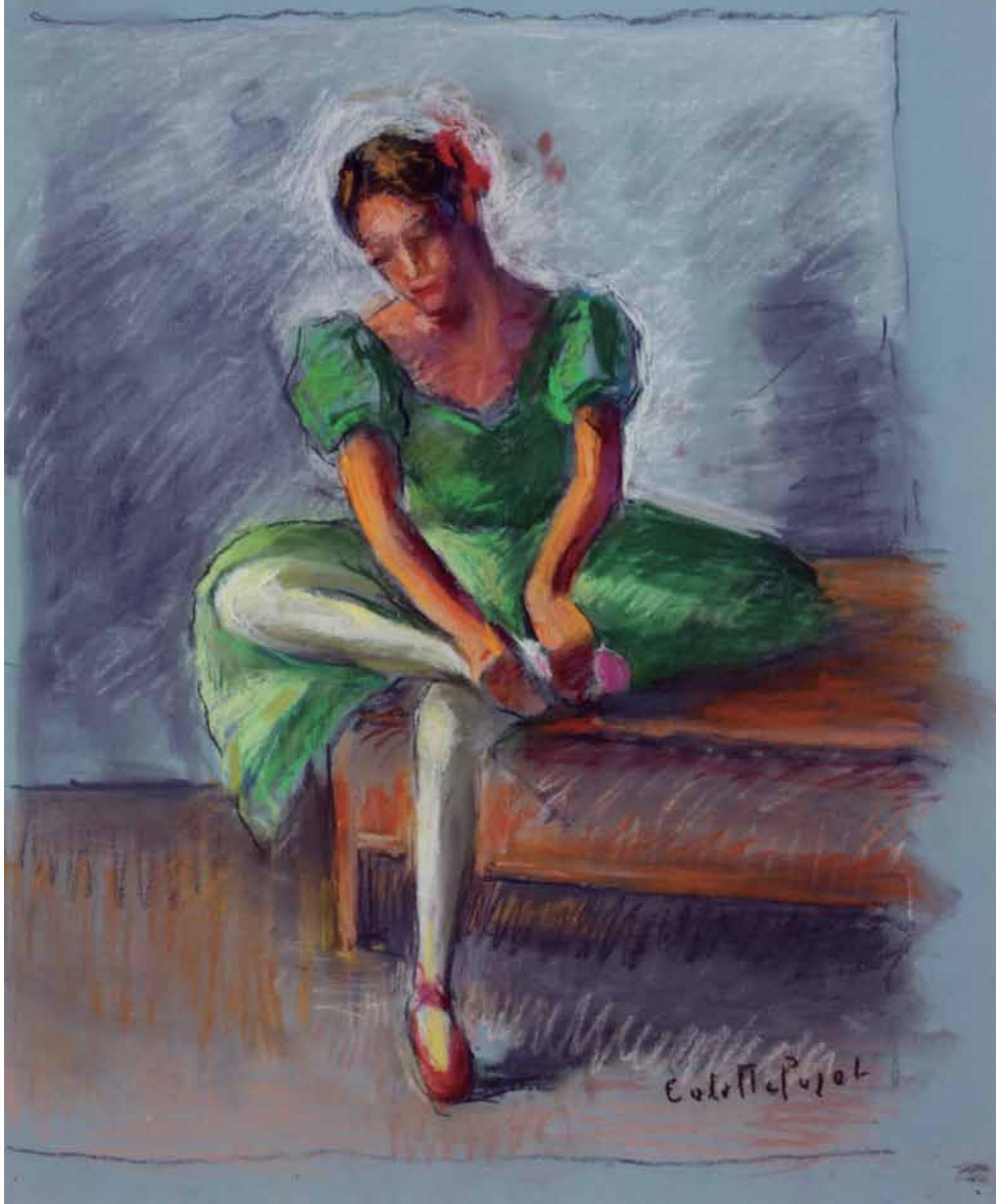
Biblioteca Municipal
Paul Harris
Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul
Centro de Documentação
Histórica

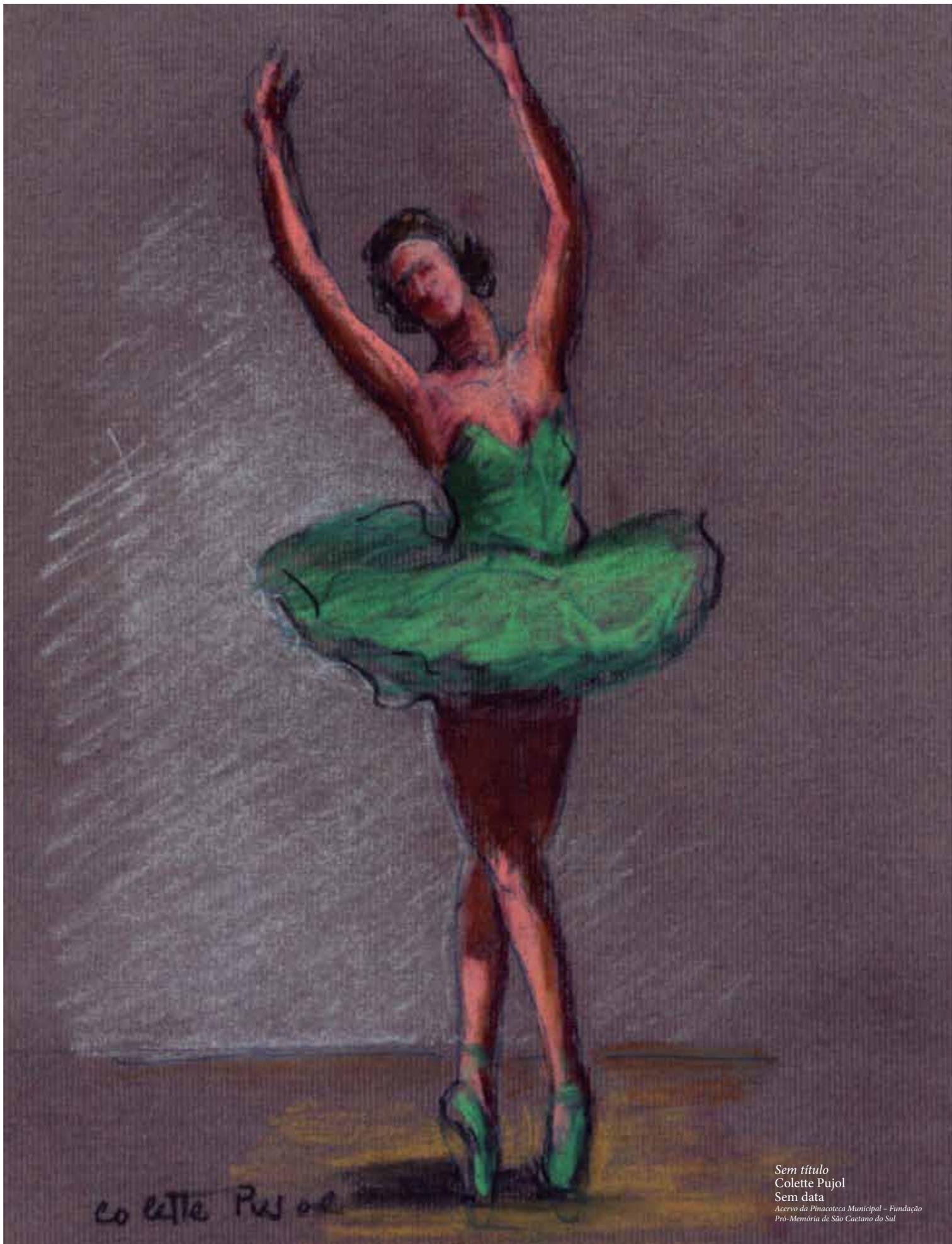


FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

WWW.FPM.ORG.BR

Sem título
Colette Pujol
Sem data
Acervo da Pinacoteca Municipal - Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul





Colette Pujol

Sem título
Colette Pujol
Sem data

Acervo da Pinacoteca Municipal - Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

Nossa Capa

Paula Fiorotti

Bailearinas enfileiradas, em um sincronismo que beira à perfeição. Sapatilhas de ponta firmes no palco e prontas para o próximo passo. Entre valsas, adágios e *allegros*, movimentos leves e delicados em uma sintonia impecável com a coreografia. A imagem que ilustra a capa desta edição da revista *Raízes* é do Grupo Juvenil da Fundação das Artes de São Caetano do Sul durante uma apresentação no Festival Bravos de Dança, no ano de 2008. Na ocasião, a coreografia *Sob o som barroco*, de Jhean Alex, foi premiada com o primeiro lugar na competição.

A Escola de Dança da Fundação das Artes de São Caetano do Sul (fundada em 1968) foi instituída em 1969. Focada no ensino, atualização e evolução, e na dança como arte, a escola mantém os cursos de balé clássico e dança contemporânea. Já recebeu mais de mil alunos desde sua criação, tendo formado mais de 100 profissionais na área de dança.

A Escola de Dança da Fundação das Artes promove constantemente festivais, workshops e outras atividades. Nomes como Ana Botafogo, Luis Ferron, Cecília Kerche e Valéria Mattos já participaram de projetos da instituição. Contribuem ainda para a formação dos futuros bailarinos a participação em grupos de dança.

A Companhia de Dança Juvenil foi criada em 1998, integrada por alunos ainda em formação. Ainda no mesmo ano, a Escola de Dança criou um grupo adulto, com bailarinos formados pela Fundação das Artes. Este grupo se desligaria da instituição em 2002, transformando-se na Stacatto Companhia de Dança. Em 2006, cria-se o Grupo Infantil e, dois anos depois, o Junior. Todos eles representam a escola e, porque não dizer, São Caetano do Sul, em importantes festivais e mostras de dança pelo Estado e pelo país.

A capa da edição de número 49 da revista *Raízes* representa o que os leitores poderão acompanhar nestas próximas páginas, histórias de força, dedicação, empenho e amor, muito amor à dança.

PAULA FIOROTTI

É GRADUADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, ESPECIALISTA EM COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL PELA FACULDADE CÁSPER LÍBERO E TEM PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE PATRIMÔNIO E CULTURA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSUNÇÃO.

ANO XXVI RAÍZES

Ano XXVI – Número 49
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de
São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Julho de 2014

Av. Dr. Augusto de Toledo, 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

PREFEITO MUNICIPAL Paulo Pinheiro

SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA

Jander Cavalcanti de Lira
PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA
COORDENAÇÃO GERAL
Sonia Maria Franco Xavier

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Paula Fiorotti (Mtb. 28.927)

EDIÇÃO E REVISÃO

Celso de Almeida Cini
Cristina Toledo de Carvalho
Paula Fiorotti
Marília Tiveron

CONSELHO EDITORIAL

Sonia Maria Franco Xavier (PRESIDENTE)

Antônio Reginaldo Canhoni
Cristina Toledo de Carvalho
Fernando Scarmelloti
Francisco José Gripp Bastos
Humberto Domingos Pastore
Isabel Cristina Ortega
Jander Cavalcanti de Lira
João Alberto Tessarini
Marília Tiveron

Mario Porfirio Rodrigues
Nelson Albuquerque Oliveira Júnior
Paula Ferreira Fiorotti

Renato Alencar Dotta
Roberta Sernagiotto Soares

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Roberta Giotto

SERVIÇO DE DIFUSÃO CULTURAL

Cristina Toledo de Carvalho
Mariana Zenaro
Marília Tiveron
Priscila Gorzoni

Talita Scotá Salvatori

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO E

RESTAURAÇÃO DE IMAGENS

Antonio Reginaldo Canhoni
Auderí Martins

APOIO À PESQUISA ICONOGRÁFICA

Débora Poplawski
Jussara Ferreira Muniz
Monica Iafrate

Vanessa Peixoto

CTP E IMPRESSÃO

Softgraf Serviços Gráficos

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC paulista. A seleção do material é de responsabilidade do Conselho Editorial. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Sonia Maria Franco Xavier

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

Falar de São Caetano e de sua história é nosso objetivo, sempre buscando aspectos culturais, sociais e políticos ainda não explorados. Desta forma, visamos registrar períodos com expressivas atividades, usando a pesquisa documental de fontes materiais, como livros, jornais, revistas e fotos, além das informações colhidas por meio de depoimentos e entrevistas, para trazer ao conhecimento de todos relevantes momentos de nosso passado.

A seção *Em Foco*, que sempre explora minuciosamente um tema específico e inédito, elegeu a dança, principalmente o balé clássico, descrevendo sua trajetória desde a década de 1950 até nossos dias, bem como o quanto esta atividade contribuiu e ainda o faz para elevar o nível da educação, da cultura e da arte locais. É na dança que muitos encontram a alegria de viver e conviver. São Caetano do Sul também tem em sua história cultural a presença de bailarinas de brilho, as quais nos brindam com seus relatos, como Toshie Kobayashi, Cleusa Escanho de Camargo, Sandra Amaral, Diva Thomé, Fernanda Bianchini (esta última desenvolveu método pioneiro de ensino de balé para cegos), além de outras que carregam o nome do município para todo o país e para o exterior.

Resgatamos, nos artigos desenvolvidos pelos nossos colaboradores, momentos da história do balé como manifestação que vem dos primórdios da civilização; a dança bíblica de Salomé; a filosofia e a estética na arte do movimento; a história de Elisabeth Soares; a primeira escola local de Maria Carmem Brandão; a As-

sociação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc), seus primeiros alunos, os primeiros professores; a Escola Municipal de Bailado Laura Thomé e outras como a Escola Bruma Magias. Esta edição conta também com importante relato da jornalista e bailarina Juliana Ravelli. Ainda incluímos registros fotográficos desses espaços e da Fundação das Artes, que tem formado grandes representantes desta vertente clássica através de seus concorridos cursos de bailado.

Outros temas ainda são abordados: o nascimento dos clubes esportivos, os 65 anos do Legislativo, a participação de São Caetano na Revolução de 1932, a cultura germânica em nossa região, curiosidades sobre o padroeiro São Caetano Di Thiene, as seis décadas da Biblioteca Municipal Paul Harris, uma homenagem ao acadêmico Mário Del Rey e ainda o registro de todos os projetos, exposições, palestras, oficinas e eventos da Fundação Pró-Memória.

Contamos neste trabalho com valorosos colaboradores, dentre eles, historiadores, jornalistas, professores, doutores e memorialistas apaixonados pela cidade, além da habitualmente comprometida equipe da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Meus agradecimentos a todos que contribuíram para a elaboração deste número de *Raízes*, seja por meio de depoimentos, fotos, artigos, sugestões ou memórias. A história é escrita por uma simbiose de experiências vivenciadas de forma heterogênea por cidadãos conscientes e que amam suas raízes.

Boa leitura!



pág 8

A dança e um ideal de município:
suas interfaces e personagens
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág 18

Momentos da história
do ensino de balé
ANDRÉ APARECIDO BEZERRA CHAVES
CAMILA COPPINI CHAVES



pág 21

Cleusa Escanho de Camargo:
a ninfa não cansa de bailar
MARIANA ZENARO



pág 28

Diva Thomé - Trajetória da
bailarina, coreógrafa e professora
TALITA SCOTÁ SALVATORI



pág 33

A dança da vida
MARÍLIA TIVERON



pág 38

Sandra Amaral, sinônimo da
dança em São Caetano
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO



pág 42

Muitos aplausos para Toshie Kobayashi
MARÍLIA TIVERON



pág 48

Lembranças de uma
bailarina sul-são-caetanense
JULIANA RAVELLI



pág 53

Quem dança, seus males espanta
PRISCILA GORZONI



pág 56

A dança de Salomé
NEUSA SCHILARO SCALÉA



pág 60

A filosofia da dança
PRISCILA GORZONI



pág 64

Memória Fotográfica Especial



pág 76

Memória

Há quatro décadas,
o Planesporte dava
novo rosto ao esporte
de São Caetano do Sul
NELSON PERDIGÃO



pág 82

História Oral

Samba na ponta dos pés
da sul-são-caetanense
Elisabeth Soares
TALITA SCOTÁ SALVATORI

pág 85

Recordando Nossas Raízes

HUMBERTO PASTORE

pág 86

Homenagem

Mário Del Rey:
uma amizade de 55 anos
DOMINGO GLENIR
SANTARNECCHI

pág 88

Curiosidades

Volta à cidade
após meio século
DOMINGO GLENIR
SANTARNECCHI

pág 90

Artigos

90 Biblioteca Municipal
Paul Harris - 60 anos a
serviço da educação,
cultura e inclusão social
e digital - 1954 - 2014
MARIANA ZENARO

98 Na retaguarda de
1932: São Caetano
no esforço de guerra
RODRIGO RUIZ

104 Câmara de São Caetano
do Sul: 65 anos de
representação popular
ITAMARFAEL SENA BATIS-
TA DE MELO



pág 109

Regionais

Cultura germânica
entre São Caetano do Sul
e Santo André
ALBERTO ISZLAJI JUNIOR



pág 113

Memória Fotográfica

Raízes e Retratos



pág 120

Registro

Cristina Toledo de Carvalho

A DANÇA E UM IDEAL DE MUNICÍPIO: SUAS INTERFACES E PERSONAGENS

Mais uma vez *Raízes* elege como tema de sua seção principal, *Em Foco*, um assunto que possibilita a recuperação da memória contemporânea da cidade de São Caetano do Sul pelo viés cultural. A dança vem, assim, integrar e reforçar (e por que não dizer dialogar com) o leque temático aberto nas duas últimas edições da revista, que trouxeram para o centro das discussões peculiaridades do viver urbano, a partir de dois elementos disseminadores de seus modos, paradigmas, costumes e valores: a literatura e a fotografia.

Enquanto rica expressão da cultura de um povo, grupo ou nação, a dança já se constitui, por excelência, em um tema de potencial ímpar e de múltiplas possibilidades de abordagem. Considerando que suas variadas dimensões complementam-se e revelam interfaces que permitem a classificação dessa arte como uma manifestação que pode ter, dentre inúmeros sentidos, os de ordem pedagógica, política e de entretenimento, a dança se impôs como uma das marcas de um padrão culto e letrado que se buscou estabelecer no cotidiano de São Caetano, no período pós-autonomia,





tendo em vista a consolidação do ideal de município desenvolvido, que crescia de acordo com os modelos culturais provenientes dos grandes centros urbanos, como São Paulo.

Foi sob esse contexto de busca pela afirmação da localidade que a dança ganhou maior projeção no cenário sul-são-caetanense. Se, antes da consecução da independência política da cidade, o bailar já aparecia entre as principais opções de lazer da população, que marcava presença nos bailes e festivais dançantes organizados por clubes e agremiações locais, com a criação do município de São Caetano do Sul, a promoção da dança, em sua interface de espetáculo e entretenimento, foi incrementada pela participação do poder público. Desta forma, grandes eventos na área deixaram de ser iniciativa exclusiva do segmento privado para firmarem-se também como objeto de interesse da gestão municipal. Com a participação das esferas pública e privada, registrou-se uma disseminação pela cidade de programas artísticos que envolviam não só a dança, mas também a música e outras linguagens. Independente da ocasião, quer em datas comemorativas importantes (aniversário da cidade e demais celebrações cívicas) quer em momentos extraoficiais, não necessariamente ligados à comemoração de um episódio específico, a dança tornou-se evento recorrente na programação cultural do município.

Para acompanhar toda essa difusão e popularidade, a necessidade de criação de uma estrutura condizente que pudesse viabilizar e alimentar a organização de números e apresentações da área tornou-

-se latente. A construção de teatros, auditórios e outros espaços afins passou, deste modo, a aparecer como pauta na agenda política local. A essa demanda, somaram-se outras, como as que apontavam para a questão do ensino da dança, algo premente diante das conjunturas de um cenário como o de São Caetano, no início da segunda metade do século passado. A dança como espetáculo e lazer não atendia mais sozinha às expectativas de um município que vinha reunindo esforços no sentido de uma consolidação política e cultural. Era preciso mais e o ensino da arte do bailado viria a calhar, sobremaneira, com os anseios em curso. Iniciativas e projetos de cunho privado e público forneceram visibilidade à dimensão pedagógica da dança, criando condição para o surgimento das primeiras escolas do gênero na cidade.

O presente artigo mostrará tais instituições, ao passo que se comprometerá ainda a reservar espaço para as outras duas interfaces da dança: a de entretenimento e a política. Ficará patente que a promoção dessa arte fez ressoar as suas diferentes significações, que, convergentes e não estanques, reverenciaram um ideal de município que almejava, veementemente, o progresso e o desenvolvimento em todas as áreas e esferas.

Escola de Maria Carmen Brandão e Acascs, as pioneiras - Pode-se afirmar que o ensino da dança em São Caetano institucionalizou-se a partir da década de 1950, com o aparecimento das primeiras escolas do gênero na cena urbana local. Antes de tal período, é pouco provável que tenham existido estabelecimentos dessa natureza na cidade, até porque a realidade a que os moradores estavam submetidos era marcada por um expressivo volume de carências e precariedades, principalmente nos serviços mais elementares. Se a localidade mal possuía escolas e colégios para a transmissão da educação básica, o que dirá entidades cuja finalidade não era considerada primordial para os interesses da coletividade. Em face disso, é de se supor, com uma boa margem de segurança, que o surgimento das primeiras instituições destinadas ao ensino da dança tenha sido, de fato, observado no período posterior ao da autonomia administrativa de São Caetano. A situação era favorável a isso, visto que a cidade, enquanto município autônomo, buscava impor-se e, em meio a uma série de medidas oficiais para a implementação de melhorias, iniciativas como a criação e instalação de escolas de dança trariam, no mínimo, um certo *status* europeizante para a localidade, uma vez que as referidas escolas encarregavam-se do balé clássico, modalidade que tem suas origens históricas nas sociedades de corte do Velho Mundo.

No dia 7 de abril de 1953, era inaugurado na cidade um empreendimento cujo porte e finalidade reforçariam os novos padrões de comportamento e costumes que vinham sendo enraizados no cotidiano local. Tratava-se da escola de Maria Carmen Brandão, cuja matriz ficava em São Paulo. Sob a direção e orientação dessa professora e coreógrafa, o estabelecimento instalou-se, primeiramente, na Rua Baraldi, nº 703, transferindo-se depois para a Rua João Pessoa, nº 120. *O Jornal de São Caetano*, que, além de esmiuçar todos os

detalhes que deram o tom ao evento de inauguração, informou ainda que sua responsável havia sido aluna do “célebre Acheti do [Teatro] Scala de Milão, professor da imortal Anna Pavlova”.¹

Com tal credencial, natural que fosse grande a expectativa em torno da novata instituição, conforme prognóstico registrado pela imprensa: “[...] esta escola estará apta a proporcionar aos sancaetanenses um mais elevado aspecto artístico, pois será um incentivo para a instalação de verdadeiros movimentos de dança, o ballet”.²

Não à toa que autoridades locais se fizeram presentes à inauguração, não tardando a matricular suas filhas. Pelos nomes divulgados na reportagem sobre o evento, conclui-se que as primeiras alunas foram as seguintes crianças: Marisa Campanella (5 anos), Ladislene Cambaúva (9), Gracinha Marchesan (3), Maria Cristina Muller (3), Dagmar Timpani (4), Maracy Cambaúva (5), Ana Sílvia Bovolento (4), Maria Clara Morselli (10), Marly Marchero (10), Maria Helena Del Rey (9), Rosa Thereza Pompermayer (9), Miriam Migliori (3), Waldirene Dal’Mas (7), Marilda Dal’Mas (4), Maria Figueiredo (5), Nadia Issa Pina (3), Joselena Lima de Moraes (12), Marly Chapeval (6), Marly Sonia Falchero (11), Maria José Brandão (4), Irene de Mello (10), Evelyn Lucia Constantino (5), Leila Dario (8), Lea Falaschi (12) e Juçara Lia Cianfarani (3).

Além de Maria Carmen Brandão, a escola de balé contava também com os trabalhos de outras duas professoras: Ruth Nham e Rose Eland. Os serviços de secretaria ficavam a cargo de Nilze e Niura Domenici. Segundo as lembranças de Waldirene Dal’Mas, integrante do primeiro grupo de alunas da filial de São Caetano, as aulas, em determinados períodos, ocorriam também na matriz da instituição, em São Paulo, sendo ministradas em certas ocasiões por Joshey Leão de Carvalho, famoso bailarino e coreógrafo que havia sido aluno de Maria



Acervo/Família Cianfarani



Acervo/Família Cianfarani

A garotinha Juçara Lia Cianfarani, aluna da primeira turma da Escola de Maria Carmen Brandão, em foto de 20 de março de 1954. Juçara foi professora de Língua Portuguesa do Externato Santo Antônio e lecionava também aulas particulares de francês

presidente da Câmara Municipal, foi registrada pela imprensa, que, mais uma vez, abriu espaço em sua pauta editorial para noticiar a promoção de um programa de arte na cidade.

E tal voltaria a acontecer outras vezes, como no espetáculo levado ao palco do São Caetano Esporte Clube, no dia 17 de dezembro do mesmo ano, pela escola de balé de Maria Carmen. O modo como a reportagem a respeito desse evento foi divulgada mostra, com clareza, o papel atribuído por formadores de opinião a essa categoria de dança, concebida como um elemento inerente ao nível de desenvolvimento cultural idealizado e almejado por um município. Na sequência, alguns trechos elucidativos da referida matéria: “Mais um passo à frente dá o novel município de São Caetano do Sul, com a apresentação, amanhã, às 20 horas, do primeiro espetáculo de Ballet que se realiza nesta Cidade. Se, por um lado, já temos divulgado diversas iniciativas que falam alto do progresso que vimos experimentando, hoje, com satisfação, noticiamos

Carmen Brandão, além de primeiro bailarino no Teatro Permanente do elenco do *Original Ballet e Mímica*, dirigido pela própria Carmen Brandão.

Com pouco tempo de atuação na localidade, a professora e coreógrafa Maria Carmen passou a ser requisitada para participar de programas artísticos, como o organizado pelo Clube de Xadrez de São Caetano, em junho de 1953, no Clube Comercial. Além do número de balé, o espetáculo foi também composto por apresentações de piano, as quais, sob o comando da professora Eliza Pizzoti Alves, foram abrilhantadas por meninas de 5 a 12 anos, que interpretaram clássicos de mestres como Tchaikovsky e Chopin. Dentre as pequenas artistas, estava a notável Maria Francisca Fraissat Paez. A presença do então prefeito, Anacleto Campanella, e de Ângelo Cianfarani,

mais este passo que a localidade dá no setor intelectual. Em verdade, poucas são as Cidades que podem contar com uma Escola de Danças como esta que instalou em São Caetano do Sul [...] a Coreógrafa Maria Carmen Brandão. [...] Destinase esta primeira apresentação à instalação mais adequada do novo local onde funciona a Escola de Ballet, no prédio 120 da rua João Pessoa. É, sem dúvida alguma, uma finalidade digna de amparo e de aplausos, mesmo porque uma cidade onde existe uma escola de Ballet pode ser aquilatada como uma localidade de nível intelectual superior. [...]”³

A partir de 1957, com a criação da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acascs), a programação do município no campo das artes incrementou-se. Isso porque a cidade passou a contar com uma entidade que, não só oferecia opções de eventos e programas artístico-culturais à população, como também disponibilizava cursos, por meio de seus distintos departamentos, tendo em vista a formação dos interessados em geral. Desses departamentos, um dos principais era o de balé. Tamanho era o conceito alçado por tal segmento, que o mesmo ficou conhecido como a “joia da Acascs”. E não era para menos, pois, desde a sua implantação, no início da década de 1960, durante a presidência de Mário Dal’Mas, até setembro de 1964, o balé da instituição já havia

conquistado por volta de 30 troféus, graças à sua constante participação em programas de emissoras famosas de TV, como a Record e a extinta TV Paulista.

Sob a coordenação de Norma Dal’Mas e Egle Fiorese, o balé da Acascs teve como primeira professora Ivone Isaías. Esta, aliás, ministrava aulas particulares na casa de Egle, episódio que criaria condição, alguns anos depois, para o surgimento do departamento na instituição. Além do balé clássico, a entidade oferecia ainda aulas de balé moderno e sapateado. Esta última modalidade, segundo consta, foi iniciada em 1º de junho de 1964, sob a orientação da professora Conceição Aparecida Alves da Silva.⁴

Aparições recorrentes em programas de televisão da época, como o *Parque Petistil*, exibido pela TV Paulista, e a *Grande Ginkana Kibon*, da Record, nos quais os conjuntos da Acascs foram premiados com troféus e medalhas, além de participações na programação oficial de edições dos festejos de aniversário da cidade e apresentações na região e fora do

Estado de São Paulo, concederam prestígio ao grupo, que era, assim, sempre elogiado e aclamado pelo órgão de comunicação da instituição, *O Acascs Jornal*. Em abril de 1964, houve a divulgação dos nomes das alunas do departamento, cujo grande número ratifica o interesse que o segmento despertava junto ao seu corpo associativo.

*A partir de 1957,
com a criação da
Associação Cultural e
Artística de São Caetano
do Sul (Acascs), a
programação do município
no campo das artes
incrementou-se.
Isso porque a cidade
passou a contar com
uma entidade que,
não só oferecia opções de
eventos e programas
artístico-culturais
à população,
como também
disponibilizava
cursos (...)*



As meninas eram: Dulcimara Maia, Leanira Martins, Maria Tereza de Moraes, Sandra Aparecida do Amaral, Vera Lúcia de Souza, Iracema Amat, Rosa Maria Siqueira, Maria Del Carmen Costas Fernandes, Silvana Camargo Gonçalves, Magali Ferreira Colli, Maria Ângela de Camargo Mancoso, Suzan da Penha Vitória, Sandra Aparecida Barros, Clara Terumi Faku-da, Elisabeth Volto, Rosana

Nables de Souza, Jurema Conceição Sandroni, Porfíria de Castro Budethi, Heloisa Côrte Imperial Carneiro, Vera Marcia Souza Castro, Denise Souza Tucci, Magnolia Qualia, Sandra de Mello Oliveira, Diva Thomé, Laura Thomé, Solange Alves Nicolau, Lidia Lumi Takeda, Telma Gonçalves Costa e Maria Jandira de Camargo Mancoso.⁵

É importante esclarecer que alguns nomes não

aparecem na lista, mas fizeram parte igualmente da história do balé da instituição, sendo, em muitas ocasiões, destacados pelo jornal da associação. Neste sentido, não se pode deixar de fazer menção às participações premiadas de alunas como Cleide Maria Dal'Mas, Salette Nara Moretti, Eliane Giampietro, Marilene Pedroso Cesso, Mirna Ribó, Magali Turco, Maria Ângela Negrão,

Componentes do balé da Acascs em uma de suas inúmeras aparições na extinta TV Paulista. Foto do início da década de 1960

Marisa Breves dos Santos, Cleide Franzon, Sandra Regina Campos e Claudete Campos.

Interessante salientar que o nome de Salette Moretti aparece, ainda, junto aos de outras crianças que integraram os espetáculos do *Clube Lilim Mirim*, idealizado por Armando Lopes e iniciado em 1957 com apresentações no São Caetano Esporte Clube. Posteriormente, esse clube infanto-juvenil vinculou-se à Acascs na qualidade de departamento da entidade. É bem provável que a aparição da garotinha Salette nas atrações do *Lilim Mirim* tenha se dado durante a vinculação, o que reforça a hipótese da existência de uma espécie de intercâmbio entre o departamento de balé acasqueano e o grupo de Armando Lopes, uma vez que números de dança compunham o seu rol de atrações. Mas esta e outras informações a respeito do *Clube Lilim Mirim* e dos demais grupos congêneres contemporâneos a ele serão reveladas no próximo tópico.

Para encerrar a abordagem acerca da Acascs, cumpre salientar que seu segmento de balé passou a contar com os trabalhos de Cleusa Escanho a partir de 1965. Assim foi noticiado o episódio junto aos sócios da instituição: “Assumi a direção desse Departamento que é motivo de orgulho para todos nós a senhorita Cleusa Escanho, que, temos certeza, virá dar maior brilho nas atividades de ballet da Acascs, pois a mesma é detentora de vários títulos e troféus conquistados através de sua participação nos melhores programas de TV de São Paulo.”⁶

O balé era uma realidade em São Caetano. A institucionalização de sua prática e ensino decorreu da importância a ele atribuída dentro de um contexto maior que envolvia a construção das bases de um ideal de município, com suas práticas, tendências, modos de vida e relações de poder. A interface pedagógica da dança conviveria, por força disso, difusamente, com outras duas dimensões a ela também condizentes: a de

entretenimento e a política, como ficará evidenciado na sequência deste artigo.

Os clubes de espetáculos infanto-juvenis - A partir da década de 1950, uma onda de espetáculos destinados ao público infanto-juvenil invadiu São Caetano do Sul. Com um formato de programa de auditório e preconizando a formação cultural e artística das crianças, tais espetáculos abrangiam inúmeras apresentações, entre as quais a dança. Um dos pioneiros foi o comandado por Fábio Ventura, denominado *O Mundo é das Crianças*. Ele acontecia no palco do Cine Urca (posteriormente Cine Lido), localizado na Rua Manoel Coelho. Em virtude das programa-

Alunas do departamento de balé da Acascs durante apresentação na década de 1960



ções e projetos criados na área, Ventura ficou conhecido como o vereador das crianças, numa alusão à sua vida pública e ao quanto a política pode permear o universo da promoção do lazer e do entretenimento. Além deste, um outro programa do gênero fez também sucesso na cidade. Tratava-se do *General Mirim*, fruto do gênio inventivo de Leonardo Sperate e Ciro Rocha. Foi apresentado, pela primeira vez, no dia 19 de dezembro de 1954 e acontecia no General Motors Esporte Clube, nas manhãs dominicais. De acordo com Cristina Ortega, “[...] os filhos menores dos associados que demonstrassem qualidades artísticas apresentavam números de bailados clássico e popular, canto, violão, piano, harmô-

Acervo/Mário Dal'Mas



nica [...] Eram pratas da casa as meninas Mirna Fázia, Cléia de Lourdes, Maria Helena e Maria Inês, que depois se transformaram em bailarinas e professoras de bailado.”⁷

Em setembro de 1957, teve início no São Caetano Esporte Clube, na época, localizado na Rua Perrella, o *Lilim Mirim*. As atrações ocorriam também nas manhãs de domingo, e, dentre elas, as de balé, sob orientação da professora Marlene Simões.⁸ Dos destaques anunciados na dança estavam as meninas Salete Nara Moretti e Mari-lena Odoni. Arelado à Acascsc no final de 1964, o programa compreendia também os trabalhos de profissionais de outras áreas, como o da professora Cleusa Elias Corrêa, responsável pelo departamento de canto e parte instrumental, e o de Alfredo Varela e Oduvaldo Casanova, no setor de humorismo. Toda essa articulação movimentada pelo *Lilim Mirim* mostra bem o quanto promoções voltadas para o público infanto-juvenil vinham se firmando como um filão, a partir de meados da década de 1950, a ponto de despertar o interesse de instituições como a Acascsc, núcleo de difusão de iniciativas culturais, que colocou a dança e outras expressões na vitrine do que estava sendo produzido em termos de artes na cidade. Se o bailado foi uma das vigas para a projeção dessa entidade e de eventos coordenados por clubes de programas infanto-juvenis, tal não foi diferente no tocante ao poder público local, que soube absorver a dança para a constituição de um ideal de município, inserindo-a em sua agenda política de projetos e realizações.

O ensino da dança e o poder público municipal

- Na primeira gestão de Anacleto Campanella (1953-1957), observou-se uma expansão na política de bolsa de estudo, instituída pela municipalidade já no governo de Ângelo Raphael Pellegrino, por meio da lei nº 43, de 15 de outubro de 1949. Dentre as bolsas oferecidas, estava

Outro grupo de alunas da Acascs apresentando-se. Em primeiro plano, à esquerda, Sandra Amaral (hoje, diretora da Escola Municipal de Bailado Laura Thomé) e, atrás, ao centro, Leanira Martins. Foto de 1964



a reservada ao curso elementar de danças típicas e ballet, ao lado de outras modalidades, como o elementar de música. Embora tenha sido uma iniciativa pioneira na área, pode-se dizer que a inclusão do ensino da dança na agenda política local somente seria incrementada, ganhando grande impulso e significativa sistematização, a partir do primeiro mandato do prefeito Hermógenes Walter Braidó (1965-1969).

Isso se deveu ao fato de a educação ter sido o carro-chefe dessa sua primeira administração. A orientação seguida para a promoção do segmento compreendeu uma soma considerável de investimentos e iniciativas que propiciaram o crescimento do ensino oficial, nos seus vários níveis, por meio, por exemplo, da criação e construção de estabelecimentos correspondentes. Daí a popularização do *slogan* que representou bem essa filosofia da gestão Braidó: “São Caetano do Sul, onde escola não

Várias gerações de alunas já passaram pela Escola Municipal de Bailado Laura Thomé (denominação atual da instituição, que nasceu com o nome de Curso Municipal de Balé, tornando-se, depois, Escola Municipal de Bailado de São Caetano do Sul). Nesta imagem do início da década de 1980, uma dessas gerações durante apresentação. Em primeiro plano, à esquerda, Paula Roberta Meloni



é problema⁹. Vale mencionar que a proposta educacional não se restringiu apenas à rede oficial de ensino, mas abarcou também escolas de outras especialidades.

Como havia essa abertura para outras categorias de curso, a municipalidade criou, a partir do decreto nº 2.603, de 16 de dezembro de 1965, o Curso Municipal de Balé (a denominação atual, Escola Municipal de Bailado Laura Thomé, foi adquirida por força do decreto nº 9.706, de 5 de maio de 2008). A cargo da então Seção de Educação e Cultura, o antigo curso de balé tinha, dentre as finalidades e objetivos, o desenvolvimento artístico da comunidade e a propagação dos conhecimentos e técnicas referentes ao balé. Previa ainda uma duração de seis anos e o número máximo de 15 alunos por turma. A faixa etária determinada era de 3 a 18 anos. Com suas atividades iniciadas em 1966, em parte das dependências da antiga Concha Acústica, o curso contou, inicialmente, com cerca de 90 alunas.

A partir de 1967, em razão da entrada em vigor da lei municipal nº 1.533, de 1º de fevereiro daquele ano, verificou-se um respaldo regulamentar junto a cursos previstos e/ou instituídos pela municipalidade até então. Dentre eles, estavam os de balé e de música, duas das modalidades eleitas pela política de expansão cultural estabelecida pelo governo Braido. Em consonância com tal política, inúmeros eventos foram patrocinados por sua gestão, destacando os de cunho literário e cênico, além dos espetáculos de dança clássica e dos concertos sinfônicos.

A efervescência cultural daí decorrente criou uma atmosfera favorável ao surgimento de uma instituição como a Fundação das Artes. Por ter se firmado como um espaço para onde

convergiam diferentes linguagens artísticas, num misto de centro de ensino e entidade difusora das artes, a instituição responderia, a contento, ao que estava posto pela municipalidade, no que tangia à educação e à cultura. Criada pela lei municipal nº 1.671, de 25 de abril de 1968, a Fundação das Artes teve como curso pioneiro o de música, seguido pelos de teatro e artes visuais. O último a ser implantado foi o de dança, instituído em 1969. Oferecendo formação em balé clássico, a instituição possui, atualmente, grupos de dança para fins de atividade extracurricular e participação em festivais nacionais. Muitas dessas participações já renderam à Fundação das Artes menções e premiações.

Eis um breve panorama histórico da dança (com ênfase no balé) e de alguns de seus personagens em São Caetano do Sul, nas décadas de 1950 e 1960, sob o prisma de suas mais visíveis interfaces, no contexto de um recém-criado município que se esforçava para desenvolver-se e projetar-se em todos os aspectos, âmbitos e esferas. **R**

NOTAS

- ¹ AUCHMAN, Josef H. Uma escola de bailados em S. Caetano do Sul. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VII, n. 314, última página e p. 3, 11 abr. 1953.
- ² *Ibidem*, última página.
- ³ GRANDIOSO espetáculo de Ballet será apresentado pela Professora e Coreógrafa Maria Carmen Brandão. O que representa a escola de Ballet para nossa cidade. *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, ano VIII, n. 384, primeira página, 16 dez. 1953.
- ⁴ *O Acascs Jornal*, São Caetano do Sul, ano II, n. 15, p. 6, mai. 1964.
- ⁵ *O Acascs Jornal*, São Caetano do Sul, ano II, n. 14, p. 3, abr. 1964.
- ⁶ *O Acascs Jornal*, São Caetano do Sul, ano III, n. 27/28, p. 6, mai/jun. 1965.
- ⁷ ORTEGA, Cristina. Um show de criança. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 45, p. 32-35, jul. 2012, p. 34.
- ⁸ LOPÊS, Armando. Clube Lilim Mirim: o reino alegre das crianças nos anos 50. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 21, jul. 2000, p. 32.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

- BOURCIER, Paul. *História da dança no Ocidente*: Martins Fontes, 2006.
- ANDRADE, Antônio de. Televisão e cotidiano em transformação. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 11, p. 30-33, jul. 1994.
- DOIS anos de trabalho e tranquilidade (Suplemento Especial referente à primeira gestão Hermógenes Walter Braido. São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, abr. 1967.
- FUNDAÇÃO das Artes comemora jubileu e confirma espaço no contexto cultural. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 10, p. 49-52, jan. 1994.
- MILTON Andrade: uma vida ligada ao desenvolvimento cultural. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 21, p. 69-74, jul. 2000.
- REVISTA da Administração Anacleto Campanella (1953-1957). São Caetano do Sul: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul.

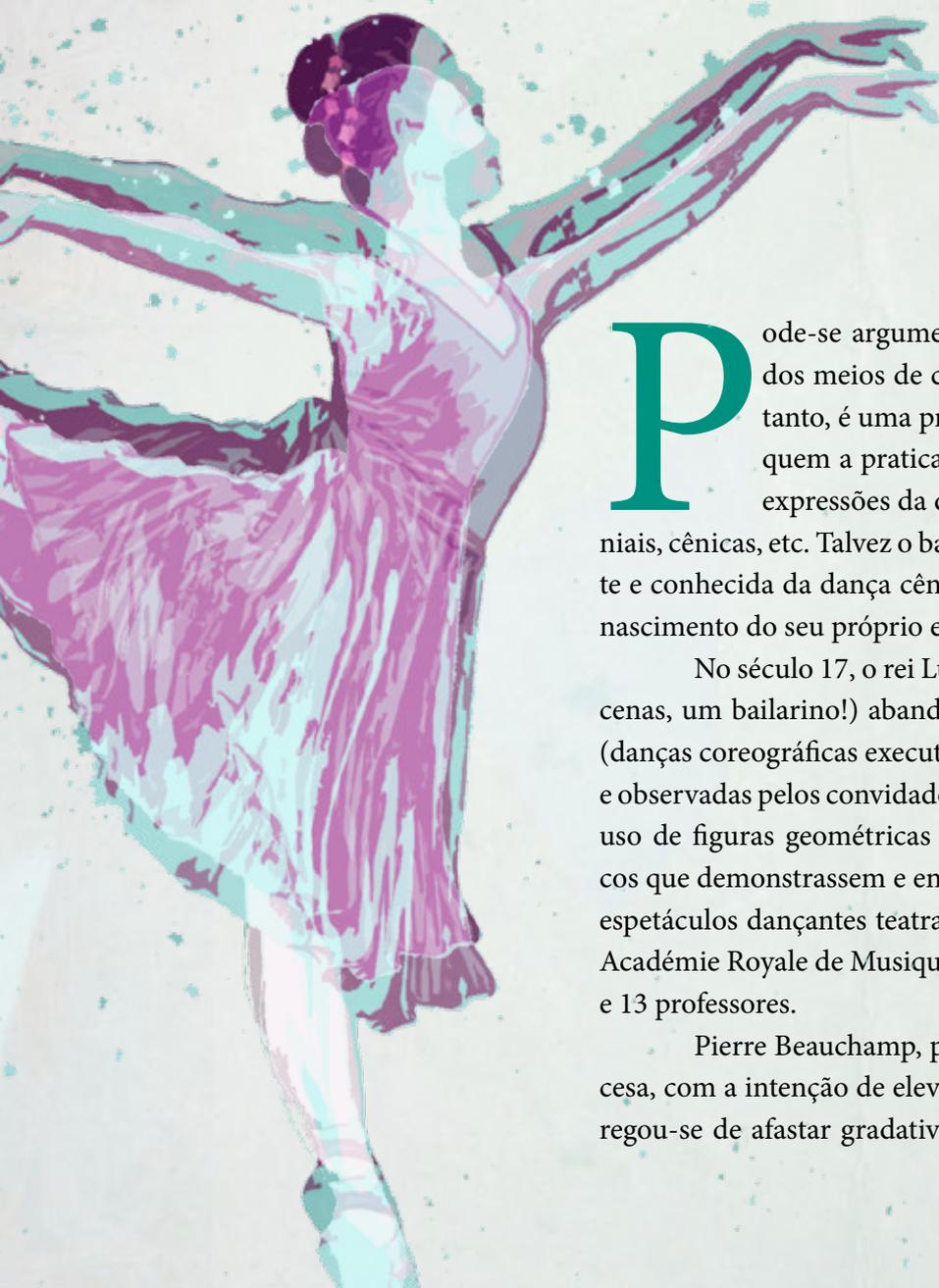
CRISTINA TOLEDO DE CARVALHO

É HISTORIADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP).



André Aparecido Bezerra Chaves
Camila Coppini Chaves

MOMENTOS DA HISTÓRIA DO ENSINO DE BALÉ



Pode-se argumentar que a dança é, antes de tudo, um dos meios de colocar o corpo em movimento. No entanto, é uma prática bela e saudável, que encanta tanto quem a pratica quanto quem a observa. Muitas são as expressões da dança: folclóricas ou populares, cerimoniais, cênicas, etc. Talvez o balé clássico seja a expressão mais evidente e conhecida da dança cênica. Seu surgimento se relaciona com o nascimento do seu próprio ensino.

No século 17, o rei Luís XIV da França (que era, além de mecenas, um bailarino!) abandonou progressivamente o balé de corte (danças coreográficas executadas nos salões palacianos pelos nobres e observadas pelos convidados, também integrantes da nobreza, com uso de figuras geométricas na formação dos desenhos coreográficos que demonstrassem e enaltescessem o poder real) para organizar espetáculos dançantes teatrais em um palco. Para isso, inaugurou a Académie Royale de Musique em 1669, que contava com um diretor e 13 professores.

Pierre Beauchamp, principal mestre de dança da corte francesa, com a intenção de elevar o nível técnico dos bailarinos, encarregou-se de afastar gradativamente os amadores e formar um cor-

po profissional. Ele organizou um ensino sistematizado, criando as cinco posições básicas dos pés para o balé e inserindo mulheres no grupo, em 1681. Após anos de aprendizado e exames rigorosos, os bailarinos recebiam certificação que lhes conferia o direito de lecionar em instituições públicas ou privadas¹.

Com o passar do tempo, para que também demonstrassem a etiqueta da realeza a qual pertenciam, outras cortes europeias também incentivaram a criação de academias de balé. Na Rússia, a escola de balé de Leningrado foi criada em 1738 e a de Moscou, em 1773. Na Áustria, a escola de balé de Viena é de 1771. No século 18 era comum, em Portugal, que os reis da Casa de Bragança contratassem coreógrafos estrangeiros para ensinar membros da realeza².

No Brasil, ao longo dos séculos 17 e 18, as elites econômicas viabilizavam, de maneira intermitente, a apresentação de companhias vindas da Europa em muitas e pequenas casas de óperas, espalhadas por algumas cidades.

A primeira referência sobre organização e ensino de balé clássico é do período do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Em Lisboa, o príncipe regente Dom João mantinha em sua corte orquestra e companhia de balé como forma de realizar espetáculos de entretenimento e demonstrar sua etiqueta perante outras casas europeias.

Mesmo com a transferência da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, em

1808, a realeza manteve seu gosto pela música clássica e pelo balé. Sob ordem do príncipe regente, em 1810, Pedro Colona, maestro responsável pela companhia de balé e pelos espetáculos na Capela Real, chegou ao Brasil para continuar organizando apresentações artísticas para todos os membros da nobreza lusitana que também se refugiaram das guerras napoleônicas em terras d'além mar.

Com ele, vieram o maestro Marcos António da Fonseca Portugal, nomeado compositor oficial da corte e mestre de música de Suas Altezas Reais os Infantes, responsável pela construção e supervisão das casas de espetáculos, como o Real Teatro São João (atual Teatro João Caetano), inaugurado no Rio de Janeiro em 1813, e também o francês Luís Lacombe, dançarino e coreógrafo, que recebeu o título de compositor de danças e maestro de danças da Casa Real.

Lacombe tornou-se o responsável pela primeira coreografia de balé montada no Brasil, que integrava a peça teatral de Marcos Portugal, intitulada *L'oro non compra amore*. Contudo, foi por outro fato marcante que ele ficou conhecido: com apenas dois dias que havia chegado ao Brasil, fez circular o primeiro anúncio sobre ensino de danças “a qualquer pessoa civilizada da cidade” no jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*³.

Os registros históricos mencionam que as apresentações de balé clássico no século 19 ficaram restritas às companhias estrangeiras que faziam turnês com frequência, sobretudo em teatros cariocas. Por sua vez, o ensino mantinha-se restrito a particulares interessados.

No início do século 20, momento em que se consolidava a Proclamação da República, teve início no Distrito Federal do Rio de Janeiro, por iniciativa das elites político-econômicas, reformas urbanísti-

cas com o intuito de tornar a localidade parecida com uma metrópole europeia. Em 1909, foi inaugurado o Teatro Municipal do Rio de Janeiro e, em 1913, houve a primeira tentativa de se abrir uma escola de dança oficial, cuja função seria enriquecer as temporadas líricas da cidade.

Contudo, somente quando a Companhia de Dança Russa de Anna Pavlova fez temporada no Rio de Janeiro, surgiu a primeira instituição permanente de ensino de balé. Sua primeira bailarina, Maria Olenewa, reuniu as condições necessárias para ter autorização de oferecer aulas na sala número 70 do Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 21 de abril de 1927. Ao assinar os decretos 3.506 e 3.507, o então prefeito, Adolpho Bergamini, oficializou a responsabilidade do Estado sobre a Escola de Danças Clássicas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Seu corpo de baile foi oficializado apenas em 1936. Dezenas de bailarinos se formaram ao longo dos anos, mas o reconhecimento oficial desses profissionais aconteceu apenas em 1956.

A partir do exemplo carioca, outros Estados brasileiros contaram com a existência de escolas de dança: Escola de Bailados Clássicos Lya Bastian Meyer, no Rio Grande do Sul, em 1932; Escola Experimental de Dança Clássica de São Paulo, em 1940; Escola de Dança da Universidade da Bahia, em 1956, etc⁴.

Além de iniciativas públicas, inúmeros alunos que se formaram nessas escolas de balé passaram a organizar cursos de formação de bailarinos clássicos em instituições próprias, ou porque gostariam de trabalhar com a dança e não conseguiram espaço para exercer a profissão em alguma companhia, ou, se conseguiram, após deixarem a carreira, optaram pela docência. Eles tentaram oferecer a melhor formação

possível, mesmo aos alunos que não tivessem as melhores condições financeiras ou não possuísssem as características físicas indispensáveis à profissionalização em balé clássico. Devido à demanda, essas escolas optaram por oferecer outras modalidades de dança, como de salão, sapateado, jazz, etc.

Atualmente, as escolas de balé clássico oferecem curso profissionalizante, normalmente ordenado em oito anos. Certificado, o bailarino ou bailarina pode se tornar docente ou tentar a carreira profissional, neste caso, precisa ter o registro de bailarino em sua carteira profissional expedido pela Delegacia Regional do Trabalho, após exame feito no sindicato dos profissionais da dança do Estado onde reside ou trabalha⁵.

É neste contexto que se observa as escolas de dança que se formaram em São Caetano do Sul, a partir da segunda metade do século 20, com intuito de formar bailarinas e bailarinos aptos tecnicamente para prestar o exame e conseguir o registro profissional ou para especializar-se futuramente na docência. **R**

NOTAS

¹ COURNAND, Gilberte. *Beauté de la Danse*. Paris: Gautier-Languereau, 1970. BOURCIER, Paul. *Histoire de la Danse en Occident*. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

² GUIMARÃES, Daniel Tércio Ramos. *História da Dança em Portugal – Dos Pátios das Comédias à Fundação do Teatro São Carlos*. 1996. Tese (Doutorado), Lisboa, 1996.

³ COSTA, Maria Leonor. Quem dança, o tédio espanta – Bailas da nobreza europeia animam a vida social na capital do Império, dando início à cultura festiva do Rio de Janeiro. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 94, jul. 2013.

⁴ VINCENZIA, Ida. *Dança no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Atração Produções Limitadas, 1997. CAMINADA, Eliana. *História da Dança – Evolução Cultural*: Sprint Editora, 1999.

⁵ NAVAS, Cássia. Leis para as danças do Brasil, desafio para todos. In: *Lições de Dança – 5*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade, 2005. Confira também o site do SINDDANÇA/SP www.sinddanca.com.br.

ANDRÉ APARECIDO BEZERRA CHAVES

É LICENCIADO, BACHAREL E MESTRE EM HISTÓRIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. É HISTORIADOR, ESCRITOR E PROFESSOR DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DO EXTERNATO SANTO ANTÔNIO E MEMBRO DO CONSELHO DIRETOR DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

CAMILA COPPINI CHAVES

É BAILARINA, COREÓGRAFA, PEDAGOGA, PESQUISADORA DO CORPO E MOVIMENTO E PROFESSORA CONVIDADA DE HISTÓRIA DA DANÇA NAS FACULDADES METROPOLITANAS UNIDAS (FMU) E DE BALÉ CLÁSSICO.

Mariana Zenaro

CLEUSA ESCANHO DE CAMARGO: A NINFA NÃO CANSADA DE BAILAR

Crédito/Neusa Schilaro Scalá

Segundo arqueólogos e historiadores, a dança tem sua origem ancestral no período neolítico, não como espetáculo artístico ou expressão desportiva, ela nasce do rito, como uma “cerimônia dançada”. Na gruta de Pech-Merle (França), há dezenas de milhares de anos, as mulheres dançavam para obter maior fecundidade. Pinturas rupestres e marcas de pés nas argilas apontam para essa hipótese. A dança na antiguidade marca festejos de guerra e paz, evoca o triunfo, a prosperidade e a fartura na colheita, instintivamente, metricamente, ritmicamente, harmonicamente.

No medievo, inventa-se a retórica corporal, segue-se um contexto que evolui para dança-espetáculo. Na renascença, nasce o balé de corte. Foi o termo italiano *balletto* (“dancinha”, “bailinho”) que deu origem à palavra francesa *ballet*. À época, tratava-se de uma diversão muito apreciada pela nobreza local. Mas o balé só atingiria seu apogeu no século do rei Luís XIV.

Cleusa Escanho de Camargo esbanja jovialidade em uma das salas de aula do Studio Giselle, fundado em 19 de novembro de 1978. Foto de 18 de fevereiro de 2014



Em 1669, Luís XIV fundou a Académie Royale de Musique, que abrigava uma escola de balé. Por volta do século 18, os espetáculos passaram por outra transformação, concentrando-se mais na música e na dança.

E foi também no século 18 que as bailarinas começaram a se rebelar contra a indumentária que usavam até então e que limitava os movimentos. Por causa dessa restrição, os homens eram os que tinham os papéis de destaque nos espetáculos. Como as coreografias cheias de saltos e giros ganhavam espaço, as mulheres tiveram de reagir. A belga Marie Ann Cupis de Camargo baixou os saltos de seus sapatos e encurtou suas saias para desenvolver melhor sua dança. Não

por acaso, foi uma das primeiras bailarinas de relevância da história. Outra mulher teria marcado o desenvolvimento do balé, a italiana Marie Taglioni. Ela foi a pioneira a dançar na ponta dos pés, hoje o movimento mais identificado com o balé clássico. A americana Isadora Duncan foi a pioneira da dança moderna. Desde jovem acompanhou cursos de dança acadêmica, mas recusou o sistema e criou uma modalidade seguindo seu temperamento: livre, cheia de vitalidade e originalidade.

São Caetano do Sul também teve em sua história cultural a presença de bailarinas de brilho, como Toshie Kobayashi, Sandra Amaral, entre outras. Que, à semelhança destas tantas bailarinas, promoveram verdadeiras transformações em seu entorno por meio da paixão pela dança. Exemplo disso é Cleusa Escanho de Camargo, mulher pioneira, plena de vivacidade e determinação. Teve o mérito de democratizar essa linguagem artística no município. Abriu os horizontes para que centenas de garotas pudessem incorporar em suas vidas a prática dos bailados, tanto como modalidade artística quanto para deleite pessoal, um *hobby* prazeroso.

A dança parece um sonho glamoroso e um tanto distante para muitas garotas (e

talvez para alguns garotos, que sofrem com o preconceito e machismo), sobretudo no balé clássico, que exige demasiada disciplina e dedicação para alcançar os movimentos que somente as musas, ninfas e semideuses ousaram conseguir. Cleusa Escanho de Camargo, bailarina clássica de formação, viveu os idílios e as dores que o balé proporciona àqueles que desejam nele mergulhar, para, dia após dia, treino após treino, superar-se. Conseguir perfeição e superação no balé é como roubar o fogo dos deuses. Esta situação já inspirou até filme hollywoodiano, como *Cisne Negro*, dirigido por Darren Aronofsky. Cleusa, como todos nessa profissão, é inteiramente consumida pela dança desde a tenra infância.

Filha de Aristeu Escanho e Florida Martins Escanho, nasceu em São Caetano do Sul em 8 de outubro de 1947. Aos 66 anos, mãe de Alan, amigo e companheiro, é ainda muito jovem de espírito, demonstra leveza e graciosidade, habilidade que provavelmente adquiriu no lide com o bailado. “A dança sempre me deu muito prazer. Eu convivo com jovens, o que dinamiza a minha vida. Só quem está bem vem dançar”, afirma. Cleusa tinha biótipo ideal para o balé, pequenina, magra, de dimen-

sões delicadas, aquela bailarina com a qual todo bailarino sonha em fazer um *porté*. Contudo, inicialmente, sua mãe havia colocado a irmã três anos mais velha, Cleide, para dançar, a fim de satisfazer um gosto não vivenciado, mas a professora percebeu que Cleusa tinha mais habilidade e recomendou que fosse instruída no balé. “Minha irmã tinha mais o perfil de esportista”, conta.

Cleusa se considera uma “filha de São Caetano”. Em princípio, estudou dança com bolsa de estudo subsidiada pela prefeitura de São Caetano, pois quando começou sua trajetória ainda não havia nenhuma escola especializada no município. Muitos anos mais tarde, devolveu tudo com “juros e correção monetária” à cidade que nela apostou as fichas. Iniciou os estudos de balé clássico aos 4 anos, com uma professora particular no teatro do antigo Cine Oberdã, no Bairro do Brás, em São Paulo. Quando completou 9 anos, ingressou no Teatro Municipal de São Paulo. Cleusa relembra o quanto o apoio da política municipal de bolsa de estudo foi imprescindível em sua formação profissional: “Desde o princípio fui amparada pela Prefeitura Municipal de São Caetano para formar-me bailarina. A prefeitura pagava as minhas mensalidades,



Cleusa Escanho de Camargo, bailarina clássica, ex-coordenadora da Escola Municipal de Bailado e diretora do Studio Giselle Danças, sendo homenageada pelo prefeito Oswaldo Samuel Massei em 1970



Prefeito Luiz Olinto Tortorello discursando na Feira do Verde em 21 de outubro de 1989. Evento realizado no clube São José. Foram identificados ainda Tereza Linares, Cleusa Escanho, diretora da Escola Municipal de Bailado e do Studio Giselle Danças, Silvia Marzano, Moacir Guirão, Celso Marzano, Avelina Santa Romanelli Tortorello, Antonio Perin, Olga Meira, Antonio Neves (Tostão) e Heleninha Petronilho

Cleusa Escanho de Camargo promoveu inúmeros espetáculos de dança beneficentes na cidade. Sempre aliou arte e ações solidárias, o que lhe conferiu o título de cidadã emérita pela Câmara Municipal de São Caetano do Sul, em 1985, na administração do prefeito Hermógenes Walter Braido. O diploma é guardado como relíquia, reconhecimento de anos de empenho voltado para a dança e ações beneficentes

pois eram cursos caríssimos, uma vez que havia poucos professores especialistas em dança. Não havia tanta facilidade nessa área como há hoje”. A prefeitura de São Paulo criou a Escola Municipal de Bailado, hoje Escola de Dança de São Paulo, fundada em 1940, como centro referencial de ensino de dança. Antigamente, a escola se situava embaixo do Viaduto do Chá. “Eu dancei muitas vezes no Theatro Municipal de São Paulo, fazíamos nossas apresentações de final de ano lá, porque a escola era vinculada ao teatro.” A Escola Municipal de Bailado de São Caetano do Sul somente seria criada em dezembro de 1965 (durante o primeiro mandato do prefeito Hermógenes Walter Braido) com a denominação de Curso Municipal de Balé e suas atividades iniciaram-se em 1966, tendo como primeira professora a própria Cleusa Escanho.

Sua desenvoltura permitiu que ganhasse muitos prêmios de dança pela TV Record, na famosa *Grande Gincana Kibon*. “Naquela época não havia videotape, todo mundo se apresentava ao vivo. Quando a TV Record completou 50 anos, passaram vinhetas com os melhores momentos, e eu me via nas chamadas. Era muito prazeroso. Eu cheguei a dançar até na TV Tupi”, relembra. Ela seguiu sua caminhada, sempre trilhada pela dança, e começou a defender o seu trabalho na televisão com o flamenco. Nem o boato deste tipo de dança não agradar ao apresentador da *Gincana Kibon*, Vicente Leporace, impediu Cleusa de brilhar. “Diziam que Lepo-

race, o apresentador e jurado da atração, não gostava de dança flamenca porque normalmente era apresentada de forma caricata. Ele dizia, quando eu me apresentava, que gostava do meu estilo de dança. Gosto do flamenco castiço, com castanholas, sapateado, etc. Tive bons professores”, afirma. Foi premiada como a melhor da semana, melhor do mês, melhor do ano. E, depois de oito anos de certame televisivo, foi realizada uma competição entre os melhores dos melhores e Cleusa Escanho sagrou-se campeã.

“Comecei muito cedo a dançar, com 4 anos. Na época era muito difícil, havia muito preconceito relacionado à dança. Meus avós por parte de pai eram contra, viam isso como se eu estivesse sendo encaminhada ao mau caminho. Eles diziam que o ambiente não era propício para uma criança. Havia muito tabu, muito preconceito. Meu avô paterno, Henrique, que era espanhol, quando me via passar, falava, pejorativamente: ‘Mira la bailarina!’. Minha mãe teve muita garra, foi uma pessoa muito determinada. Ela levava minha irmã e a mim para São Paulo, íamos de trem. Foi minha heroína, era minha fã número um. Quando eu dançava, saía do palco e perguntava a ela: ‘Dancei bem, mamãe?’ Porque ela ficava brava se eu não me apresentava a seu contento. Ela era muito graciosa, tinha uma postura muito bonita, mas não era bailarina e se projetava em mim”, relembra. Cleusa teve bastante ajuda de antes da família e contou com extrema dedicação e incentivo da mãe para poder

Acervo/Cleusa Escanho de Camargo



Meninas em aula de balé clássico no Studio Giselle

prosseguir com o projeto de se tornar bailarina profissional. “Naquela época era muito difícil formar uma filha na dança, tudo era muito caro, desde os estudos em si até confeccionar fantasias. Minha família era grande, de ascendência espanhola. Cada um ajudava um pouquinho, um comprava as lantejoulas, outro ajudava a costurar as fantasias e a bordá-las. Minha família ajudou muito na minha formação neste sentido, e, em boa parte, por dedicação da minha mãe. Ela foi muito insistente. Houve épocas que eu não queria mais continuar no balé. Ela jamais permitiu. Continuei até o fim. Não consigo ficar longe da dança”, recorda.

Em 1965, aos 18 anos, Cleusa estava se formando em balé pelo Theatro Municipal de São Paulo e já dava aulas no curso de balé da Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc), sediada no Edifício Vitória. Nesta época, Cleusa foi solicitada para dar aulas na Concha Acústica, ao lado de onde hoje está a Câmara Municipal. Havia apenas duas salas pequenas, uma de espera e a outra onde foram instaladas barras e espelhos. Um tanto precário, mas era somente o início de um trabalho em prol da democratização do balé no município. Mais adiante, o prefeito disponibilizou um prédio da Rua João Ramalho, no Bairro Nova Gerty, para sediar o curso de dança. Então foi fundada a Escola Municipal de Bailado de São Caetano do Sul e as aulas começaram a ser oferecidas gratuitamente aos munícipes. A escola chegou a ter 980 alunos. Eram seis professores, contando com Cleusa Escanho, que foi diretora por 18 anos. Depois vieram Denise Namur, Sandra Amaral e Audrey Ferranti, também grandes bailarinas. Em 1996, a Escola Municipal de Bailado chegou a trazer um bailarino da renomadíssima companhia de balé russa Bolshoi para ministrar aulas, com subvenção da prefeitura. “Eu escolhi uma bailarina, Dircilene de Lima, e o bailarino Ale-



Acervo/Cleusa Escanho de Camargo

xander Vladimirovich fez um *pas de deux* com ela, embalados pela *Valsa n°7* de Chopin, do balé *Les Sylphides*. As meninas ficaram agitadíssimas, receberam o diplominha de participação do curso das mãos dele. Foi uma glória”, comenta orgulhosa e saudosa.

Em certo momento de mudança de administração na cidade, Cleusa se desligou da Escola Municipal de Bailado. Foi quando deu mais um ousado passo em direção a ampliar os domínios da dança em São Caetano do Sul. No dia 19 de novembro de 1978 fundou o Studio Giselle Danças, localizado inicialmente na Rua Rafael Correia Sampaio. O nome da escola, Giselle¹, é uma homenagem ao balé romântico escrito em 1841 pelo poeta francês Pierre Jules Théophile Gautier, inspirado por outro poeta, Christian Johann Heinrich Heine, e escrito em dedicatória à bailarina que amava, Carlotta Grisi. O trabalho prosperou, a demanda pela formação no balé e em outras modalidades de dança aumentou e foi necessário mudar-se para um edifício maior. Assim, o Studio Giselle passou a funcionar na Rua Oswaldo Cruz, onde está de portas abertas até hoje. “Aqui temos três salas de aula, duas grandes e uma pequena, reservada para *kids*. Nossos alunos brincam que devíamos fechar a rua para poder ter mais espaço e oferecer mais aulas”, comenta a

Em 1996, bailarino da companhia russa de dança Bolshoi, Alexander Vladimirovich ministrou curso na Escola Municipal de Bailado de São Caetano do Sul, subvencionado pela prefeitura. Na foto, Vladimirovich entrega certificados às alunas. À mesa está presente Cleusa Escanho, coordenadora da escola na época

proprietária. Atualmente o Studio Giselle oferece aulas de balé clássico, jazz, dança de salão, dança do ventre, sapateado americano, flamenco, *street dance*, zumba, *zouk* e até o modismo do sertanejo universitário. A escola organiza apresentações no Teatro Paulo Machado de Carvalho todos os anos e a retrospectiva de final de ano é realizada em maio.

Tempos mais tarde da fundação da escola particular de dança, Cleusa foi novamente convidada a dirigir as atividades da Escola Municipal de Bailado. Não demorou muito para o Studio Giselle se destacar nos festivais e competições de dança pelo Brasil e mundo afora. Foi premiado inúmeras vezes no Encontro Nacional de Dança e no Festival de Joinville, um dos eventos de dança mais renomados do país e considerado o melhor festival da América Latina. O Studio Giselle soma, em média, 12 primeiros lugares, entre outras premiações. Em 1993, trouxe para São Caetano Lennie Dale, bailarino norte-americano que introduziu o jazz no Brasil. Ele apresentou-se com o espetáculo *Baila Comigo*.

Com toda esta somatória de premiações e tendo a dança como ideal de cultura para o município, São Caetano se destacou na cena cultural. Cleusa tem orgulho em dizer seus feitos, sem nenhum constrangimento de parecer vaidosa, pois sabe que o reconhecimento é fruto de anos de estudo e trabalho bem construído. “Fiz muita coisa porque fui precursora, sou a mais velha. Eu sou da cidade e sempre concorri nos festivais por São Caetano. A prefeitura ficava honrada, feliz e enchia de faixas as ruas da cidade, divulgando que uma escola de dança do município havia sido premiada nos festivais de dança, como em Joinville. Todo ano íamos e ganhávamos bons prêmios, por isso o Giselle fez sua fama ao longo destes quase 36 anos de existência e trabalho.”

À frente do Studio Giselle, Cleusa começou a promover espetáculos beneficentes na

cidade. “Tínhamos uma parceria com o Lar Escola Irmão Alexandre e trazíamos meninas para fazer aulas de balé, dávamos os uniformes e as fantasias. Elas também dançavam”, recorda. Assim, Cleusa Escanho desenvolveu um trabalho amplo de filantropia. Foram realizados muitos outros espetáculos, em benefício da pediatria do Hospital São Caetano, por exemplo, e campanhas específicas, como para um garoto que tinha leucemia. Até a maçonaria contou com a colaboração de Cleusa e do Studio Giselle para promover eventos em benefício de causas sociais. Outra iniciativa prestimosa foi um espetáculo para o Lar Nossa Senhora das Mercedes, abrigo de idosas, situado na Avenida Kennedy. Mediante o resultado desse empenho e contribuição social por meio da arte, Cleusa Escanho de Camargo foi apontada para receber o título de Cidadã Emérita de São Caetano do Sul pela Câmara Municipal em 1985, na administração de Hermógenes Walter Braidó. “Foi um momento de muita emoção. Houve um coquetel para a entrega do título, tudo muito bonito”, rememora Cleusa. E os projetos não pararam. Nas administrações do prefeito Luiz Olinto Tortorello, o Studio Giselle desenvolveu, em parceria com a Diretoria de Cultura do município, que tinha à frente Daniel Contro, um projeto com as escolas municipais de ensino infantil. Os alunos visitavam os institutos de dança da cidade, onde se fazia um trabalho pedagógico por meio da dança. Eram organizados festivais em que a prefeitura fornecia uniformes e fantasias para as crianças. “Foi uma mobilização de suma importância para a cultura e educação na cidade. As EMEIs eram as meninas dos olhos do prefeito Tortorello”, explica Cleusa.

Para ela, a dança envolve presença de espírito, determinação, muito empenho e disciplina para poder se aprimorar. Fundamentalmente, requer uma habilidade inata para alcançar a excelência, algo como dom: “Assim como na músi-

ca, na dança há de se ter talento. É claro que se começar com estudo bem rigoroso desde muito cedo, as chances de se desenvolver bem são maiores”. Na Rússia, dança-se oito horas por dia, como ofício, profissão, pois quanto mais se pratica, mas se aproxima da perfeição. A formação no balé clássico leva mais de nove anos. No Studio Giselle, atualmente são mantidas aulas em todos os níveis. “A coordenadora do Giselle é fisioterapeuta e professora de balé. Ela acompanha o programa de aula, o repertório, quem e como vai aplicar a aula para as crianças, caso haja casos de alunas com lordose, escoliose, pois o trabalho desenvolvido deve ser direcionado e com exercícios específicos para jamais haver contusões. Se (*a aluna*) não tem força muscular, não pode passar para a ponta, tem que primeiro trabalhar bem a meia ponta e preparar a musculatura, há que fortalecer, fazer alongamentos. A responsabilidade é muito grande, haja visto que eu nunca contundi nenhuma aluna. O adulto é mais fácil, pois a ossatura já está pronta e o risco de contusão é menor que em uma criança”, afirma.

Cleusa Escanho é responsável por ajudar uma série de mulheres maduras a realizarem um sonho de infância e viverem momentos de plena realização ao praticarem balé clássico. É no tablado do Studio Giselle, sinônimo de tradição em dança na cidade há 36 anos, que cerca de 60 alunas, com idade entre 25 e 45 anos, e um aluno com mais de 30 anos, semanalmente realizam o anseio de bailar embalados pela música clássica. Além de representar uma superação para muitas mulheres que acreditam não ser mais possível realizar os elegantes passos desta dança por conta da maturidade, fazer parte de um grupo de balé na fase adulta é realizar o sonho dos tempos de criança, já que muitas não tiveram a chance na infância por falta de acesso ou por não se sentirem adequadas fisicamente para seguir adiante. Apenas uma ínfima parcela da população

poderia ser bailarina clássica se considerássemos apenas o tipo físico ideal para a prática do balé, meninas pequeninas, esguias, graciosas. “Há de se gostar muito do que se faz para fazer bem feito. Há adultos que encontram prazer na aula de balé clássico. Há uma psicóloga, que fez parceria com o Giselle, para encaminhar pacientes para dançar como parte da terapia. A dança tem este papel de elevar a autoestima, desinibir, devolver alegria. As pessoas estão cansadas da ideia de fazer academia de ginástica para manter o físico. Agora a moda é o ‘ballet fitness’. Faz-se toda a atividade aeróbica das academias, mas com base nos princípios do balé e com música clássica, é claro. O adulto assimila mais rápido. A proposta do adulto no balé clássico tem tido uma resposta muito boa, tivemos uma turma que apresentou *E o vento levou*, e uma aluna, após o espetáculo, abraçou o marido e chorou copiosamente de tanta alegria de perceber que havia conseguido se superar”, relata.

Cleusa Escanho traz a vitalidade da dança para sua vida e leva isso a outras pessoas que podem encontrar nos movimentos do corpo o caminho para purificar o espírito. É na dança que muitos encontram a alegria de viver, aprendendo com cada um dos movimentos a levar o balanço da vida. **R**

NOTAS

¹ Gautier havia apresentado o tema do balé *Giselle* à direção da Ópera que, por precaução, fez com que o assunto fosse trabalhado por um libretista especializado, Jules-Henri Vernoy de Saint-Georges. O balé foi rapidamente montado e estreou em 28 de junho de 1841. Teve as coreografias montadas pelos mestres Jean Coralli e Jules Perrot. Na trama, o príncipe Albert, escondido por trás do nome de um certo Loys, corteja uma camponesa, Giselle. Quando descobre a identidade real de seu amado e toma conhecimento do casamento próximo de Albert com a princesa Bathilde, Giselle morre. No segundo ato, o “ato branco”, numa floresta misteriosa, ela é recebida pelos Willis, fantasmas de jovens noivas mortas antes de contrair as núpcias. Albert, cheio de remorso, viera depor flores no túmulo da camponesa, e fora surpreendido por elas e condenado por sua rainha, Myrtha, a dançar até morrer de cansaço. Como não consegue o perdão da dirigente, Giselle presta ajuda ao amado e, por muitas vezes, o substitui na dança de penitência. Ao chegar da aurora, as Willis desaparecem, e Giselle volta a descer a seu túmulo. O sucesso desta obra foi tão grande que *Giselle* se tornou um apelo publicitário: uma modista de Paris lançou uma flor artificial com o nome do balé. Um fabricante inventou um “tecido sedoso, gracioso, como a diva inspiradora de *Giselle*”, a senhorita Carlotta Grisi; sob suas feições, surgiu para nós a ninfa Giselle¹ (*Journal de femmes*, outubro de 1841).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

BOUCIER, Paul. *História da Dança no Ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
FARO, Antônio José. *Pequena História da Dança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2011.

FONTE

<http://www.viversaocaetano.com.br/bale-classico-cai-no-gosto-de-mulheres-adultas/>
Acesso em: abr. 2014.

MARIANA ZENARO

É JORNALISTA, HISTORIADORA E PÓS-GRADUADA EM BENS CULTURAIS PELA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. É COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL NA DIVISÃO DE PESQUISA, PRODUÇÃO E DIFUSÃO CULTURAL.

Talita Scotá Salvatori

DIVA THOMÉ

TRAJETÓRIA DA BAILARINA, COREÓGRAFA E PROFESSORA

“ A essência da dança é a expressão do homem – a paisagem interna de sua alma. [...] É o desconhecido – quer sejam os mitos, quer as lendas, quer os rituais – que nos proporciona nossas lembranças. É a eterna pulsação da vida, o desejo absoluto. ”

Martha Graham

Fundadora e principal dirigente do Centro Educacional de Dança Movimentação e do Movimento Grupo de Dança, em atividade há quase quatro décadas, sempre conquistando prêmios e formando bailarinos, Diva Thomé tornou-se importante figura na dança e uma referência indispensável para profissionais, aficionados e artistas dedicados à arte da dança, por sua longa e profícua trajetória como bailarina, coreógrafa e professora.

Ao analisar seu histórico profissional, torna-se indispensável vislumbrar o contexto integral de sua trajetória através da qual Diva desenvolveu sua carreira pessoal e seu importante trabalho como mestra e divulgadora da arte da dança como um todo, movida sempre por uma saudável espontaneidade que conta-

Diva Thomé em apresentação em palco aberto no centro da cidade de São Paulo, em 1991

giou seus seguidores. Diva Thomé nasceu em São Caetano do Sul e diz considerar-se um patrimônio da cidade onde vive e desenvolveu sua carreira de muito sucesso.

A pequena filha de Ernesto Thomé e Dirce Lindolfo Thomé já sabia desde muito cedo que havia nascido para a dança. Diva revela que seu lado artístico sempre se manteve latente em sua vida. Tanto isto é verdade que iniciou seus estudos de dança com apenas 4 anos de idade, no ano de 1962, no curso da Associação Desportiva Classista General Motors de São Caetano do Sul. E, em uma de suas reminiscências, nos conta que bem cedo teve de recorrer à criatividade: “Antigamente, não existiam aqui salas de aula. Fazíamos balé no palco do salão de festas, onde não havia barras. Quando precisávamos fazer um exercício mais puxado, as mães sentavam-se em cadeiras posicionadas no palco para que tivéssemos onde nos apoiar”.

Diva passou também pela Associação Cultural e Artística de São Caetano do Sul (Acasc), cuja sede, na época, localizava-se no andar superior do prédio onde funcionava o Cine Vitória, na Rua Baraldi, até mudar-se, mais tarde, com sua turma, para uma sala de aula situada sob a antiga Concha Acústica, na Avenida Goiás. No local, posteriormente, passaria a funcionar a Escola Municipal de Bailado.

Diva Thomé fez parte da primeira turma de balé clássico formada pela escola municipal, que hoje leva o nome de sua irmã, Laura Thomé, falecida tragicamente em 1983, em razão de um assalto ocorrido em um estabelecimento bancário da cidade.

Em meados dos anos 1970, após ter se formado bailarina clássica, sentindo que chega-

ra o momento de transmitir os conhecimentos da arte que estudara, e também de passar suas ideias próprias, Diva fundou o Centro Educacional de Dança Movimentação e passou a ministrar aulas de dança em São Caetano do Sul.

O encontro com seu marido, Hamilton Ramos, também se deu pela dança. Juntos, fundaram, em 1984, o Movimento Grupo de Dança, do qual Diva é bailarina e coreógrafa ainda hoje, trabalho pelo qual foi premiada em todos os grandes festivais do país. Um dos pioneiros da região do ABC, é o único que mantém atividade ininterrupta.

Dirigido desde sua fundação por Diva e Hamilton, o grupo, graças à qualidade superior de ensino, mostrou ser um dos raros a conseguir o milagre de manter-se ativo durante estes 30 anos. E isto em um país onde o público interessado ainda é muito escasso e o patrocínio, sempre bem-vindo e necessário, é quase uma utopia.

Eclético em suas origens, desde 1988, o grupo definiu-se pela dança moderna e hoje alcançou, com muito sucesso, o que se pode considerar, um estilo próprio. No mesmo ano, através do projeto Movimentação na Rua, já deu mostras de que pretendia trilhar um caminho independente daqueles sempre mostrados nos festivais. Assim, realizando espetáculos ao ar livre em São Caetano do Sul, São Paulo e Joinville (Santa Catarina), recebeu importantes elogios de diversos críticos e respeitáveis personalidades da dança, como Umberto Silva, Ruth Rachou, Célia Gouvêia e Helena Katz.



Crédito/Antônio Reginaldo Canhoni

Diva Thomé durante entrevista cedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul no dia 27 de março de 2014

Atualmente, Hamilton Ramos não faz mais parte do grupo de dança. Destacado esportista, voltou a trabalhar com handebol, esporte no qual foi artilheiro por dez anos, envergando a honrosa jaqueta da seleção brasileira.

Quanto à vencedora Diva Thomé, em seus 55 anos bem-vividos, é dona de uma vivaz essência no ideal que abraçou e mantém-se em plena e notável forma física. Conta que é mãe de cinco filhos e também já é avó. Assim, com justo orgulho, apresenta-nos seus filhos: “Minha filha mais velha, Natália (29 anos), também professora de balé, é formada em letras e tem uma filha de 8 meses, a Aimée. Thalles (27) é mecatrônico, luta kenjutsu (Kendo) e toca guitarra. Natthan (21) é pianista e tecladista, e as gêmeas Tarsila e Thamara (18) fazem balé, circo (aéreos), pole dance, e já foram premiadas em duplas no Paulista de 2013”.

Mestra sempre preocupada em evoluir em sua técnica e levar o melhor da dança para seus alunos, Diva buscou aperfeiçoar-se e aprimorar seus estudos, formando-se, posteriormente, em balé clássico pela Royal Academy of Dance, de Londres. Especializou-se em balé clássico, repertório e composição coreográfica com renomados mestres da dança, como Ricardo Ordoñez, Halina Biernacka, Yellé Bittencourt, Ismael Guiser, Luisella de Maria, Yoko Okada, Hulda Bittencourt, Carlos Trincadeiras, Luis Arrieta, Aracy Evans, entre outros, e em técnicas modernas dos métodos Falco, Graham e Jazz com Ruth Rachou, Sônia Mota, Patty Brown, Susana Yamauchi, Ivonice Satie, Miriam Druwe, Armando Duarte, Lúcia Millás, Daniela Stasi, Floyd Flinn e Camille A. Brown. Estudou sapateado americano com a professora Kátia Barão, aperfeiçoamento com Lisa Hopkins e fez cursos de aperfeiçoamento em balé clássico com o *maître* Jean Marie, além de Dmitry Afanasaiev, Eduardo Guitierrez, Mr.



Morrow e Miss Holly Price.

Entre outros cursos da coreógrafa, podemos destacar também dança flamenca, dança de salão, sapateado irlandês, danças indiana, cigana, folclórica e étnica, esportiva, e tantos outros. Quando mais jovem, Diva fez curso técnico em publicidade no Colégio Senador Fláquer de Santo André e graduação em educação física pela Faculdade de Educação e Cultura do ABC.

Dentre seus principais sucessos, podemos citar suas participações em programas da TV Record e TV Excelsior, sua atuação como bailarina solista da Rede Globo, coreógrafa do SBT e comerciais de TV, coreógrafa e bailarina do Traditional Jazz Band, bailarina das companhias Ballet Artdance de Halina Biernacka (passando, posteriormente, a chamar-se Ballet Clássico de São Paulo), Ballet Metropolitano de São Paulo, Grupo Casa Forte e Passo a Passo, seu

Solo de Diva Thomé, *Em busca do arco-íris*, apresentado em 2010



Acervo/Diva Thomé

Apresentação da coreografia *Imagens* no Festival de Joinville, em 1988. A partir da esquerda, vemos: Sa-loly Furtado, Sílvia Poletti, Diva Thomé, Kátia Mamentow (em memória) e Marisa Milani



Acervo/Diva Thomé

Apresentação de Diva Thomé, que conquistou o primeiro lugar em Solo Profissional no Festival Nacional Passo de Arte, em 1994



Acervo/Diva Thomé

A bailarina durante apresentação de *Le Cygne* no Teatro Paulo Machado de Carvalho, em 1977



Arquivo/Diva Thomé

Alunas de Diva Thomé em imagem de 1976

desempenho como conselheira da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, entre outros.

Diva revela também que em 1981 foi coreógrafa do programa *Bozo*, transmitido pelo SBT, o qual foi premiado com o Troféu Imprensa como melhor programa infantil. Em 1989, o Movimentação Grupo de Dança foi convidado a apresentar-se na temporada de teatro e dança nos teatros municipais de São Paulo e, em 1991, apresentou-se em palco aberto no centro de São Paulo, ganhando destaque ao lado de consagradas companhias. No mesmo ano, representou a região como convidada no Festival de Dança de Campina Grande (Paraíba). O grupo de Diva foi o primeiro a trazer grandes figuras do balé para se apresentarem em São Caetano, como Ana Botafogo e o Ballet Stagium.

Atualmente é membro titular do Conselho Municipal de Política Cultural (Concult) de São Caetano do Sul, professora e diretora do Centro Educacional de Dança Movimentação e ministra workshops de dança moderna (método Graham) em todo ABC e na baixada santista. É bailarina, cantora e coreógrafa do grupo musical

Alma Cigana, integrante do grupo musical Genghis Khan, coreógrafa do Concurso Oficial Miss ABCD, ministra cursos e coreografa desfiles por toda São Paulo, região do ABC e interior do Estado. **R**

“Baile Bailarina

Dança mulher, feito menina

Pois a vida é uma intensa dança

E esta é tua sina, viver, dançar

Não deixe apenas que a música

Guie teu destino

Mas faça do seu destino

Sua alma sinta correr em suas veias,

a música que nutre, que conduz, que acalma

E sagrada seja sua dança, sua vida

Pinte no quadro de sua jornada

Uma obra que de inacabada

Jamais termina, nunca finda

Pois dançar a sua dança

É viver eternamente, intensamente

Sagrada!”

(Renê Dalton H. Raposo)

TALITA SCOTÁ SALVATORI

É HISTORIADORA, GRADUADA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Marília Tiveron

A DANÇA DA VIDA

A sul-são-caetanense Fernanda Bianchini desenvolveu método pioneiro de ensino de balé para cegos. Mais de 400 meninas já passaram por suas mãos ao longo de 19 anos

“Uma bailarina deve sempre brilhar como as estrelas, mesmo que não as enxergue.”

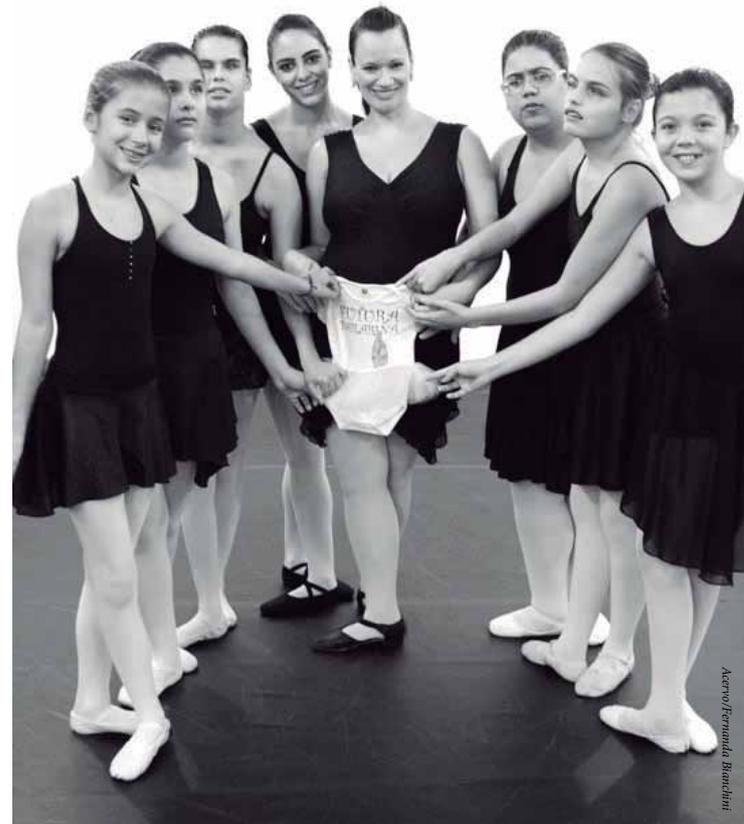
Fernanda Bianchini

Em cima do palco, as bailarinas cegas dançam balé. Não dançam entre aspas ou acompanhadas por parênteses, dançam livres, profissionais. Elas giram, saltam, fazem *plié*, *pas de bourré* e todos os passos coreografados.

No palco ou na sala de aula, não existem limitações que não possam ser superadas, sejam elas a posição das bailarinas, a falta de sincronismo ou ainda a própria deficiência visual. E é com este olhar encorajador e positivo que a sul-são-caetanense Fernanda Bianchini Saad toca a companhia que leva o seu nome.

Há 19 anos as portas da Associação de Ballet e Artes para Cegos Fernanda Bianchini, única instituição profissional de balé para cegos do mundo, foram abertas na Vila Mariana, em São Paulo. Por lá já passaram mais de 400 alunos, segundo estimativa de Fernanda. Atualmente, a escola atende cerca de 100 alunos, sendo 60 com deficiência visual. “Os demais têm deficiência intelectual, motora e auditiva. Fazemos uma inclusão de outros deficientes e também destinamos 10% das vagas para pessoas que não têm deficiência, para trabalhar a inclusão às avessas, pois elas também aprendem através do toque”, explica.

Alunas do curso de balé intermediário posam para foto ao lado da professora Fernanda Bianchini, que estava à espera de seu terceiro filho



Esta história baseada em amor, dedicação e força de vontade teve início em 1995. Na verdade, anos antes, quando Fernanda tinha apenas 15 anos e fazia trabalho voluntário no Instituto de Cegos Padre Chico, em São Paulo, uma das freiras do local perguntou se ela gostaria de dar aulas de balé para crianças cegas. Já formada pela Escola Municipal de Bailado e cursando o quinto ano na Fundação das Artes, ambas em São Caetano do Sul, Fernanda aceitou o desafio.

Contudo, ao chegar para sua primeira aula, imaginou que as alunas já estariam vestidas com collant, sapatilha e meia-calça. “Elas estavam de calça jeans, cabelo solto, e nem sabiam o que era balé. Mas, quando começaram a me tocar, disseram: ‘Nossa, que legal! Isso é balé?!’. Quando fui ensinar o primeiro passo, o *échappé sauté* (saltos em que se abrem e fecham as pernas), eu repeti o que a minha professora falava quando eu era criança, para que elas se imaginassem pulando fora e dentro de um balde. Ao dizer isso, elas me perguntaram: ‘Tia, o que é um balde? Eu nunca vi’”, relembra.

Neste momento, Fernanda percebeu que precisava amadurecer, entender o mundo dos deficientes visuais, com suas limitações e necessidades, para que depois pudesse ensinar a dança clássica. “Foi através desta troca mútua que nasceu o Método de Balé para Cegos Fernanda Bianchini.” Para adentrar neste outro universo, ela tentava realizar algumas tarefas do dia a dia fechando seus olhos.

Após sete anos de trabalhos voluntários no Instituto Padre Chico, Fernanda resolveu abrir sua própria companhia. “Lá eu só podia dar aulas para quem era do instituto. Ao sair, montei a escola com objetivos mais amplos, outros tipos de aulas e aberta para qualquer aluno.” Aos interessados, não há nenhuma restrição para fazer parte da companhia e as aulas são gratuitas. Além do balé clássico, também são oferecidos

sapateado americano, sincronismo e expressão e danças flamenca, de salão e inclusiva. Entre os resultados do trabalho, talvez o mais interessante seja a contribuição que a dança oferece para as tarefas que vão além da sala de aula e dos palcos. “Para um deficiente visual, andar na rua, por exemplo, é difícil aqui em São Paulo, mas, depois que elas aprendem o balé, fazer isso fica fácil. Elas ganham autoestima, noção de espaço, melhora de postura. Existem pessoas que falam que eu trabalho com a nata dos deficientes visuais, não é isso. Mas a dança torna o deficiente visual mais bonito, porque ele fica mais elegante.”

“Eu nunca quis que este fosse somente um trabalho voluntário bonitinho para os olhos dos outros. Sempre fui buscar na ciência as respostas para aquilo que eu precisava”, conta. A percepção corporal das alunas era trabalhada individualmente, aula a aula. Era necessário que elas tocassem seu corpo, registrassem e reproduzissem cada detalhe, mas nem sempre as cópias ficavam iguais à posição original. Para que entendessem a leveza dos movimentos dos braços, por exemplo, ela conta que, por meio de um sonho, veio a ideia de prender folhas de palmeiras nos braços das alunas para que elas sentissem a suavidade do balanço. “Foram erros e acertos. Não tinha um livro que eu pudesse ler e aplicar nas aulas.”

Pioneira, a metodologia de balé para cegos também foi tema de sua dissertação de mestrado na Universidade Presbiteriana Mackenzie, sendo depois publicada e patenteada. “Consegui provar que o método era eficaz e válido.”

Hoje, Fernanda continua sendo voluntária na associação, que conta com outros dez professores remunerados. Além disso, ela ensina o método para educadores físicos, bailarinos e fisioterapeutas de vários Estados. “A minha intenção é montar o balé de cegos no Brasil e no mundo todo. Por enquanto, existem professores que aplicam o método no Rio de Janeiro e em Manaus.”



Questionada sobre o motivo desse trabalho ainda não ter sido levado para mais locais, ela assume que a aplicação do método é o maior desafio em sala de aula: “É muito difícil, tem que ter muita dedicação. São muitas vezes fazendo errado para conseguir uma (vez) certa. Então se o professor não tiver foco, ele não chega lá. Tem de ter muita força de vontade. Muitas vezes, o cego é pacato, muito quietinho, então você tem de sempre estimulá-lo. É um aluno diferenciado que precisa de um cuidado diferenciado. Por isso, eu acho que às vezes as pessoas desistem antes de tentar ou desistem diante das dificuldades, porque dificuldades ao longo desses 19 anos eu tive inúmeras”.

Os obstáculos ainda persistem no caminho da associação. Para se manter financeiramente, a companhia conta com doações de pessoas físicas e jurídicas, palestras motivacionais para empresas, bazares beneficentes, espetáculos e da verba destinada de dois projetos aprovados e captados pela Lei Rouanet. “Não é fácil manter

uma ONG (*organização não governamental*) em São Paulo. A gente nunca teve apoio do governo. É complicado! Há meses em que meu marido e meu pai têm de ajudar a bancar. Com esses outros recursos, eu consigo manter 60% das minhas despesas, então a gente tem de batalhar sempre. Estou indo atrás de outros órgãos para que possamos ter mais tranquilidade nos próximos anos”, afirma.

Coração inclusivo – Fernanda Bianchini é um dos grandes nomes quando o assunto é acessibilidade no Brasil. Questionada se a inclusão está próxima de ser atingida no país, ela se divide entre a realidade e o otimismo. “Muito está se fazendo, mas muito ainda está no papel. A inclusão só vai acontecer quando a gente se colocar no lugar do outro e isso ainda não é feito.” E complementa: “Os deficientes não querem tudo de mão beijada, querem ser parte da sociedade, querem ser úteis, e, da forma como isso é feito em vários lugares, eles não se sentem assim. Acredito que são os de-

Alunos da Associação de Ballet e Artes para Cegos
Fernanda Bianchini se apresentam com espetáculo *As Bonequinhas*



Alunas durante *O Arco das Flores*. Todos os aspirantes da associação de Fernanda aprendem balé pelo método do toque

ficientes que devem apresentar a inclusão para a sociedade, que quer realizá-la”, diz.

Uma das críticas de Fernanda é com relação às escolas de dança, que querem fazer a inclusão, mas colocam a bailarina deficiente no centro do palco. “Ela é a melhor? Não, ela não é a melhor?! Ela só está no centro porque é deficiente? Então isso não é inclusão. Porque quem dança no meio, na frente, é a melhor. É assim que funciona a dança”, afirma.

Sobre as apresentações promovidas pela associação, ela conta que “as pessoas vão para

ver um espetáculo diferente e saem de lá com o coração diferente, com o coração muito mais inclusivo. Quanto mais espetáculos fizermos, mais pessoas vão se sensibilizar e mais elas vão mudar o jeito de ver o deficiente, por isso considero que o nosso papel é muito importante”.

Sonhos – A conquista da sede própria é definitivamente o grande objetivo de Fernanda para os próximos anos. “Pagamos um aluguel muito caro para estar perto do metrô e acessível aos bailarinos”, diz.

Acervo/Fernanda Bianchini



Sobre as comemorações dos 20 anos da companhia, que serão celebrados em 2015, ela conta que também pretende produzir um livro com a história da instituição e montar uma grande exposição de fotos das bailarinas. Apresentar-se no Theatro Municipal de São Paulo também está em seus planos. “Eu sonho muito grande. Não deixo de sonhar nunca. Queria que essas meninas dançassem no mundo in-

Acervo/Fernanda Bianchini



Geyza Pereira, aluna formada pela associação e hoje professora na instituição, ao lado de Everton Caetano na peça *Fada Açucarada*

teiro, mostrando que nada é impossível.”

Fernanda compreende que terá de batalhar para alcançar cada um desses objetivos, porém sabe que eles são possíveis. Ela utiliza como exemplo a experiência que viveu em Londres (Inglaterra), quando se apresentou com as bailarinas no encerramento das Paraolimpíadas, em 2012. “Elas representaram o Brasil dançando junto com os bailarinos do The Royal Ballet. Foi um grande sonho para a gente e lá fomos tratadas verdadeiramente como artistas. As pessoas aplaudiam as meninas nas ruas. O que eu queria trazer para o meu país é um pouco do que eu vivi lá em 20 dias.”

Ela conta que nunca imaginou as bailarinas se apresentando fora do Brasil. “Quando comecei com a associação, pensava que elas se apresentariam todo final de ano para os pais como um espetáculo qualquer. Não imaginava que tanta coisa linda ia acontecer na nossa história, mas só aconteceu porque foi uma história baseada no amor, então acho que não tem como dar errado. Quando você planta amor, você colhe amor. (...) Todos os frutos que eu colhi foram porque eu nunca quis ser famosa, uma personalidade. Eu sempre fiz (*meu trabalho*) com muito amor, muita dedicação, querendo ajudar o próximo. E, assim, os bons resultados vieram.” **R**

MARÍLIA TIVERON

É JORNALISTA E COLABORADORA DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

SANDRA AMARAL, SINÔNIMO DA DANÇA EM SÃO CAETANO



As duas imagens mostram a garotinha Sandra Amaral no início da década de 1960, quando ingressou na dança como aluna da Acascs

Sandra Amaral figura entre os principais personagens da história da dança em São Caetano do Sul e, por esta razão, não podia deixar de ser homenageada nesta edição de *Raízes*, que faz memória ao tema. Sua relação com a arte de bailar é tão intensa e simbiótica que qualquer referência ao assunto já nos remete à sua trajetória. Enfim, seu nome tornou-se sinônimo da dança na cidade.

Nascida em 12 de outubro de 1958, a sul-são-caetanense Sandra Aparecida Martins do Amaral foi apresentada ao bailado graças a uma indicação médica. Como sofria de bronquite, a dança seria uma boa alternativa terapêutica para o tratamento do problema. E foi assim que Sandra, em 1962, chegou às aulas de balé clássico ministradas na Acascsc pela professora Ivone Isaías. Por dois anos permaneceu na instituição, alcançando depois voos mais altos. Percebendo o talento de sua pequena aluna, Ivone aconselhou que o aprendizado fosse prosseguido em São Paulo. Na capital, frequentou, simultaneamente, a Academia Aracy Evans (bailarina premiada, em 1960, com o título de melhor professora de balé infantil pela Associação Paulista de Imprensa) e a Escola Municipal de Bailado, onde formou-se em 1973. Marília Franco, professora e coreó-

grafa dessa escola, foi outra referência importante nessa fase da trajetória de Sandra Amaral. Em seu currículo, consta ainda sua formação pela conceituada Royal Academy of Dance. Os conhecimentos adquiridos ao longo desse período credenciaram-na para integrar o elenco de óperas e clássicos famosos, exibidos no circuito dos grandes teatros paulistanos, como o Municipal, o João Caetano, o Arthur Azevedo, dentre outros, além de conceituadas companhias de dança, como o corpo de baile da Escola Municipal de Bailado de São Paulo.

Em 1972, abriu sua própria escola, a Escola de Ballet Sandra Amaral, na Rua Arlindo Marchetti. Localizada, atualmente, na Rua Noel Rosa, no Bairro Santa Maria, oferece formação em balé clássico, embora, acompanhando as tendências culturais veiculadas a diferentes estilos de dança, tenha se aberto a outras possibilidades, oferecendo, assim, aulas de balé moderno e contemporâneo, jazz, sapateado, flamenco, dança do ventre, balé de repertório e dança afro e de rua, como o hip hop. Dentre os professores que lecionaram na instituição, estão nomes como os de Antônio Roberto Martins do Amaral, irmão de Sandra e seu *partner* desde os tempos iniciais, na Acascsc, os argentinos Ricardo Ordoñez e Jorge Peña, Luiz Ferron, Vânia Rodrigues, Wânia Ferreira, Eliana Santis, Adriana Silva e outros, que deixaram também sua contribuição para a escola de Sandra Amaral e para o próprio desenvolvimento do bailado no município. Atualmente, seu corpo docente é formado pelos professores Erinaldo Conrado, Alex Martins, Felipe Júlio, Thainá Amaral, Cibele Chiaroty, Maria Carolina Diniz, Gabriela Cechetti, Nicole Pinotti,

Acervo/Sandra Amaral



Sandra Amaral, em dois momentos distintos, com seu irmão Antônio Roberto Martins do Amaral. Ele foi seu *partner* desde os tempos iniciais na dança, quando ambos eram alunos do departamento de balé da Acascs. Posteriormente, Roberto do Amaral tornou-se professor de balé moderno na escola da irmã

Amanda Vasquez, Elen Araújo e Priscila Santana.

A dedicação à dança e a experiência resultante de seus trabalhos fizeram com que seu nome fosse sempre requisitado para participação em encontros, festivais e demais eventos da área realizados na cidade e região, por exemplo, em edições do Encontro de Dança do ABC, promovido pelo Sesc (Serviço Social do Comércio), a partir de meados da década de 1980, com o apoio cultural da General Motors. Na segunda edição do encontro, ocorrida em 1986, além da presença da Escola de Ballet Sandra Amaral, outros estabelecimentos de ensino de dança¹ de São Caetano participaram também, os quais merecem ser destacados para fins de registro da memória pertinente ao

assunto. Foram eles: Escola de Dança Corpo Livre, Grupo de Dança FEC do ABC, Academia Scherk Center, Escola de Ballet Toshie Kobayashi, Sesc São Caetano, Movimentação Grupo de Dança, Escola de Balé Rosemeire e Studio Giselle. Na ocasião, a escola de Sandra Amaral apresentou a coreografia *Lembrando Vinicius*. E seu talento como coreógrafa continuou em evidência nos anos seguintes. Nessa qualidade, no início dos anos 1990, dentre outros tantos trabalhos, integrou a equipe da peça *Os Meninos do Brasil*, apresentada pelo grupo MCTA, sob direção-geral de Carlinhos Lira.

É interessante registrar que muitos dos professores que hoje trabalham ao lado de Sandra Amaral foram seus alunos. Dos inúmeros pupi-

Acervo/Sandra Amaral



los que aprenderam os segredos do balé com ela, alguns se projetaram e foram aprimorar sua técnica fora do país, como Wagner Santos, Thiago Santos, Clayton Dionknas, Lenita Magrini, Luíza Ginez, Ronaldo Diniz e Márcio Teixeira. Este último foi bolsista na escola de Sandra. Proveniente do Núcleo de Convivência Menino Jesus, onde teve os primeiros contatos com o bailado, por meio da professora Amanda Loula, Márcio Teixeira foi contemplado com uma bolsa de estudo junto ao English National Ballet School, em Londres, passando, primeiro, pelo Canadá, quando ingressou no Pacific Dance Arts (PDA), de Vancouver.



Acervo/Sandra Amaral

Nesta imagem do início da década de 1970, Sandra Amaral mostra sua técnica

Sandra Amaral com o filho Roberto, ao lado da consagrada bailarina brasileira Ana Botafogo, durante festival em Aracaju (Sergipe), no final da década de 1980, aproximadamente. A Escola de Ballet Sandra Amaral participou do evento em questão



Acervo/Sandra Amaral

Atenta à possibilidade de descoberta de novos talentos e à oportunidade de tornar acessível o universo da dança a inúmeras crianças, Sandra Amaral, a partir de sua tradicional escola, realiza audições naquele Núcleo de Convivência e também em outros centros, como no Heliópolis e no Ceu Meninos, em São Paulo. Tal iniciativa constitui um importante trabalho social, que auxilia na desconstrução da opinião predominante de que a prática do balé restringe-se a uma elite ou parcela ínfima da sociedade. Pensamento surgido não por acaso, uma vez que se sedimentou, historicamente, em torno das próprias orientações, parâmetros, circunstâncias e exigências inerentes a essa arte.

Mas, em se tratando do artístico, nada está posto definitivamente e o que parece intocá-

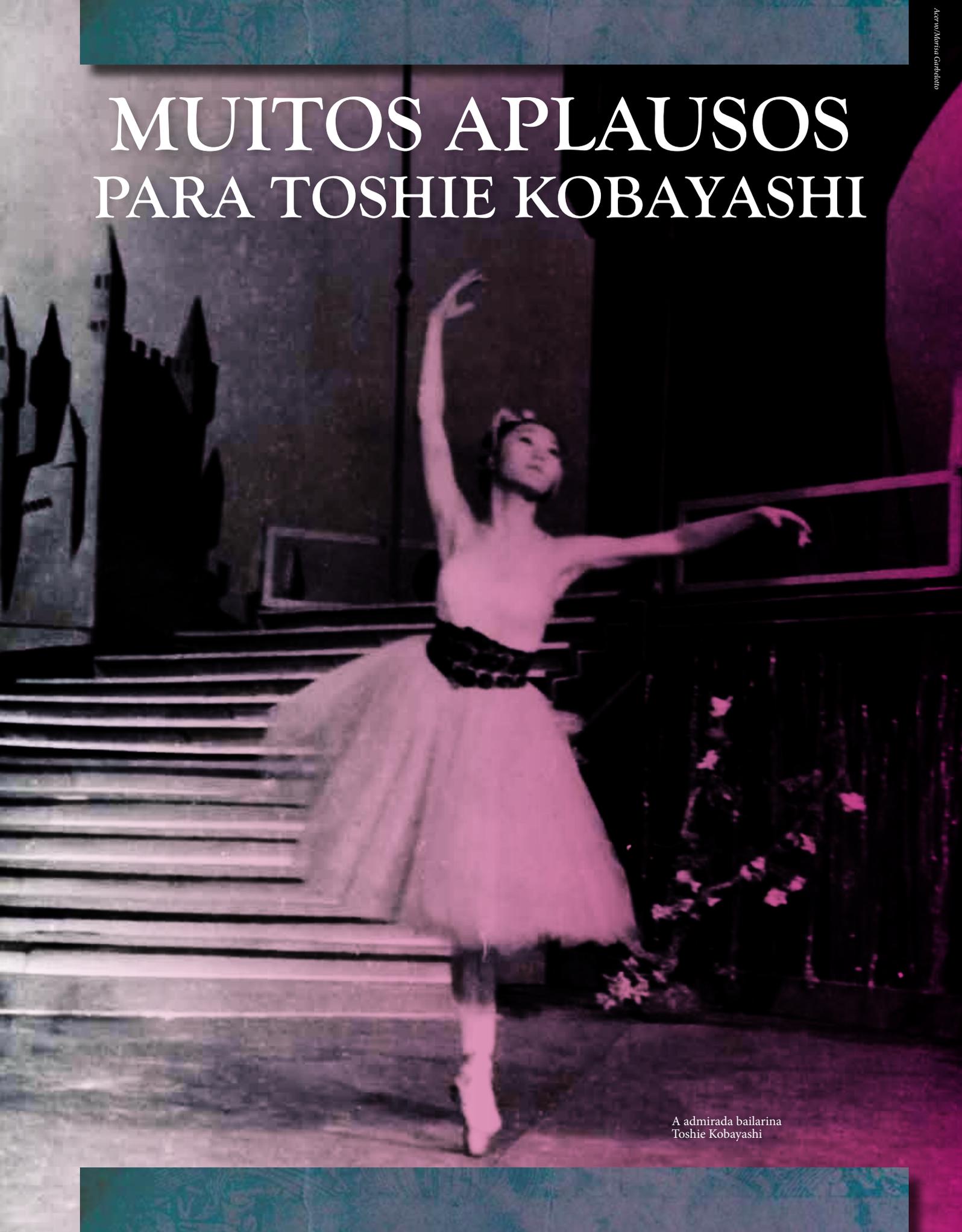
vel pode ser mudado, apropriado e repensado. E, acreditando nisso, Sandra Amaral vem deixando sua marca inconfundível na dança praticada e promovida em São Caetano, sendo sinônimo dela, quer à frente de sua escola, quer no comando da Escola Municipal de Bailado Laura Thomé, que dirige desde o final da década de 1990. Vale ressaltar que, entre 1976 e 1980, ela teve sua primeira passagem pela instituição em questão como diretora e professora. São muitos os contributos... São Caetano do Sul agradece, Sandra Amaral! **(Cristina Toledo de Carvalho)R**

NOTAS

Artigo elaborado com base nas informações fornecidas por Sandra Amaral durante entrevista concedida à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul no dia 8 de maio de 2014.

¹ Dentre os estabelecimentos de ensino de dança de São Caetano, foi encontrada uma referência, de 1971, ao Curso de Danças Fornaciari, de propriedade de Waldemar Fornaciari. Situava-se na Rua Santa Catarina, nº 251, 1º andar, sala 1. Levando em consideração que o registro em questão não trouxe nenhum outro detalhe que pudesse apontar mais dados sobre as atividades de tal escola, fica apenas essa breve alusão. *Quem é quem no Grande ABC*. São Paulo; Santo André: Editora Teucro Ltda., 1971, p. 117.

MUITOS APLAUSOS PARA TOSHIE KOBAYASHI



A admirada bailarina
Toshie Kobayashi



Arquivo/Morisa Garibaldi

Talenta-
da,
temida e
admirada,
Toshie posa
para foto

Ao conversar com a ex-bailarina, professora e coreógrafa Toshie Kobayashi, a entrevista toma um rumo diferente. O balé está presente em sua vida há mais de 50 anos e, como não poderia ser diferente, é o tema principal do bate-papo. Contudo, as respostas se voltam a uma outra área: a educação. “O Brasil tem muito talento, o que não tem é cultura (...) Eles (os bailarinos) vivem alienados.”

Um dos ícones da dança no Brasil e dona de um extenso currículo dedicado ao balé, dona Toshie, como é chamada por ex-alunas, amigos e colegas de profissão, também é membro da Royal Academy of Dance, de Londres, e madrinha da Escola do Teatro Bolshoi, no Brasil. Após o fechamento de sua escola de balé em São Caetano do Sul, onde funcionou por quase quatro décadas, a mestra passou a se dedicar a palestras e workshops, além de atuar em júris e comissões de dança dos principais festivais do Brasil e do exterior.

Sua trajetória de sucesso começou cedo, logo aos 18 anos, durante a década de 1960, quando ocupou o cobijado posto de primeira bailarina da Escola do Theatro Municipal de São Paulo. Aos 7 anos, ela já havia desenvolvido o gosto pelas artes graças à mãe, “que tinha muita cultura”, e a colocou para fazer aulas de odori, dança tradicional japonesa. Um ano depois, também por incentivo da mãe, teve seu primeiro contato com o balé clássico com a professora italiana Carmen Bonn, que a treinava rigidamente com o método Cecchetti.

Aos 9 anos, ingressou na Escola Municipal de Bailado (atual Escola de Dança de São Paulo), onde se formou sete anos depois. Talenta e já com alguma experiência, Toshie entrou direto no terceiro ano. Ela lembra como eram disputadas as vagas para estudar no Municipal de Bailado: “Era como tentar entrar na USP (*Universidade de São Paulo*) hoje em dia, era difícilimo”. Paralelamente ao balé, a menina ainda estudava e tinha aulas de piano no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. “Eu tomava bonde com os livros do colégio, as partituras do piano e a frasqueira do balé.”

Nesta época, a arte era vista pela sociedade brasileira como algo marginal, e a jovem poderia ter abreviado a carreira se não tivesse recebido apoio dentro de casa. Afinal, “naquele tempo”, segundo sua própria definição, “quem fazia balé era considerada prostituta”.

Aluna dedicada e disciplinada, Toshie logo conquistou os palcos do Theatro Municipal. Nesta época, dançando em grandes óperas e concertos, conheceu o renomado maestro Tullio Colacioppo. Foi a convite dele que começou a dar aulas. Amigo da então diretora do Conservatório Musical de São Caetano do Sul, Colacioppo pediu a todas as bailarinas que colaborassem com a instituição e fossem até a cidade ensinar balé. “Ninguém queria dar aula, porque era longe, era muito trabalhoso chegar até aqui.” Havia um rodízio entre as bailarinas para que o pedido fosse cumprido. Toshie, no entanto, começou a vir uma vez por mês, ao contrário das colegas que vinham a cada 60 dias. Apesar do jeito bravo,



Reprodução fotográfica Antonio Reginaldo Carlinhos

Primeira bailarina da Escola do Theatro Municipal de São Paulo, Toshie em apresentação na década de 1960

conquistou as alunas que pertenciam a tradicionais famílias de São Caetano.

Com bom entrosamento em sala de aula e maior facilidade de locomoção, a frequência das vindas de Toshie à cidade começou a aumentar, até que surgiu a ideia de abrir a sua própria escola. “Era uma salinha na Avenida Goiás, onde fiquei durante anos”, lembra. Em seguida, Toshie mudou-se para outro local, ainda na Avenida Goiás, para só então se instalar na Rua Pinheiro Machado. “Lá (*na Rua Pinheiro Machado*) eu fiz muita gente, muita menina que foi estudar fora do Brasil”, orgulha-se. “Era uma época em que éramos muito exigentes, não é como agora, que não se pode nada, nem chamar a atenção ou olhar torto para o aluno.”

Apesar de acreditar que a mudança no comportamento do professor foi benéfica, de que não é necessário bater em alunos para que eles aprendam, como era feito no seu tempo, Toshie afirma: “Na arte não tem como ser boazinha”.

Nos anos 1970, Toshie parou de dançar

e passou a se dedicar exclusivamente à formação de bailarinos. Ela então se desdobrava para conciliar as aulas em sua escola, à tarde, com as classes que dava de manhã, na Escola do Theatro Municipal de São Paulo.

Com muito trabalho, baseado no tripé disciplina-respeito-educação, os nomes de Toshie, de sua escola e do município de São Caetano evoluíram até atingirem prestígio nacional. “Os bailarinos de São Paulo tomavam trem, ônibus, faziam sacrifício para vir estudar comigo, porque sabiam que a coisa era séria, era técnica, por isso meu nome alcançou tamanha dimensão. Eu recebia meninas do Rio, até da Bahia elas vinham”, diz.

Para participar de campeonatos internacionais, ela ressalta o apoio recebido da prefeitura. “Fui a primeira professora brasileira a levar meninas para fora do país e a ganhar medalhas. A prefeitura me ajudou muito. Na época, imagina falar em balé clássico brasileiro num país que só pensa em samba e futebol?! Não tínhamos tradição, mas os prefeitos me ajudaram muito, principalmente com as passagens, que eram caras.”

Mesmo após se aposentar pela Escola do Theatro Municipal, Toshie continuou a se dedicar à formação de suas alunas e à gestão da escola que levava seu nome. Morando em São Paulo, a mestra, casada e com três filhos, começou a temer sair tão tarde das aulas e ir para a sua casa sozinha. A decisão, influenciada por pedidos da família, foi avaliada durante três anos e, em 2006, as portas

Toshie em diferentes poses e espetáculos. Desde pequena, foi aluna dedicada e disciplinada



da Escola de Ballet Toshie Kobayashi se fecharam com um último espetáculo de *divertissement*, executado no Teatro Paulo Machado de Carvalho. “O mais importante é que eu fechei bem comigo”, ressalta. Na época, a lista de espera para ter aulas com Toshie chegava até o ano de 2010.

A mestra também aponta como um dos fatores que colaboraram para esta decisão a mudança de interesse das alunas, que “queriam dançar balé, mas não era tão sério como antes. Estavam mais querendo se exibir, então eu tive de entender. Foi a melhor coisa que eu fiz, fechei na hora certa”.

Entre sapatilhas e livros - Conhecida por sua disciplina e rigidez (“eu dava aula de varinha”), a braveza de dona Toshie parece ter se dissipado com os anos. Quem se apresenta como sendo a Toshie Kobayashi atualmente é uma mulher simpática, relaxada. Contudo, a severidade no tom de sua voz retorna quando ela começa a falar sobre a educação formal das aspirantes. “Hoje em dia, as meninas querem ser bailarinas, mas sem estudo, e isso eu não admito. E se amanhã você se machuca, tem um problema na coluna, e ainda por cima não tem estudo?”.

Toshie também critica as professoras que permitem, ou mesmo incentivam, que suas alunas deixem os livros para se focar na dança. “Se a bailarina quiser uma bolsa de estudos para Suíça, Londres, Paris ou qualquer lugar do mundo, sem estudo, eles não pegam. E os professores não entendem isso aqui no Brasil. Elas acham que a menina tem que ficar praticando o dia inteiro. Não é assim. Elas têm de estudar e fazer o balé paralelamente. Acho que as professoras pensam que fazendo só balé, as meninas vão melhorar tecnicamente. Isso ocorrerá, sem dúvidas, mas e daí? É só técnica? E a cabeça?”, questiona.

A educação formal das bailarinas é um

dos focos das aulas, palestras e workshops ministrados por Toshie pelo Brasil afora. A mestra lembra-se de que foi muito criticada por esses ensinamentos, até que o país começou a ter maior destaque mundial no ramo do balé. As professoras viajavam até Nova Iorque e viam a realidade das grandes companhias. “Elas ficaram desesperadas: ‘E agora? Ela vai perder a bolsa!’, diziam. As bailarinas tinham de retornar ao país e aos livros. Só que aí já era, porque lá fora não há segunda chance. Quando você perde uma bolsa de estudos, você fica mal vista. Para sempre, eles vão se lembrar do seu nome e sobrenome.”

Toshie acredita que a situação está se modificando e que o estudo é mais valorizado pelas professoras atualmente. “O que eu falo hoje em dia é lei. A partir do momento que as próprias professoras e alunos foram para fora do Brasil, eles começaram a ver a realidade das companhias”, diz. Mesmo assim, há um longo caminho a ser percorrido. Ela conta que para ingressar em uma instituição de renome, há testes técnicos e depois entrevista com os bailarinos. “Na hora das perguntas, eles não sabem nada. ‘Que século nós estamos?’ Aí o aluno responde: ‘Século?’, então você agradece e pega o próximo. O que adianta ter técnica e não saber nem o século que você está?! Eles não sabem nem dizer quem foram os grandes bailarinos.”

Outra reclamação feita por Toshie é com relação à falta de disciplina e pontualidade das alunas. “Se você marca uma aula no Brasil às 14h, as alunas começam a chegar nesse horário. Lá fora, se a aula começa às 14h, quando são 13h as alunas já estão se aquecendo. Isso ainda é bem diferente da nossa realidade”, lamenta. Ela também diz que é comum ver bailarinos brasileiros que chegam atrasados para as aulas avaliativas e perdem bolsas de estudos. “Eu sempre faço uma reunião nos lugares que eu passo, onde



Acrivo/Morisa Ganhelito

Toshie em sua escola de balé, em São Caetano do Sul, que funcionou por quase 40 anos até seu fechamento em 2006

admite que toma algumas atitudes “frias” pelo bem de seus alunos. “Não sou de ficar passando a mão na cabeça ou bajulando.” Porém, esta frieza parece se derreter quando encontra um bailarino talentoso. A sensação ao ver um artista promissor se apresentar no palco é a mesma de alguém que se apaixona. Ela diz que seu coração palpita loucamente e os olhos piscam de felicidade.

Ao citar uma de suas últimas descobertas, para exemplificar o talento do aluno, Toshie diz que ele nasceu com uma “luz dada por Deus”. Questionada se ela acredita que também tem esta luz dentro de si, modesta, responde: “Eu tinha muito talento, mas também fui muito bem encaminhada. Eu caí nas mãos certas, nas boas mãos”. E hoje, outros muitos alunos agradecem por também terem caído em mãos certas e boas. As mãos de Toshie. **(Marília Tiveron) R**

ocorrerão as aulas avaliativas, e dou o seguinte conselho: ‘Se a aula começar às 9h, cheguem às 6h30, e já vão se aquecendo’. Mas só agora eles estão me entendendo.”

Crias e criadora - É com muito orgulho que Toshie fala sobre suas crias. Não só se lembra do nome de seus ex-alunos que fizeram fama no exterior, como também de suas histórias e das dificuldades enfrentadas no caminho. Durante a entrevista, a própria Toshie

Juliana Ravelli

LEMBRANÇAS DE UMA BAILARINA SUL-SÃO-CAETANENSE

Aquela não era uma tarde comum. Após a escola, minha mãe me arrumou, passou gel nos meus cabelos, penteou-os para trás e fez meu primeiro coque. Puxando-me pelo braço e dizendo que estávamos atrasadas, ela entrou a todo vapor pela porta da Escola Municipal de Bailado Laura Thomé, na Rua João Ramalho, nº 100, no Bairro Nova Gerty, em São Caetano do Sul. Era dia do teste para as crianças que pleiteavam entrar no primeiro ano de balé. Pelo menos era isso o que a minha mãe pensava. Na realidade, chegamos com uma semana de antecedência. Não me lembro de ter ficado decepcionada. Enfim, a ansiedade que sentia no momento poderia ir embora e me deixar em paz. Não foi o que aconteceu. Naquele dia, talvez em outubro ou novembro de 1992, já estava apaixonada pelo balé.

Na data certa, fiz o exame, fui aprovada e me transformei em aluna da escola. Minha primeira professora (e, mais tarde, chefe) foi Cleonice Boareto. A Cleo (como todas as alunas a chamam),

aliás, esteve presente na maior parte de minha trajetória no balé. À arte e às muitas pessoas da dança com as quais convivi e trabalhei certamente devo meu desenvolvimento como profissional e ser humano. Não sei quem eu seria sem a dança. Até mesmo meu nome artístico, que acabei adotando no jornalismo, recebi de uma grande mestre, Toshie Kobayashi.

Em pouco mais de 20 anos, testemunhei o crescimento da arte na cidade. Quando iniciei meus estudos, em 1993, a Escola Municipal de Bailado era dirigida por Cleusa Escanho de Camargo, criadora do Studio Giselle. Naquele ano, as aulas foram transferidas para o Clube Esportivo Recreativo Bochófilo São José, no Bairro Santa Paula, pois a escola seria reformada. Ainda me lembro de ensaios e lições aprendidas no espaço.

A minha primeira participação em um espetáculo só aconteceu no ano seguinte, no Teatro Paulo Machado de Carvalho. O local, bem diferente do que é hoje, ainda não havia sido reformado. O espaço atrás das coxias era minúsculo, tínhamos de nos espremer para não surgir





Arquivo/Luciana Raveli

em cena antes da hora. Os camarins também eram menores; duas escadas caracóis – uma de cada lado – levavam aos camarins inferiores. Vira e mexe, alguma menina enroscava o figurino ou adereço de cabelo nos corrimões. A mesa de som e luz ficava do lado esquerdo (para quem olhava para o palco). Era possível ouvir a professora dando as coordenadas para os técnicos, que colocavam a iluminação e ‘soltavam’ a fita cassete ou o vinil. Quanta magia existia ali para uma criança!

Em 1994, estava no segundo ano de balé. Na ocasião, comecei a acompanhar minha prima, Luciana Raveli de Carvalho, às aulas do quinto ano. No princípio, apenas assistia. Até que, certo dia, a professora Valéria Savassa perguntou: “Quer fazer também?”. E logo estava eu de uniforme do colégio, meia soquete e coque improvisado – feito com grampos que a Valéria tinha encontrado em uma gaveta - tentando imitar os movimentos das meninas mais velhas. Por três anos fiz ‘aulas extras’ e acompanhei as turmas mais avançadas.

Ao olhar para trás, percebo que vivi muitos momentos maravilhosos na Escola Municipal de Bailado. Em 1996, por exemplo, tivemos curso com o *maître* do Instituto Coreográfico Estatal de Moscou, Alexander Vladimirovich

Valouev. Em 1997, aulas foram ministradas pelo primeiro professor e coreógrafo do Teatro Musical Stanislavski, Arkadi Nicolaev. As duas experiências integravam o Projeto Olenewa, em celebração ao centenário da russa Maria Olenewa, que introduziu o balé clássico no Brasil.

Nessa época, o Teatro Paulo Machado de Carvalho recebeu espetáculos de grupos de dança folclórica da Bielorrússia. Recordo fazer meu pai esperar até todos os bailarinos saírem pelos fundos do teatro. Não arredava o pé enquanto não pegasse seus autógrafos. Ainda tenho pôsteres com as assinaturas.

Em 1997, Sandra Amaral se tornou diretora da Escola Municipal de Bailado. Nesse mesmo ano, entrei para o Grupo de Dança Giselle, que Cleonice Boareto criou no Studio Giselle. A partir daí, passei a participar de festivais de dança em diferentes cidades.

Recordo muito bem um desses eventos, realizado no Teatro Municipal de Santos. Em uma mesa no saguão, estavam sentadas Toshie Kobayashi e Miti Warangae. Tentei me aproximar para escutar, pela primeira vez, a voz das duas. Dona Toshie (como costumávamos chamá-la) já era uma lenda, não apenas em São Caetano do Sul. Todos conheciam sua fama de

Coreografia
Bolero
de Ravel,
de Cleonice
Boareto.
Formatura
das alunas
do 8º ano da
Escola
Municipal
de Bailado
Laura
Thomé.
Foto do
ano 2000

Alunas da Escola de Ballet Toshie Kobayashi na coreografia *Reverie en Scène*, a mesma com a qual o grupo se apresentou no Youth America Grand Prix, em Nova Iorque, em 2004



Remontagem de *Valsa das Flores*, feita por Cristina Shimizu para o Grupo de Dança AD São Caetano, em 2004



professora exigente, aulas difíceis e boas bailarinas. Não imaginava que algum tempo depois seria aluna dela e de Tia Miti.

Isso aconteceu em 2000, quando me formei na Escola Municipal de Bailado. Ainda não sabia o que iria fazer quando terminasse o oitavo ano, apenas que queria me profissionalizar na dança. E era justamente sobre esse assunto que conversava com a Cleo, quando ela propôs que eu a acompanhasse até a escola de Toshie Kobayashi, que ficava na Rua Pinheiro Machado, nº 21, no Bairro Santa Paula. Como precisava encontrar a professora Morisa Garbelotto no local, tentaria falar sobre mim para dona Toshie.

Se eu fechar os olhos e me concentrar, consigo recordar até mesmo o cheiro e reviver a sensação que tive ao subir pela primeira vez as escadas da escola. Naquele dia, assisti à aula do grupo adulto de Toshie, o mesmo que costumava admirar em festivais e espetáculos. Na ponta da barra do espelho, ao lado de onde eu havia sentado, estava Cristina Shimizu, de quem era realmente fã. Mais uma vez, não tinha ideia de que ela viraria minha professora e grande amiga. Após conversar com a Cleo, Toshie me convidou para uma aula na semana seguinte. E, ao final dela, disse que me concederia bolsa de estudos para frequentar a escola. A partir daí, mergulhei ainda mais no universo da dança.

Concluí minha trajetória na Escola Municipal de Bailado Laura Thomé em 2000 - com direito à formatura e espetáculo inesquecíveis -, e iniciei meu caminho na Escola de Ballet Toshie Kobayashi, onde comecei a ter aulas com Miti Warangae.

Em 2001, o grupo de dança de Cleonice Boareto, no Studio Giselle, mudou de casa e de nome. Foi transferido para a Associação Desportiva São Caetano e passou a se chamar Grupo de Dança AD São Caetano. Ao precisar se ausentar das aulas, Cleonice convidou Cristina



Acrivo/Juliana Ravelli

Juliana Ravelli na variação de *Escrava* no Festival de Dança do Conselho Brasileiro de Dança (CBDD), no Rio de Janeiro, em 2004



Acrivo/Juliana Ravelli

Primeira coreografia da qual Juliana participou na Escola Municipal de Bailado Laura Thomé, chamada *Palhacinhos*, de Cleonice Boareto, em 1993

Shimizu para assumir o grupo. A partir daquele ano, passei a fazer balé todos os dias da semana. Eram, em média, cinco ou seis horas diárias entre aulas e ensaios. Isso sem contar as festas do pijama que organizávamos na escola de dona Toshie, nas quais passávamos as madrugadas assistindo a vídeos de dança.

Em 16 de janeiro de 2002, o encantamento deu espaço à dor. Perdemos prematuramente Miti Warangae, assassinada na frente da casa de sua mãe, no Bairro Pauliceia, em São Bernardo do Campo. Aos 41 anos, ela estava no auge da carreira, começando a colher os frutos de seu profissionalismo e dedicação. Cumprimos um desejo de Tia Miti em julho daquele ano: levar o grupo para o Festival de Dança de Joinville. Conquistamos o terceiro lugar com a remontagem de *Fantasie* (coreografado originalmente na década de 1980 por Toshie).

Com o tempo, a tristeza pela perda de Tia Miti foi silenciada pela devoção à dança. Em Joinville, voltamos a nos apresentar em 2003 com *Reverie en Scène*, outra coreografia de Toshie, dessa vez remontada por Cristina Shimizu. Novamente, ficamos com o terceiro lugar. A ocasião foi uma das mais emocionantes em minha vida. Em certo momento do balé, em que todas as bailarinas realizavam dezenas de *emboites* (sincronizadas trocas de pernas nas pontas dos pés), o público que lotava o teatro do Centreventos Cau Hansen começou a aplaudir euforicamente.

Dançamos *Reverie en Scène* em outro lugar especial: o City Center, em Nova Iorque, casa do Alvin Ailey American Dance Theater, uma das mais notáveis companhias de dança do mundo. A apresentação, realizada em abril de 2005, ocorreu na noite de gala do Youth America Grand Prix. Dividimos o palco com estrelas internacionais, como os cubanos Lorna Feijóo (Boston Ballet) e José Manuel Carreño (Ame-

rican Ballet Theater), a brasileira Roberta Marquez e o georgiano David Makhateli (ambos do Royal Ballet).

Em 2005, também iniciei a faculdade de jornalismo e precisei deixar as aulas na Escola de Ballet Toshie Kobayashi. Continuei, entretanto, a integrar o Grupo de Dança AD São Caetano até 2013. Na Associação Desportiva, aliás, dei aulas de balé clássico para crianças e adolescentes entre 2002 e 2008, ano em que passei a me dedicar integralmente à carreira de jornalista.

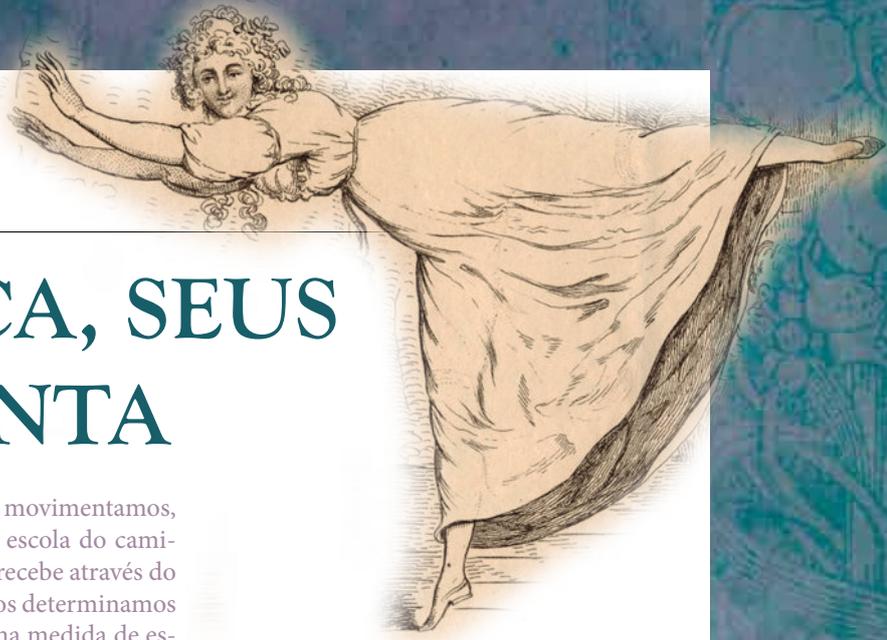
Relembrar todos esses momentos me fez perceber que meus 'anos de balé' foram intensos e bem vividos. No fundo de minha mente pareço escutar o *Concerto para Violino*, de Tchaikovsky, música de uma das últimas coreografias que dancei na escola de dona Toshie.

O esforço, sacrifícios e dores foram recompensados pelos extraordinários momentos nos palcos, salas de aula e pelas amizades (não conseguiria citar o nome de todos os amigos aqui) que me acompanharão pelo resto da vida. Os prazeres e também os dissabores que o balé clássico me proporcionou são meus, e ninguém pode tirá-los de mim.

Certamente cometi a injustiça de não mencionar neste texto todas as pessoas importantes em minha vida artística. A dança em São Caetano do Sul foi construída por muita gente talentosa e guerreira, que ainda dribla inúmeras dificuldades para ver a arte se desenvolver. Como apaixonada pela dança, espero que cada vez mais pessoas saibam que em escolas e teatros desta cidade incontáveis talentos estudaram balé clássico, dançaram e, hoje, encantam plateias do Brasil e do exterior. **R**

JULIANA RAVELLI

É JORNALISTA E, ATUALMENTE, EDITA O DIARINHO, SUPLEMENTO INFANTIL DO DIÁRIO DO GRANDE ABC. INICIOU SUA TRAJETÓRIA NO BALÉ CLÁSSICO EM 1993 E FOI PROFESSORA DURANTE 12 ANOS. TAMBÉM É COLABORADORA DA REVISTA DE DANÇA.



Priscila Gorzoni

QUEM DANÇA, SEUS MALES ESPANTA

“(...) quando surgirmos no espaço e nele nos movimentamos, temos que dar passos. A escola de dança é a escola do caminhar. O fluxo contínuo da corrente do tempo recebe através do contato do pé um compasso. Através dos passos determinamos uma medida de tempo e ao mesmo tempo uma medida de espaço. O passo torna mensurável, de acordo com a música, o ato da dança no espaço e no tempo vivenciável e possível de ser repetido. O nosso pensamento aprende com o pé a acertar o passo, e assim construímos uma coluna entre o céu e a terra.”

Bernhard Wosien

Desde que o mundo é mundo, homens e mulheres dançam. Eles dançam para ritualizar, pedir aos deuses graças e proteções, por uma boa colheita, dançam de alegria ou tristeza, para distração ou por saúde. Por um motivo ou outro, a dança está presente no cotidiano humano desde a origem do mundo e é nossa companheira inseparável. Além de alegrar e socializar, pode contribuir para uma boa saúde.

Entre as várias modalidades de dança estão as circulares, que foram desenvolvidas pelo bailarino clássico e coreógrafo Bernhard Wosien (1908-1986). Nas décadas de 1950 e 1960, ele percorreu o mundo registrando as danças de diferentes povos.

Em 1976, Wosien visitou a comunidade de Findhorn, no norte da Escócia, e lá ensinou, pela primeira vez, uma coletânea de danças folclóricas. Já com 60 anos, encontrou nas danças de roda uma prática mais orgânica de demonstrar os seus sentimentos. Desta experiência nas-

ceu um movimento que reunia várias danças de roda, chamado Dança Circular Sagrada. O nome justifica-se pelo fato dos participantes entrarem em contato com a sua essência, seu “eu superior” e o “sagrado”.

No Brasil, as danças circulares nasceram com Carlos Solano, que foi hóspede na Fundação Findhorn nos anos 1980. Ele trouxe a ideia para o país depois de ter feito um treinamento com Anna Barton. Mais tarde, em 1983, Sarah Marriot, que viveu em Findhorn, foi enviada ao Brasil para iniciar um trabalho de educação holística com danças circulares no Centro de Vivências Nazaré, na cidade de Nazaré Paulista. Mas foi só a partir de 1990 que o movimento das danças circulares se espalhou pelo país.

As danças circulares podem ser de vários tipos: folclóricas, meditativas, curativas e contemporâneas. Além de trazerem muitos benefícios à saúde, promovem uma maior integração social.

Estes benefícios foram experimentados por Maria Nilza Rosa Nunes, de 70 anos. Ela faz parte da Companhia de Dança Bruma Magias de

São Caetano do Sul há mais de dez anos. Mora há 60 na cidade e sempre teve sua vida repleta de atividades artísticas. Nilza faz parte de uma família de artistas e sempre teve vontade de praticar dança. Por isso, resolveu arriscar. No início sentiu certa dificuldade em relação ao espaço, a pouca frequência das aulas e a falta de rotina do curso. Mas, aos poucos, as aulas engrenaram e ela logo percebeu os avanços em algumas colegas, entre elas uma senhora que tinha alguns problemas físicos. “Quando iniciou, ela nos olhava, não falava, sentia certo receio, mas aos poucos foi se desenvolvendo de tal forma que nos surpreendeu. Apesar de não falar, desenvolvia com rapidez as coreografias indicadas. Foi triste quando a família não a trouxe mais”, lembra.

Maria Nilza adora as aulas de dança e não sente dificuldades em desenvolver as coreografias. Assim como ela, Vânia Gesse, que mora na cidade desde 1982, faz parte do grupo há dez anos, e sempre gostou de todos os cursos ligados à arte, educação, cultura. Ela destaca a dança circular como a mais especial. Para ela, praticar essa dança é muito mais do que um bailado, é, sem dúvida, uma experiência de cidadania. Nela aprendeu o amor ao próximo e uma nova terapia, que faz bem a tudo, desde o corpo até a alma!

Além de aprenderem novas culturas e danças, as participantes da companhia criam vínculos com as amigas. Foi o que aconteceu com Cleide Fernandes Picanço, que está há cinco anos no grupo. Ela ficou sabendo que uma das companheiras era vizinha por acaso. “Um dia a encontrei em frente ao portão de casa e ela disse que estava de mudança por se sentir muito sozinha. Disse que se soubesse que eu morava ali, não se mudaria”, relata Cleide.

Assim como a vida de suas companheiras, a de Cleide mudou radicalmente. Ela passou a se sentir melhor e feliz por ter colegas para trocar ideias. “Os ensaios são maravilhosos, pas-

samos algumas horas juntas e não temos dificuldades para aprender a coreografia. Gosto de todas as apresentações que fazemos. A dança circular me faz muito bem, além de ser ótima para a coordenação motora”, ressalta.

Mas todos esses encontros não seriam possíveis sem Daniela Provenzano Pasqual, que criou o grupo em 2000 em razão dos convites para apresentações nos municípios vizinhos. A companhia começou com um trabalho desenvolvido durante 13 anos nos centros de convivência da terceira idade de São Caetano do Sul. Como Daniela já era proprietária da Escola Bruma Magias, o local começou a ser frequentado pelas alunas do curso.

“Inicialmente o foco era somente a terceira idade, com o passar do tempo, mais pessoas se interessaram. Hoje temos participantes com idades entre 23 e 81 anos. Duas participantes, Carmelinda e Nilza, têm mais de 70 anos. Começamos com cinco alunas e agora temos 30. O foco é o aprendizado, a troca, a superação dos limites, as apresentações são fruto do trabalho. Quando temos algum espetáculo, o ensaio, apesar de divertido, é intenso”, explica a professora. A Companhia Bruma Magias é muito requisitada para se apresentar pela região, algumas já até renderam premiações e cachês. “No ano passado fizemos várias apresentações, como no almoço das Acácias do ABC, em evento da Loja Maçônica Cavaleiros, na Faculdade da Terceira Idade das Faculdades Integradas de Santo André (Fefisa), no espetáculo *Mulheres que fizeram história*, no clube Aramaçan, no São Caetano Esporte Clube, no Espaço Verde Chico Mendes, no Museu Histórico Municipal, entre outros. Tivemos até de recusar alguns convites, porque as datas eram as mesmas”, conta Daniela.

Durante os espetáculos, a companhia demonstra os vários tipos de danças que são trabalhados nos ensaios. “Fazemos as danças



Arquivo/Cia. de Dança Bruma Magias de São Caetano do Sul



circulares sagradas, realizadas pelos antigos gregos, celtas, cuja integração em roda nos ensina o aprendizado do encontro com o nosso sagrado; danças étnicas africana, brasileira, havaiana, espanhola, indígena e hindu; dança do ventre; dança cigana; e dança tribal, uma fusão dos elementos da dança do ventre com ritmos diferenciados. Essa última é a mais difícil, porque exige mais do corpo, por isso é feito um trabalho com yoga para aumentar a flexibilidade, elasticidade e abertura”, exemplifica.

Além de se divertirem, as participantes do grupo sentem os vários benefícios físicos e mentais da dança. Entre eles estão: melhora res-

piratória, postural, de concentração, do metabolismo, na autoestima, superação de limites, relaxamento, alegria de viver, integração, autotransformação e meditação ativa.

Aliás, duas histórias marcaram a carreira de Daniela. Uma delas aconteceu com uma de suas alunas que tinha a mãe portadora do mal de Alzheimer. “Ela trouxe a mãe para participar do grupo. Segundo ela, todo dia de aula, a mãe não se esquecia, embora já não reconhecesse as pessoas. O outro caso foi o de uma das meninas da terceira idade que era portadora de necessidades especiais. A família e os médicos nos relataram evidente melhora em seu estado após as aulas”, finaliza Daniela. **R**

Cia. de Dança Bruma Magias de São Caetano do Sul em uma de suas apresentações da dança de tambor

Participantes da Cia. de Dança Bruma Magias de São Caetano do Sul durante uma de suas apresentações. A terceira, da esquerda para a direita, é a professora Daniela Provenzano Pasqual



Acervo/Cia. de Dança Bruma Magias de São Caetano do Sul

PRISCILA GORZONI

É JORNALISTA, PESQUISADORA, CIENTISTA SOCIAL E MESTRE EM HISTÓRIA. FORMADA EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, COM FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. TEM ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS E ARTES PELO INSTITUTO DE ARTES DA UNESP DE SÃO PAULO E É MESTRE EM HISTÓRIA PELA PUC-SÃO PAULO. É AUTORA DO LIVRO *ABRE AS PORTAS PARA OS SANTOS REIS*, DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA, *ANIMAIS NAS BATALHAS*, PELA EDITORA MATRIX, E *OS BENZEDORES QUE BENZEM COM AS MÃOS*, DA EDITORA UCG.

Neusa Schilaro Scaléa

A DANÇA DE SALOMÉ

Uma dança bíblica, inspiração para escritores, músicos, dramaturgos, cineastas, pintores e outros artistas. A dança de Salomé.

Segundo narrativas de dois evangelistas - Marcos (6,16-28) e Mateus (14,2) - e tendo como referência a obra *Antiguidades Judaicas*¹, do historiador Flávio Josefo (37 d.C. - 100 d.C.), Salomé, neta do famigerado Herodes, rei da Judeia, em ato de extrema crueldade, orientada por sua mãe, Herodíade², pede ao rei a cabeça do eremita João Batista em troca de uma dança realizada por ela.

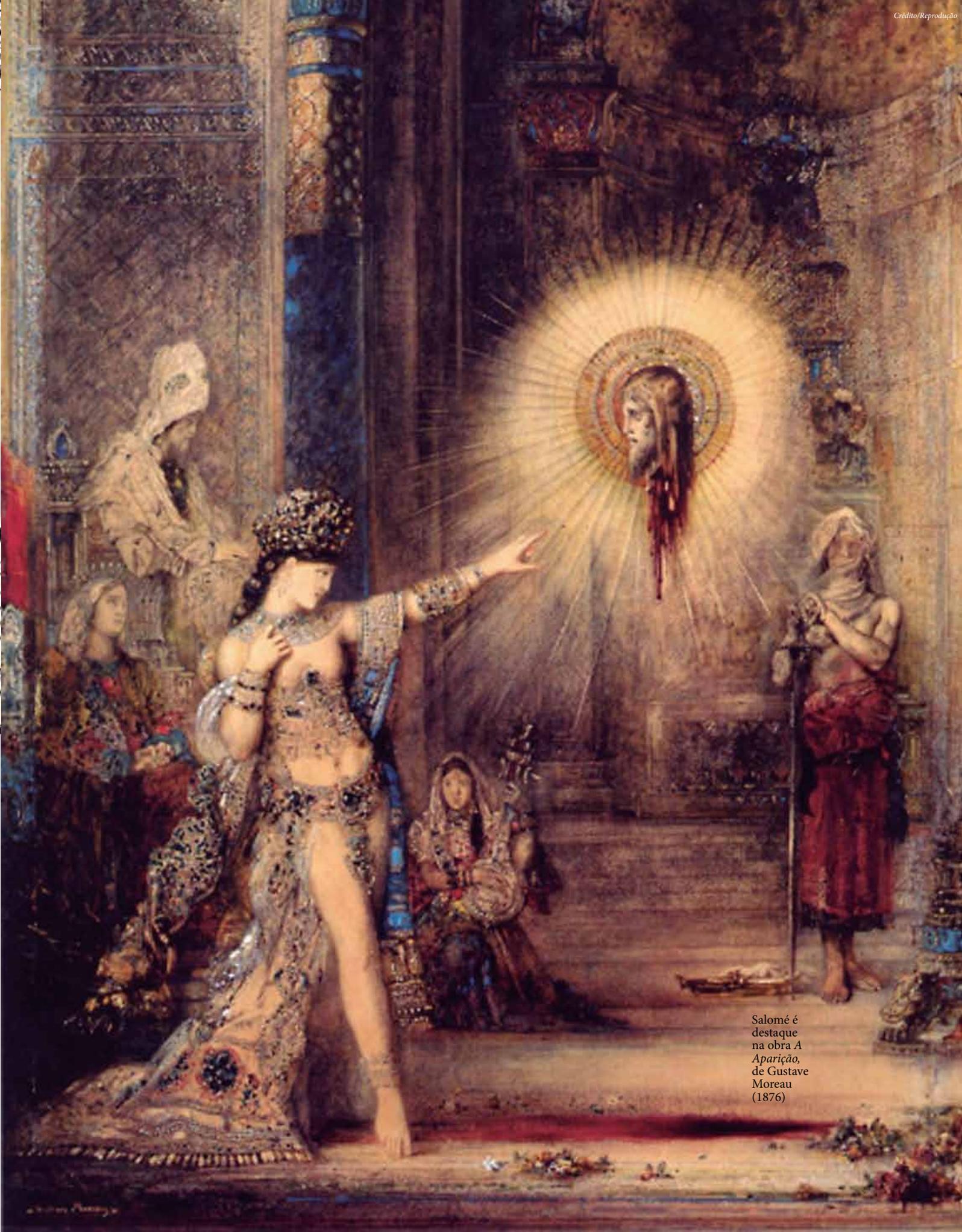
O profeta João Batista, que batizou Jesus no Rio Jordão, fazia pregações próximo ao palácio de Herodes Antipas, mandatário supremo da Judeia, e suas palavras eram vistas como uma ameaça ao poder de Roma que Herodes representava. João anunciava aos judeus a chegada de um rei e, portanto, não poderia ser uma figura grata ao poder romano. Além disso, criticava dire-

tamente o rei por sua união com Herodíade.

Esta senhora, mãe de Salomé, foi casada com Herodes Filipe, de quem se separou para casar-se com Herodes Antipas, que, naquele momento, era muito poderoso mas não queria indispor-se com a população judaica, condenando à morte um cidadão venerável, João.

A partir de um enredo como este não há artista, seja visual seja das letras, que resista em produzir uma obra cuja narrativa reúna beleza, crueldade, poder, ambição e desejo. As inúmeras produções artísticas e obras literárias tentam interpretar a am-





Salomé é destaque na obra *A Aparição*, de Gustave Moreau (1876)

biguidade dessa figura feminina, traduzindo o episódio à sua maneira, ou à maneira de sua época, com toda liberdade poética possível.

Essas variadas representações e figurações que os literatos e artistas visuais deram à personagem Salomé e sua dança mereceriam algumas páginas e inúmeras interpretações e pesquisas. Na maioria das vezes, a filha de Herodíade é representada como uma mulher de extrema beleza e, em certas obras, sua docilidade contrasta com a cabeça cortada sobre uma bandeja ao seu lado. Como na expressão de frieza presente na obra de Paul De Laroche (1797-1856) ou na cruel indiferença nas obras de Benozzo Gozzoli (1421-1497) ou de Fra Filippo Lippi (1406-1469).

Já o pintor italiano Caravaggio (1571-1610), que produziu dois trabalhos sobre o tema, não coloca Salomé no centro de atenção das obras, que têm a dramaticidade e força características desse impetuoso lombardo. Em sua obra *Salomé com a cabeça de João Batista*, a filha de Herodíade parece esquivar-se da bandeja onde repousa a cabeça do profeta.

Gustave Moreau retratou exaustivamente Salomé em pinturas, aquarelas, desenhos e gravuras no século 19. Richard Strauss criou uma ópera intitulada *Salomé*. Com o mesmo título, Oscar Wilde escreveu uma peça que foi encenada em 1892 por Sarah Be-



nhardt, em Paris. Stéphane Mallarmé (1842-1898) fez prosa e poesia, assim como Gustave Flaubert e Jules Laforgue.

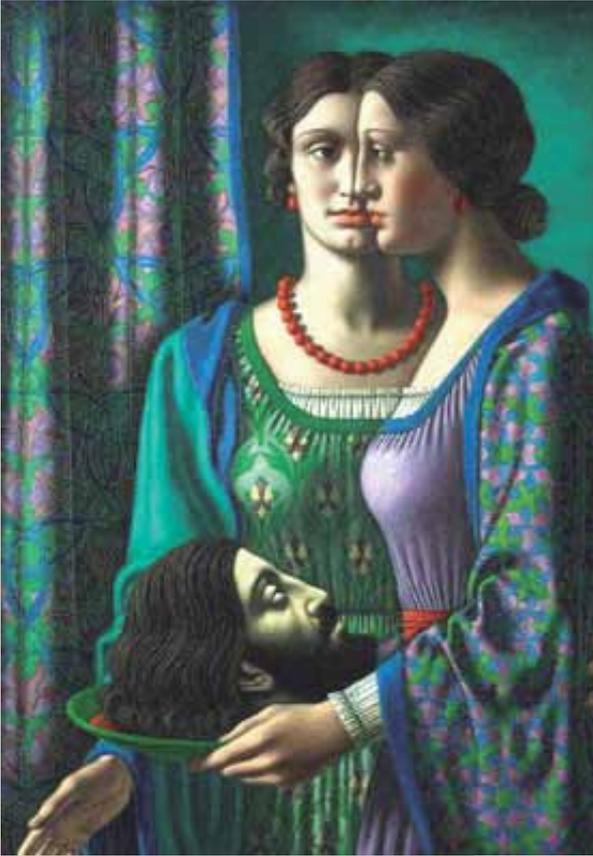
Também *Salomé* é o título de um filme hollywoodiano de 1953, uma trágica história que o cinema simplificou e deu glamour e cores, em conformidade com as normas mais populares dessa metade do século 20. Dirigido por William Dieterle, tem Rita Hayworth no papel principal. Pedro Almodóvar baseou-se em Oscar Wilde para um curta-metragem com base na história e Carlos Saura tem uma obra de 2002 sobre o tema.

Alfred Janes (1911-1999), no século 20, retratou Salomé e sua mãe como uma única figura, unidas para dar coragem a Herodes Antipas de executar o pregador incômodo. São figuras bíblicas que sempre ganham roupagens e cenários imaginários, mas com características bem próximas à época em que foram realizadas.

A dança nessa história toda é apenas um dos elementos, embora seja o mote para o crime. Salomé dança para o rei, que lhe pergunta o que deseja, a jovem consulta sua mãe, que pede a cabeça do profeta. Perante seus convidados, o poderoso Herodes Antipas se constrange e manda executar João Batista e fazer com que lhe tragam sua cabeça, conforme o desejo de Herodíade.

Por séculos, o mistério dessa figura e os personagens que a cercam deram ensejo ao imaginário e à criatividade. Se-

Crédito/Reprodução



De 1989, a pintura de Alfred Jones retrata a dançarina e sua mãe

ria ela inocente e obediente? Seria sua dança tão exuberante e insinuante que o rei foi persuadido a arriscar-se politicamente perante o povo hebreu? Seria ela tão cruel quanto sua mãe? Teriam ódio ou amor por João? Nessa ambiguidade está a força do episódio, cujas interpretações foram mudando ao longo dos séculos. A professora Elis Crokidakis Castro afirma: “Ela (*Salomé*) é e não é, ela é a representação que dela se faz em cada época. E, se prestarmos atenção, tal representação não se esgota”.

Não se esgota tanto quanto a dança em si mesma, que foi religiosa e tornou-se profana, foi formal e poética e tornou-se livre e sensual. Passou por períodos de censura ou exaltação e chega ao século 21 livre, reconhecida como expressão corporal e até como forma de exercício recomendável e organizado.

Sai de cena *Salomé* e suas antagonicas expressões e entra o racionalismo, a experimentação e a pesquisa. Logo teremos um robô batizado de *Salomé*, que dançará ao som eletrônico para agradar não só ao rei, mas ao consumidor mundial ávido por novidades. Mesmo programado para exigir cabeças, será apenas um jogo virtual e interativo. Distante. **R**

Crédito/Reprodução



Salomé com a cabeça de João Batista, obra de Caravaggio de 1607 que aborda o tema

NOTAS

¹ *Antiguidades Judaicas* é uma obra composta pelo historiador judeu antigo Flávio Josefo entre os anos de 93 e 94. A obra foi composta em grego para os patronos romanos de Josefo, e constitui-se em uma narração da história hebraica desde a criação de Adão e Eva até a Primeira Guerra Judaico-Romana. É considerada a mais importante obra de Flávio Josefo e uma das maiores de toda a antiguidade.

² Herodiade ou Herodias ou Erotides (15 a.C. — falecida depois de 39 d.C) foi uma neta de Herodes, o Grande, e irmã de Herodes Agripa I, rei da Judeia. Era filha de Berenice e de Aristóbulo IV (filho de Herodes). Teve como primeiro marido Herodes Filipe, filho de Herodes com Mariana, filha do sumo-sacerdote Simão. Herodiade e Herodes Filipe tiveram uma filha, Salomé. Contudo, Herodiade separou-se deste marido para casar com outro meio-tio, Herodes Antipas; este para poder casar com Herodiade, teve que se divorciar da sua primeira esposa, Fasaelia, filha do rei nabateu Aretas IV. A união foi condenada por João Batista e gerou animosidade entre o povo, que acusou o casal de incesto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

BALAKIAN, A. *O simbolismo*. Tradução: CALDAS, José Bonifácio A.. São Paulo: Perspectiva, 1985.
 HUYSMANS, J.K. *As avessas*. Tradução: PAES, José Paulo. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
 PRAZ, M. A. *Carne, a morte e o diabo na literatura romântica*. Tradução: MENEZES, Philadelphia. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

FONTE

<http://seer.fclar.unesp.br/lettres> - Andressa Cristina de Oliveira - Lettres françaises - UNESP. Acesso em: abr.2014.

NEUSA SCHILARO SCALÉA

É FOTÓGRAFA, ESPECIALISTA EM CURADORIA E EDUCAÇÃO EM MUSEUS DE ARTE PELO MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (MAC-USP) E É COORDENADORA DA PINACOTECA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.

A FILOSOFIA DA DANÇA

É difícil determinar quando homens e mulheres dançaram pela primeira vez. É possível ver seus perfis em movimento nos desenhos gravados nas cavernas de Lauscaux (França). E como temos indícios de que os homens da Idade da Pedra só registraram as coisas mais importantes de seu cotidiano nas pinturas, a dança, provavelmente, fazia parte de seus rituais religiosos. Podemos assim dizer que a dança surgiu da religião e em cerimônias religiosas. No entanto, ela vai além, é fruto da necessidade de expressão humana de aplacar os deuses, demonstrar alegrias e tristezas.

Atualmente, dividimos as danças em três formas distintas: a étnica, a folclórica e a teatral. Uma descende da outra e estabelece universos próprios e particulares. A forma mais adequada para compreender um tipo de dança é conhecer a sua historicidade e técnica. Estudar o universo das danças requer dedicação e especialidades.

Mas vale a pena, pois essa é uma área de pesquisa em crescimento. Pelo menos é isso o que atesta o especialista em dança Odilon José Roble, professor do Departamento de Educação Física e Humanidades da Faculdade de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Universi-

dade Estadual de Campinas (Unicamp).

Para Roble, há um fenômeno incômodo no Brasil. Temos inúmeros pesquisadores circulando em torno de poucos temas sobre danças, em geral, os temas mais genéricos. Por outro lado, é comum no cenário internacional encontrarmos combinações de interesses que aqui seriam exóticas. “Um dos grandes reformadores da dança, Rudolf Laban, era arquiteto. Eu sou formado em filosofia, pesquiso dança, dou aulas de educação física e também no Instituto de Artes. Muita gente acha isso esquisito, heterogêneo. O próprio sistema de medição da produção científica acha que eu teria que publicar assuntos menos híbridos em revistas temáticas. Poucos são os periódicos da minha área que absorvem um artigo polissêmico, cruzando saberes distintos. Para um pesquisador em começo de carreira, isso é complicado. O modo de produção industrial em que a universidade vem se convertendo atrofia as possibilidades de reflexões poéticas, hibridismos. O risco da mesmice científica já vem sendo amplamente constatado na produção atual”, diz.

Apesar dessas dificuldades, Roble entrou de cabeça nas análises sobre dança. Ele desenvolve pesquisas sobre filosofia e estética do movimento e dança. Encontrou na filosofia e no

Odilon José Roble: ‘Ela (a dança) carrega em si memórias, percepções e imaginações que se construíram em relações únicas de tempo e espaço’



Crédito/Reprodução

“O pesquisador da dança que não frequenta o teatro ou os espaços não convencionais em que a dança ocorre está perdendo um dado essencial de sua pesquisa.”

Odilon José Roble

cruzamento desta os elementos fundamentais para se compreender um pouco mais a essência da arte. “Atualmente, meu principal interesse é propor cruzamentos entre a dança e a filosofia, em especial o ramo da filosofia conhecido por estética.” Seu envolvimento com a dança se iniciou em 1993, mas ele só se tornou um pesquisador efetivo do corpo e de suas possibilidades expressivas em 2000.

O contato com a dança - Os primeiros contatos de Odilon José Roble com as danças aconteceram com a mãe, que era uma bailarina clássica e, depois, se tornou professora de balé. Na adolescência fez capoeira, mais para lutar do que para dançar. Mas logo percebeu que estava mais dançando do que lutando e passou a achar aquilo muito bonito. Mais tarde formou-se contramestre de capoeira e chegou a dar aulas por um tempo. “A capoeira está entre as formas de expressão corporal mais belas que já conheci. Para meus interesses de pesquisa, trato-a como dança, embora reconheça suas outras dimensões. O movimento da dança contemporânea absorve muitas formas de expressão, rompendo com o academismo clássico. Por essa razão pude participar da cena da dança contemporânea de diversos modos até que hoje me dedico a construir uma re-

flexão filosófica nesse terreno”, explica.

Aos poucos a dança foi se apresentando a ele como a investigação mais profunda que uma abordagem estético-filosófica do movimento poderia ensaiar. Para o pesquisador da Unicamp, existem muitas outras formas de expressão nas quais estão presentes elementos que nos permitem uma reflexão estética aprofundada, mas é na dança que eles ficam mais óbvios. Porém, não é possível estabelecer regras definitivas sobre o que vemos em dança, em especial na chamada contemporânea. “Para uma investigação filosófica, isso é muito fértil”, esclarece.

O cruzamento da filosofia na análise de Roble sobre as danças o estimulou a concentrar suas pesquisas nos escritos filosóficos, em especial dos grandes pensadores. “Há muito nelas que ainda pode subsidiar nossas reflexões. Estou atento à produção atual e busco sempre trazê-la para meus escritos e minhas aulas, mas não abro mão dos saberes clássicos. Os espetáculos de dança também são fontes de pesquisa para mim, em especial a dança contemporânea”, complementa.

Filosofia e dança - Sem dúvida alguma, em suas pesquisas destaca-se uma das possibilidades mais interessantes que descobriu: analisar a dan-



ça à luz da filosofia. Segundo o pesquisador, muitas das questões existenciais, estéticas e até éticas que são colocadas pela filosofia são as mesmas que alguns espetáculos apresentam pela poética da dança. “Podemos dizer que, muitas vezes, a dança é um laboratório da filosofia”, lembra.

Suas pesquisas sobre danças traçam relações com a filosofia de Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche, além da constelação de autores em torno deles. Para ele, o corpo, a dança contemporânea e a capoeira são os objetos preferidos nesse recorte. De acordo com Roble, a filosofia dos autores com os quais trabalha é considerada vitalista. Ou, como ele explica, há um foco nas questões existenciais e estéticas, nas quais o corpo ganha destaque. Desta forma, na sua visão, a arte, nesse contexto, não é vista como um patrimônio, mas uma atividade suprassensível, que nos coloca em contato com o âmago da existência em si.

Nas formas de análises, Roble destaca a forma de ensaio filosófico, tal como proposto por Martinich. Para ele, uma metodologia filosófica deve ser fundamentalmente argumentativa. Para isso é necessário que se estabeleçam premissas, as quais a condução do argumento será testada. Em alguns casos, o pesquisador usa dados empíricos e entrevistas, além de análise de conteúdo. “O que mais me interessa nesse tipo de metodologia são as inferências finais, processo que, no fundo, se assemelha muito com uma aproximação filosófica-dedutiva.”

Além das questões estéticas e existenciais, a dança oferece a possibilidade de se compreender um tempo, vidas, memórias coletivas e individuais, já que o corpo contém todos esses elementos. Como bem explica o pesquisador: “Uma vez que a dança é a arte do movimento mais completa de senso estético, ela carrega em

si memórias, percepções e imaginações que se construíram em relações únicas de tempo e espaço. O interessante dessa construção é que ela se dá menos em fatos e contextos e mais em experiências estéticas”.

Não só carrega memória, mas uma memória histórica, já que uma obra de dança é também uma forma de registro emocional de uma época. Podemos exemplificar isso lembrando a obra de Mary Wigman, que tem papel singular no expressionismo alemão, apresentando gestos e representações do que sentia o corpo naquele momento histórico. “Porém, por ser suprasensível, tem-se nesse registro, além do dado situado, uma dimensão longitudinal sobre o ser humano”, lembra.

Pesquisas e análises - Para quem deseja entrar na área de pesquisas sobre dança, Roble indica que assista a espetáculos de dança. Ele explica que existe hoje uma cena da dança muito efetiva no país, com artistas nacionais muito talentosos (bailarinos, coreógrafos, etc.), além de temporadas internacionais excelentes. “Só o contato com a experiência estética da dança permite uma reflexão situada. É evidente que a bibliografia é indispensável, ela é condição necessária, mas não suficiente. O pesquisador da dança que não frequenta o teatro ou os espaços não convencionais em que a dança ocorre está perdendo um dado essencial de sua pesquisa”, diz.

Além de assistir a espetáculos, o pesquisador deve se encantar pelo tema, pelo menos é movido pela paixão que Roble escolhe os seus assuntos. Ele costuma explicar que pesquisar sobre filosofia e dança sem interesse estético é inócuo e desnecessário. “Meu primeiro passo é, portanto, a própria experiência estética. Tam-

bém coordeno um grupo de dança na Faculdade de Educação Física da Unicamp. Nele, encontro mais uma forma de obter esse tipo de experiência que estou considerando um primeiro passo para a pesquisa. Na sequência, trato de tentar criar nexos de inteligibilidade entre essa experiência estética e os saberes da filosofia. Decorre disso, talvez como terceiro passo (ou outra face do segundo), o exercício argumentativo. Por fim, o texto como um todo deve ter sua forma, sua unicidade. A última fase é dar essa singularidade ao texto, tornando-o representante dessa pesquisa que começou com a provocação estética do movimento (no palco ou no livro)”, ensina.

Entre os temas futuros de sua pesquisa estão a capoeira e a filosofia. O pesquisador explica a razão da escolha: “Suponho que temos uma epistemologia difusa dessa arte, ainda pouco sistematizada. Não estou falando de conceitos ou técnicas, mas de uma singular visão de mundo que o capoeirista assume, de forma quase constante, em diversos locais da prática. Esse é um fenômeno que me instiga”, relata.

Para quem vê com estranheza a ligação entre as pesquisas de danças e filosofia, fica uma mensagem contrária que tem como base um dos textos de Odilon. “Há um texto meu, escrito para um periódico, bem simples, inclusive. Trata-se de um texto sobre a dança na obra *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche. Como eu disse, não é um texto profundo, mas essa pequena notoriedade do artigo me faz pensar que há um número considerável e crescente de pessoas se interessando por uma abordagem filosófica da dança e das artes do movimento de modo mais amplo. Dito de outro modo, parece que tem bastante gente cruzando os termos dança e Nietzsche no Google”, finaliza. **(Priscila Gorzoni) R**



JUÇARA LIA CIANFARANI,
ALUNA DA ESCOLA DE BALÉ
DE MARIA CARMEN BRAN-
DÃO, EM FOTO DE 1955



Acervo/Morisca Garibaldi

TOSHIE KOBAYASHI (PRIMEIRA, DA ESQUERDA PARA DIREITA) DURANTE APRESENTAÇÃO NA DÉCADA DE 1960. POR MAIS DE 40 ANOS, TOSHIE MANTEVE UMA ESCOLA DE BALÉ EM SÃO CAETANO DO SUL QUE SE TORNOU REFERÊNCIA NACIONAL

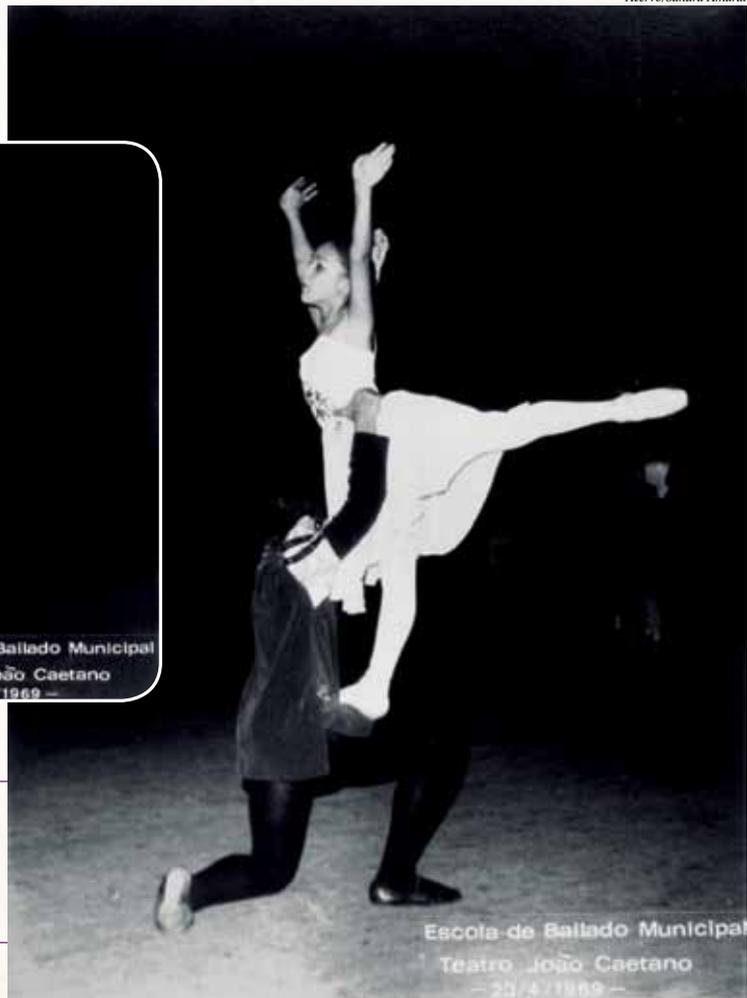
Acervo/Sandra Amaral



FOTO
"SALLES"
25/04/69

Escola de Bailado Municipal
Teatro João Caetano
- 23/4/1969 -

SANDRA AMARAL DURANTE APRESENTAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADO DE SÃO PAULO, NO DIA 23 DE ABRIL DE 1969



Escola de Bailado Municipal
Teatro João Caetano
- 23/4/1969 -



Acervo/Fundação Pov-Memória de São Caetano do Sul

ALUNAS DA ESCOLA DE TOSHIE KOBAYASHI EM UMA APRESENTAÇÃO EM 28 DE ABRIL DE 1973, PROMOVIDA PELO TIJUCUSSU CLUBE, ENTIDADE QUE CONGREGAVA JOVENS DE SÃO CAETANO DO SUL EM TORNO DE ATIVIDADES DE CUNHO ESPORTIVO E CULTURAL

Acervo/Maria Antonia Ferreira Fiorotti



ESPETÁCULO DE FORMATURA DA TURMA DE 1978 DA ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADO, REALIZADO NO TEATRO MUNICIPAL PAULO MACHADO DE CARVALHO, NO DIA 2 DE DEZEMBRO DAQUELE ANO. EM DESTAQUE, A FORMANDA CLAUDIA FERREIRA FIOROTTI, ENTÃO COM 14 ANOS



APRESENTAÇÃO DE SANDRA AMARAL E DE SEU IRMÃO, ANTÔNIO ROBERTO MARTINS DO AMARAL, DURANTE ESPETÁCULO DE FORMATURA DA ENTÃO ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADO (ATUAL ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADO LAURA THOMÉ), REALIZADO NO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1978



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

ALUNAS DO STUDIO
GISELLE DURANTE UMA
AULA EM 1980

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

FLAGRANTE DE UMA AULA NO CENTROARTE GINÁSTICA E BALET, EM 1980. A ESCOLA PERTENCIA A IRMA CESCA E REGINA FÁTIMA C. MIRANDA E LOCALIZAVA-SE NA RUA COMENDADOR GERVÁSIO SEABRA, Nº 90, NO BAIRRO BARCELONA. OFERECIA AULAS DE GINÁSTICA RÍTMICA, MODELADORA E DE EMAGRECIMENTO, ALÉM DE BALÉ CLÁSSICO, MODERNO E JAZZ. FOI INAUGURADA EM 1979, PERÍODO EM QUE O ENSINO DA DANÇA NA CIDADE JÁ ERA UMA REALIDADE CONSTATADA PELA ATUAÇÃO EFETIVA DE OUTROS ESTABELECEMENTOS DA ÁREA



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



FLAGRANTE DE UMA APRESENTAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADO, NO PERÍODO EM QUE ERA DIRIGIDA POR CLEUSA ESCANHO



TOSHIE KOBAYASHI E CLEUSA ESCANHO, DOIS ÍCONES DO ENSINO DA DANÇA EM SÃO CAETANO DO SUL, EM FOTO DA DÉCADA DE 1980



FLAGRANTE DA MESA QUE COMPÔS UMA CERIMÔNIA DE FORMATURA NA DÉCADA DE 1980. ALÉM DO ENTÃO PREFEITO, HERMÓGENES WALTER BRAIDO, APARECEM TAMBÉM, NA IMAGEM, ALGUNS NOMES QUE MARCARAM A HISTÓRIA DA DANÇA EM SÃO CAETANO, COMO TOSHIE KOBAYASHI (A SEGUNDA, A PARTIR DA ESQUERDA), CLEUSA ESCANHO (APÓS BRAIDO) E, NA SEQUÊNCIA, SANDRA AMARAL. FORAM AINDA IDENTIFICADAS HELENINHA PETRONILHO (A QUARTA, A PARTIR DA ESQUERDA) E, EM SEGUIDA, DULCE JUNQUETTI E MARIA BRAIDO

APRESENTAÇÃO POR OCASIÃO DA REABERTURA DO TEATRO MUNICIPAL PAULO MACHADO DE CARVALHO, EM 1987





Acervo/Claudete Rosa Meloni

PRIMEIRA APRESENTAÇÃO DA ESCOLA DE DANÇA DA FUNDAÇÃO DAS ARTES (COREOGRAFIA *TESS*), NO FINAL DA DÉCADA DE 1980. FOI IDENTIFICADA CAREN POLIDO (PRIMEIRA, À DIREITA)

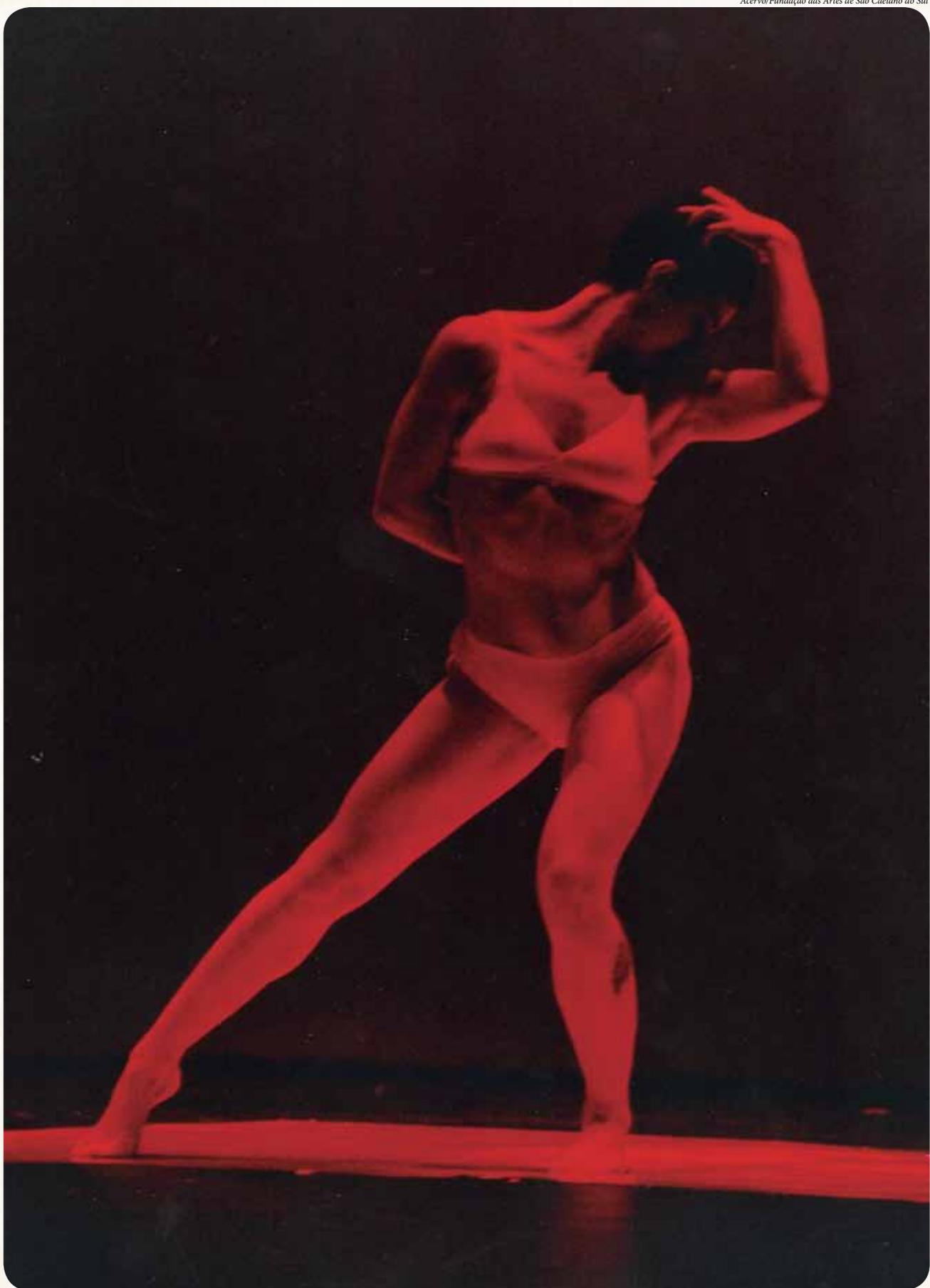


ALUNAS DA ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADO DURANTE ESPETÁCULO DE FORMATURA, NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1990. FOI IDENTIFICADA PAULA ROBERTA MELONI, QUE APARECE AO CENTRO

Acervo/Fernanda Bianchini



BAILARINOS GISELE DANTAS NAKHUR E ALAN HORTELÂ DURANTE ESPETÁCULO *DIVERTISSEMENT*. AMBOS SÃO ALUNOS DA ASSOCIAÇÃO DE BALLE E ARTES PARA CEGOS FERNANDA BIANCHINI, ÚNICA INSTITUIÇÃO PROFISSIONAL DE BALÉ PARA CEGOS DO MUNDO



A BAILARINA ALESSANDRA FIORAVANTI NO ESPETÁCULO *YIN*, DE IVONICE SATIE, DA STACATTO COMPANHIA DE DANÇA, APRESENTADO EM 2002. O NÚCLEO ADULTO DE DANÇA DA FUNDAÇÃO DAS ARTES FOI CRIADO EM 1998 E TINHA ENTRE SEUS INTEGRANTES BAILARINOS FORMADOS PELA INSTITUIÇÃO E CONVIDADOS. NO ANO DE 2002, LANÇOU-SE PROFISSIONALMENTE COMO STACATTO. O GRUPO SE DESLIGOU DA FUNDAÇÃO DAS ARTES POSTERIORMENTE, MAS COLABOROU PARA A FORMAÇÃO E MOTIVAÇÃO DE NOVOS GRUPOS





Associação Fernanda Bianchini

ALUNOS DA ASSOCIAÇÃO DE BALLET E ARTES PARA CEGOS FERNANDA BIANCHINI SE APRESENTAM COM COREOGRAFIA *OLHANDO PARA AS ESTRELAS*. FERNANDA BIANCHINI NASCEU E CRESCERAM EM SÃO CAETANO DO SUL E DESENVOLVEU MÉTODO PIONEIRO DE ENSINO DE BALÉ PARA CEGOS



Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

FORMANDAS DE 2003 DA FUNDAÇÃO DAS ARTES

O CASAL DE BAILARINOS DA FUNDAÇÃO DAS ARTES, DIEGO BORELLI E PAULA FIORIN, INTERPRETANDO O CLÁSSICO A BELA ADORMECIDA, EM 2009



Acervo/Fundação das Artes de São Caetano do Sul

INTEGRANTES DO GRUPO DE DANÇA DA FUNDAÇÃO DAS ARTES, EM FOTO DE 2009





ALUNAS DA ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADO
LAURA THOMÉ APRESENTANDO-SE NO
ESPETÁCULO *JOGOS E BRINCADEIRAS*,
REALIZADO NO DIA 24 DE MAIO DE 2014





Nelson Perdigão

HÁ QUATRO DÉCADAS, O PLANESPORTE DAVA NOVO ROSTO AO ESPORTE DE SÃO CAETANO DO SUL

No projeto de desenvolvimento esportivo (Planesporte), preconizado no plano de governo Cidade Nova, do prefeito Hermógenes Walter Braido (gestão 1973-1976), sempre sob comando de João Luiz Pascoal Bonaparte, aconteceram diversos desdobramentos tendo à frente um grupo técnico de renome.

Vale lembrar que o planejamento do Planesporte recebeu grande influência do Tijucusu Clube, que realizava a Olimpíada Escolar com notoriedade. Este sucesso transbordava para todas as atividades esportivas. Para compor este grupo, João Bonaparte convidou Victor Matsudo, dirigente e fundador do Tijucusu Clube; Norma Pinto de Oliveira, grande atleta do basquete feminino; Carlos Ventura, técnico de atletismo de renome; Dante da Rose, dirigente e fundador do Tijucusu

Clube, técnico de basquete e professor de educação física respeitado pelos seus conhecimentos; Laércio Elias Pereira, mestre em educação física, técnico de handebol reconhecido em todo o país; Emídio Bonjardim, professor de educação física da rede municipal, mestre em educação física, reconhecido no meio como um profundo conhecedor da área; e Atilano dos Santos, professor de educação física, que foi escolhido para chefiar a Secção de Educação Física e Esportes, criada para atender parte do projeto Planesporte.

Foi instituído ainda o Laboratório de Aptidão Física para atender a área técnica das atividades esportivas com pesquisas importantes para o desenvolvimento da área. Victor Matsudo foi nomeado coordenador responsável por todas as atividades e pesquisas do setor. Ele montou uma equipe de pesquisadores que produziram trabalhos que repercutiram pelo mundo.

A importância da Comissão de Orientação do Futebol (COF) - Diante da grandiosidade do projeto Planesporte, havia a necessidade de estendê-lo aos clubes de futebol que viviam em extremas dificuldades. Precisavam de uma orientação para que pudessem alcançar os objetivos de cada entidade. Como o plano de governo Cidade Nova tinha como escopo a construção de centros esportivos, a intenção era a de instalar um em cada bairro, por meio das fusões de seus clubes de futebol. Assim, a COF passou a ser a sigla da Comissão de Orientação das Fusões.

Foram nomeados, sob o comando de João Luiz Bonaparte: João Pedro Pedullo, presidente da Liga Sancaetanense de Futebol; José Mombelli, esportista e membro do Tribunal de Justiça Desportiva; Aurélio Loureiro Bastos, esportista que estava sempre presente no esporte sul-são-caetanense e técnico do Saad Esporte Clube; Salvador Silva, jornalista e radialista, secretário da Comissão Municipal de Esportes; e Nelson Perdigão, professor de educação física, técnico desportivo de futebol, administrador desportivo ligado ao esporte de São Caetano do Sul, preparador físico das seleções, coordenador de vários torneios das categorias menores, e que era, naquele período, assessor da presidência da Comissão Municipal de Esportes.

A partir do Planesporte e da COF, gerou-se uma intensa atividade no esporte sul-são-caetanense para dar retaguarda aos clubes que surgiram. Foram promovidas atividades como o curso de administração esportiva, elaborado pelos professores Emídio Bonjardim e Nelson Perdigão, e o de técnico de futebol amador, comandado por Otto Glória, consagrado técnico de futebol profissional.

Duas atividades realizadas com grande sucesso repercutiram em toda a imprensa brasileira. Uma foi a construção dos centros esportivos (com a definição dos oito clubes criados, a prefeitura iniciou as obras, que foram acompanhadas por comissões de cada clube e a COF) e as dezenas de competições realizadas em todas as modalidades, como as Olimpíadas do Tijucussu Clube (que eram o carro-chefe), Olimpíadas do Primário, com participação de escolas do primeiro grau, Torneio Dente de Leite Jonas Januário, Torneio de Futebol Mirim Claudio Musumeci, Semana da Criança, com provas de pedestrianismo, natação e outras, campeonatos de futebol amador, entre outros.

Na sequência, a história das junções dos novos centros esportivos que surgiram na década de 1970:



Entrega do Estatuto Padrão para os clubes das fusões, em 1973. Na foto, os membros da COF: José Mombelli, João Bonaparte, Wilson Santos, João Pedro Pedullo, Aurélio Loureiro Bastos e Nelson Perdigão



Entrega das premiações dos encontros da Liga e da Comissão Municipal de Esportes. A partir da esquerda, vemos: Giro Striani, João Pedro Pedullo, Atilano dos Santos, Nelson Perdigão e Osvaldo Lavrado (secretário da LSF)



Prefeito Hermógenes Walter Braido e Nelson Perdigão



Centro Recreativo Esportivo União dos Amigos de Vila Prosperidade – Creua – 17/12/1972

Durante a campanha política de 1972, os dirigentes esportivos dos clubes do Bairro Prosperidade levantaram a necessidade de fornecer a seus associados equipamentos de lazer para atender a um bairro isolado da cidade. Deram um grande exemplo ao superarem as rivalidades, as diferenças e as vaidades de cada um. Uniram-se e formaram um novo clube. Assim que terminou a eleição, procuraram o prefeito eleito, Hermógenes Walter Braidó, que tinha um projeto de construção de centros esportivos e recreativos em cada bairro. No dia 17 de dezembro de 1972, os dirigentes se reuniram para realizar a fusão entre o União Jabaquara Futebol Clube, o Vila Prosperidade Futebol Clube e a Sociedade Auxiliadora de Auxílios Mútuos de Vila Prosperidade.

Ignácio Gandolpho foi indicado para organizar a reunião de fundação e Nelson Correia secretariou.

Duas decisões importantes foram aprovadas neste encontro: a definição do nome Centro Recreativo Esportivo União Amigos de Vila Prosperidade (Creua), e que todos os bens patrimoniais passariam automaticamente para a nova entidade. Benedito Polastro foi eleito o primeiro presidente para um mandato de dois anos.

São considerados fundadores todos os presentes: Benedito Polastro, Ermelido Beraldo, Nelson Correia, Pedro Vadillo Isquierdo, José Sanches, Antonio Amara, Antonio Simoni, Osvaldo Pereira, Leonardo Antonio Miola, Eduardo Loureiro, Francisco Testa, José Marquiari, Mario Lima, Ernesto Rocha, Emilio Beraldo, Rubens Mancini, Lázaro Pereira da Silva, Alfredo Faria, Mair Pedro Salles, Salvador Martins, Antonio Carlos Zacaroli, Migues Alcon, Francisco Galhardo, José Pereira, Gervásio Balvis, Jurandir Bueno, Dorival Visnarde, Wilson Braga, Guilherme Mancini, João Moreira dos Santos, Antonio Peralta, Américo Bortolasso, Floriano Francione, Benjamim Beraldo, Santo Gandolpho, Manoel Miguel Torres, José Polastro Júnior, José de Oliveira, Manoel Alves da Silva, Antonio Figueira, Mario Ricci, José Segatto, Valter Saspedes, Ignácio Gandolpho e André Sanches Perez.



Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Santa Maria – Serc – 7/7/1973

No dia 7 de julho de 1973, reuniram-se na sede do Estrela Vermelha Futebol Club, na Rua Ivaí, nº 815, no Bairro Santa Maria, todos os membros participantes, por laços de amizades, ligados aos clubes Estrela Vermelha FC, Ponta Porã FC e AA Alvorada, com o objetivo de fundar uma associação, fruto da fusão destas três equipes.

O presidente da reunião foi Antonio Cáceres Dias e o secretário, José Pinto do Amaral. Fizeram uso da palavra, inicialmente, Sebastião Lauriano dos Santos e Valdir Macedo, sugerindo que o nome fosse Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Santa Maria. Depois escolheram as cores branca, vermelha, verde e azul. Como

emblema foi aprovada a imagem de um livro com três argolas e as iniciais Serc.

Com a aprovação, foi marcada uma nova reunião para o dia 28 de julho daquele ano a fim de definir o estatuto e a eleição do conselho deliberativo da nova entidade. Foi eleito como primeiro presidente Valdir Macedo, e Diogo Cáceres Dias como presidente do conselho.

São considerados fundadores do novo clube: Walter Braidó, Antonio Cáceres Dias, Diogo Cáceres Dias, Felício Troskaith, Renato D'Santi, Basílio da Rocha, Wladimir C. Silvestre, Osvaldo dos Santos, Wilson Ferreira, Paulo D'Adamo, Santo João Trovo, Gilberto Romanine, Felisberto Licursi, Clovis Ferreira, João Pedro Vazuchi, José Pinto do Amaral, Sebastião Lauriano dos Santos, José Francisco Alves, José Ceratti, Ioshiyuki Sato, Gonçalo Navarro Filho, Reinaldo Lopes, Valdir Macedo, Roberto Garbin, Modesto Cáceres Dias, Luiz Carlos Almeron e Arthur Moyses.



**Associação
Beneficente
Recreativa Esportiva
de Vila Barcelona –
Abrev – 28/7/1973**

Os esportistas que dirigiam o Náutico FC, o Barcelona FC e o Nacional FC, com muita harmonia decidiram realizar a fusão de seus clubes com rapidez e focados na colaboração com o projeto Planesporte.

Os fundadores participaram de uma primeira reunião no dia 26 de maio de 1973 para definir os detalhes da fusão. João Pessolato foi o presidente deste encontro inicial e o secretário foi Romeu Garrucho. Uma segunda reunião foi realizada no dia 28 de julho daquele

ano para realmente fundar a nova equipe, que passou a se chamar Associação Beneficente Recreativa Esportiva de Vila Barcelona.

Assinaram a lista de fundadores: Geraldo Teixeira Alves, Francisco Isler, Aparecido Goulart, Antonio Pereira, Adolfo Mitwyasso, Marino Scarin, Luiz Cerlini Neto, José Antonio Ferri, Odilon Ricci, Sergio Scarin, Carlos Pessolato Neto, Orides Boim, Renato Polesi, Primo Vizentin, Paulo Geraldo Piai, Edson Pedro Cardoso, Romeu Garrucho, Akio Shigueoka, João Guimarães, Edson Radick, Décio Secco, Lorentino Santicciolli, João Carlos dos Santos, Adilson Silvestre Moreno, João Carlos Tonus, Orlando Secco, Sergio Conti, Benedito Pizzo, Ercio Rossini, Sidney Vicário Moreno, Angel M. Diaz, Sebastião Armelin, Rubens Tassi e João Pessolato.



**Centro Esportivo
e Recreativo Águias
de Nova Gerte –
9/10/1973**

Clubes tradicionais e aguerridos do Bairro Nova Gerte, como o EC Torino de Vila Marlene, Santos FC, EC Vila Gerte e o Guarani FC, entenderam de imediato o projeto Planesporte. O primeiro passo estava dado no entendimento entre seus dirigentes, criando o popular Cerang - Centro Esportivo e Recreativo Águias de Nova Gerte.

São considerados fundadores os esportistas: José Carlos Alle Mamed, Benedito Galinaro, Antonio Santo Abate, Antonio Simão Hibanhez, Antonio Rufino de Souza, Antonio Tomazini, Antonio Diogo, Enzo Santarelli, José Petreca, Guilherme Mazzola, Frederico João Cezarino, Valentim Souza Brito, João Araujo de Menezes, Antonio Carlos da Silva, Anesio G. Bonfim, Euclides Manuel da Silva, Emídio Rodrigues de Oliveira, Eloi Teodoro da Silva, Décio Petreca, Antonio Daineze, Sergio Sacone, João Pedro Pedullo e Geraldo Caparroz.

Antonio Santo Abate foi eleito o primeiro presidente do Cerang, destacando-se pelo seu trabalho e dedicação na busca do atendimento da construção da praça de esportes, que foi entregue na administração do prefeito Raimundo da Cunha Leite.



Centro Esportivo e Recreativo Gisela – 28/10/1973

Até a denominação da entidade foi tranquila. Uma comunidade determinada desde a primeira reunião com a Comissão de Orientação do Futebol abraçou o projeto participando com muito entusiasmo. A reunião que definiu o novo clube foi presidida por Sebastião Leite de Melo e secretariada por Sidnei Toniette.

Os que estavam presentes e subscreveram a ata foram considerados fundadores. São eles: José Gomes de Souza, Dario Fernandes, Vicente Gimenez, Alfredo Espósito, João Galina, João Copolla, Valdir Gonçalves, Zurlo Pio, Raul José dos Santos, João Carmo de Oliveira, Sidney Toniette, Geraldo Rosa, Sebastião Bonatto, Aparecido João Alves, Rubens Capozzoli, José Rodrigues, Julio de Mello, Giro Striani, José Francisco de Carteo, Francisco de Haro Fernandes, Antonio Jorge Costa, Ernesto Pereira Feitosa, Claro Bueno de Oliveira, Pedro Basting, Antonio Santoro, Francisco Maximino, Francisco Rodrigues Moreira, Manoel Rodrigues Moreira, José de Sá, Raimundo da Cunha Leite, Irineu Pires, Nelson Morgan, Israel Monteiro de Lima e Sebastião Leite de Melo.

O primeiro presidente eleito foi Giro Striani. O estatuto foi aprovado no dia 6 de novembro de 1973.

Centro Esportivo Recreativo Vila São José – 1/11/1973

A formação do CER Vila São José transcorreu de forma confusa e com notícias desencontradas. A primeira reunião com a Comissão de Orientação do Futebol foi marcada na sede do São José FC sem a presença de sua diretoria. Nesta reunião, os dirigentes da Ponte Preta FC já de pronto desistiram da fusão. Os clubes São José FC, América FC e Flamengo FC aceitaram se unir, porém, não houve, oficialmente, uma assembleia para a definição.

No dia 1º de novembro de 1973 foi marcada a reunião de fundação do novo clube. Estiveram presentes vários esportistas do bairro, que se tornaram fundadores do CER Vila São José. São eles: José Laureano Filho, Carlos Braz Alexandre, Luiz Laurindo Marcelino, Milton Petrilli, Ubirajara de Souza Figueiredo, Aldo Rossini, Francisco Mariano de França, João Pedro de Almeida Barros, Roberto Palermo, Antonio Eustáquio Alves, João Pedro Lopes, José Tavares da Silva, José Henrique Marques, Edmilson Pedro Cavalcanti, Gumercindo Zanirato Maia, José Custódio Carneiro, Antonio Pederiva, Osvaldo Lavrado, Pedro Felisberto, Pedro Bueno, Pedro Botelho e José Rocha Pedro Bueno.

João Pedro de Almeida Barros, o João Pandeiro, foi eleito o primeiro presidente, sendo seus vices, Luiz Laurindo Marcelino e Francisco Mariano de França.



Clube Recreativo Esportivo Tamoyo – 11/11/1973

Foram realizadas várias tratativas para a criação de um novo clube para o bairro, mas o Monte Azul e o Arco Verde não aceitaram participar. Foi quando o São Bento, um clube já com suas atividades paralisadas, concordou com a fusão com o Tamoyo FC.

No dia 11 de novembro de 1973, na sede do Tamoyo, na Rua Tenente Antônio João, nº 70, reuniram-se os conselheiros do Tamoyo FC, sem a presença de nenhum dirigente do São Bento, e sob o comando de Antonio José

Dall' Anese, os conselheiros aprovaram a criação do Clube Recreativo Esportivo Tamoyo.

Estavam presentes os seguintes esportistas: Antonio Romera, Júlio Narciso Junior, Antonio José Dall' Anese, Plácido Luvisotto, Lourival Belmiro Françoso, Enrico Cortina, Donato Bulchi, Francisco Nabarrete, Douglas Martins Araujo, Leonardo Luvisotto, Artimélio Luvisotto, João Holosi, Martins Salles, Alcides Gomes, Hilário Marzano, Vanderley Ricci, Antonio Manfrin, Geraldo de Oliveira, Mario Romano e Eduardo Crespo da Silva.

Nesta mesma reunião foram escolhidos os membros do conselho fiscal e ainda da presidência do novo clube. A escolha recaiu, por unanimidade, sobre Pedro Domingos Sasso, sendo seu vice, Osvaldo Ricci.



**Centro Recreativo
Esportivo Fundação
– 15/11/1973**

No dia 15 de novembro de 1973 surgiu o Centro Recreativo Esportivo Fundação, resultado da fusão entre o América FC e a Sociedade Amigos do Bairro da Fundação. Durante o período das tratativas para se criar o novo clube, cogitou-se a participação do São Cristovão FC, mas isso não aconteceu em virtude das suas condições patrimoniais, já que sua sede possuía sócios patrimoniais, com cotas particulares.

Andrea Perrella Neto, o Filpo, presidiu a assembleia, sendo secretariado por Geraldo Plates. Na reunião estiveram presentes: Andrea Perrella Neto, André Leoni Netto, Arturo Rafael Ortoló Simó, Walter Rossanese, João Bresciani, João Massaros, Anto-

nio Premazzi, Abílio Morseli, Giuseppe Cortina, Albino Martorelli, João Tambara, Domingos Marques de Araujo, Gualtieri Belloni, Antonio Flávio da Silva, Adelino de Oliveira, Ferdinando Domenico Ferrari, José Edmar de Moraes, Flávio Paolilo, Oswaldo Mariano dos Santos, Benedito Capusso, Antonio Risco, Firmino Garbelotti, José Roberto Rente, Geraldo Plates e Mário Mingardi.

Nesta reunião de fundação foi aprovado um item importante que serviu para encorpar o novo clube. Por sugestão de Abílio Morseli, seriam considerados fundadores todos os sócios admitidos nos 180 dias após a fundação. Neste prazo, cerca de 1.900 associados se inscreveram.

O primeiro presidente foi Antonio Premazzi, que imprimiu uma administração atuante, arrojada e bem planejada. Acolheu as equipes de basquete feminino, que tinham as principais estrelas do país e revelou a jogadora Hortência Marcari.

A conclusão - Para atender ao projeto Planesporte, na área de infraestrutura, os 22 clubes esparramados pelos bairros da cidade transformaram-se em oito novas agremiações. Cerca de 250 esportistas, dirigentes que acreditaram na proposta, participaram ativamente de reuniões, assembleias e definições da criação de cada novo clube, que se tornou centro esportivo e recreativo.

A Liga Sancaetanense de Futebol desfilou todos os clubes, os 22 que realizaram as fusões e os 23 clubes que não aceitaram a forma imposta pelo projeto. Os que não aceitaram a proposta fecharam suas atividades. Em 1977, alguns clubes conseguiram retornar, casos específicos do Sete de Setembro e do Jabaquara.

No governo de Hermógenes Walter Braidó foram construídos cinco centros esportivos: Creua Vila Prosperidade, Abrev Barcelona, Serc Santa



Diretoria do Tamoyo em 1971. Em pé, a partir da esquerda, Osvaldo Ricci, Julinho, Francisco Nabarrete, Sebastião Toledo, Gerinha, Mario Romano e Hermenegildo Toledo. Sentados: Antonio Romera, Joaquim Amador, Pedro Sasso e Ademar Sciorilli

Maria, CER Tamoyo e CRE Fundação. No governo Raimundo da Cunha Leite (1977-1982) foram fundados três centros esportivos que completaram o projeto, sendo eles: CER Gisela, CER Águias de Nova Gerte e CER Vila São José. **R**

NELSON PERDIGÃO

É PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, RADIALISTA E JORNALISTA ESPECIALIZADO EM ATIVIDADES ESPORTIVAS. FOI INTEGRANTE DA EQUIPE DA DIRETORIA DE ESPORTES DE SÃO CAETANO DO SUL EM VÁRIAS ADMINISTRAÇÕES MUNICIPAIS.

Acervo/Elisabeth Soares Serapião Poix



SAMBA NA PONTA DOS PÉS DA SUL-SÃO-CAETANENSE ELISABETH SOARES

No programa *Clube do Bolinha*. Elisabeth é a sexta, a partir da direita. Destaque para o apresentador, Edson Bolinha Cury, ao centro. Foto de 1992

Acervo/Elisabeth Soares Serapião Poix



Elisabeth Soares Serapião Poix em foto de 2012

Natural de São Caetano do Sul, Elisabeth Soares Serapião Poix nasceu em 23 de maio de 1962, no Hospital Beneficência Portuguesa. Em 1966, quando tinha apenas 4 anos de idade, foi incentivada por sua mãe, Ivone Soares, a estudar dança. Iniciou então seus estudos na Escola Municipal de Bailado de São Caetano do Sul, onde permaneceu, e se dedicou ao curso por sete anos. Ao longo de sua formação, contou com o incentivo e o apoio de grandes mestras, como Cleusa Escanho de Camargo, Toshie Kobayashi e Agnes Genga.

Em 1989, após ter concluído seus estudos e tornar-se bailarina profissional, Beth conheceu Tia Irany, que a encaminhou para o seu primeiro contrato com a Prytt Promoções Artísticas S/C Ltda., e a orientou a ingressar na televisão para participação em concursos e publicidades. A pro-

pósito disso, ela hoje, consciente de sua capacidade e talento, nos conta: “Sei bem a dificuldade que foi para minha mãe criar-nos (*referindo-se a ela e ao irmão, Haroldo Soares*). Mas ela persistiu com o sonho de me formar bailarina, talvez por ter sido, um dia, o sonho dela também... Muitas pessoas nos ajudaram, entre elas Agnes Genga, que abriu as portas de sua escola para que eu pudesse prosseguir meus estudos, e também a Tia Irany, que sempre esteve presente nos momentos mais especiais de minha vida”.

Elisabeth concorreu, durante três meses, no programa *Viva a Noite*, exibido pela antiga TVS, no concurso de mulatas, tornando-se imbatível após apresentar seu ponto alto, o “samba na ponta dos pés”.

Ela lembra, com humildade, que chegou a desistir, após a primeira seletiva para o concurso, porque não se achava à altura de suas concorrentes. “Quando vi aquelas mulheres lindas, altas... abandonei a seletiva e fui embora para casa. Só que, no outro dia, me ligaram para saber o que havia acontecido, pedindo para que eu comparecesse na próxima seletiva. Foi quando minha mãe, para me encorajar, questionou: ‘Final, você não é bailarina formada? Então, por que você não apresenta o seu samba na ponta dos pés?’ Até então nunca ninguém havia feito isso. Lembro-me que o apresentador Gugu ficou muito bem impressionado!”

Beth participou de duas produções cinematográficas nacionais, com os diretores Toni Vieira e José Miziara, e teve participações em propagandas da Kibon, Glasslit, Banespa, entre outras. Fez também teatro amador, quando participou da peça *Arena contra Zumbi*, levada aos palcos do ABC e de São Paulo.

Em 1981 Beth foi eleita Miss Colored, em Catanduva, e Rainha da Escola de Samba Estação Primeira de Santo André, nos carnavais de 1980 e 1984. Ainda em 1984, foi uma das princesas do carnaval de rua de Santo André. Trabalhou



Arquivo/Elisabeth Soares Serapião Pix

Elisabeth em registro fotográfico de 1966

como dançarina em casas de shows brasileiras e, em 1987, foi eleita Rainha do Carnaval de Santo André. Neste mesmo ano, a convite do consulado japonês, partiu como líder de um grupo de bailarinos para uma turnê pelo Japão.

Após seu retorno ao Brasil, em seu primeiro teste, foi escolhida por Edson Cury, o saudoso e célebre apresentador Bolinha, para trabalhar como bailarina em seu programa *Clube do Bolinha*, por meio do qual, posteriormente, foi contratada pela TV Bandeirantes, permanecendo nessa emissora por oito anos.

Enquanto ainda trabalhava com o Bolinha, casou-se pela primeira vez com o empresário



Arquivo/Elisabeth Soares Serapião Pix

Elisabeth com sua mãe, Ivone Soares, e a filha, Aline Serapião. Foto de 1998



Elisabeth como destaque em jornais das décadas de 1980 e 1990

de São Caetano do Sul, Rubens Bezerra da Silva, com quem teve uma filha, Aline Serapião. Relembrando os bons tempos, Beth nos diz: “Houve uma época em que eu era chamada de bolete. Foi um dos períodos mais fecundos e interessantes da minha vida. Adoro lembrar esse tempo tão bom, que nunca foi esquecido!”

Após a morte de Cury, Beth trabalhou ainda alguns anos como bailarina e coreógrafa no Brasil. Entretanto, em 1997, mudou-se para a Suíça, onde conheceu seu segundo e atual marido, Pierre Poix, tornando-se cidadã suíça. Lá, trabalhou inicialmente como cabeleireira e, posteriormente, como professora de dança em uma academia. O sucesso foi tanto que Beth chegou a montar um grupo de dança chamado Mistura Samba.

Periodicamente retornava ao Brasil, em busca de materiais descartados por escolas de samba da região do ABC para montar suas fantasias destinadas a encantar suas apresentações na Suíça e na França.

Em 2007, com saudades de sua terra natal e do sol brasileiro, Beth decidiu, com seu atual marido e filha, retornar ao país, especificamente, para São Caetano do Sul, quando montou seu próprio salão de cabeleireiro, sempre bem-sucedido.

Preocupada em atualizar-se profissional-

mente, Beth voltou aos bancos acadêmicos e, em 2010, graduou-se em visagismo e terapia capilar pela Universidade Anhembi Morumbi, de São Paulo, e, em julho do mesmo ano, formou-se visagista em um curso de férias, em Paris. Atualmente, cursa pós-graduação em tricologia e terapia capilar, também pela Universidade Anhembi Morumbi, com previsão de conclusão em julho de 2014.

Elisabeth mantém até hoje seu salão Noir et Blanc, localizado na Alameda Conde de Porto Alegre, no Bairro Santa Maria, e possui também uma sala comercial no centro de São Caetano, onde atua como terapeuta capilar, trabalhando com prótese capilar.

Embora possa parecer redundância nossa, é imperioso dizer que o clímax de sua carreira e trajetória como bailarina foi marcado, principalmente, pela repercussão do seu modo original de dança, “o samba na ponta dos pés”, e por sua notória participação no programa *Clube do Bolinha*. Mas é certo que os cidadãos sul-são-caetanenses a reverenciam com orgulho por sua constante preocupação em estampar e reopresentar, Brasil afora, nos jornais da época, nossa querida cidade de São Caetano do Sul, deixando assim, humildemente, de ser referência por seu incomparável “samba no pé” para exaltar, com orgulho, o nome de sua cidade natal. **(Talita Scotá Salvatori) R**

Humberto Pastore

Em janeiro de 1991, a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul fazia o lançamento de sua quarta edição da revista *Raízes* que, entre capa e miolo, trazia 68 páginas de notícias que resgatavam o passado de São Caetano do Sul. Na capa e contracapa, fotos com o viveiro de plantas da prefeitura e uma panorâmica com predominância do verde.

Na página dois, o editor Aleksandar Jovanovic consegue posicionar a cidade num contexto de 450 anos, com o texto cujo título bem retrata esta situação: *Da capitania de São Vicente ao município de São Caetano do Sul, uma palpitante aventura*. Na página três, como vinha sendo uma constância, o sumário e uma mensagem do prefeito da época, Luiz Olinto Tortorello.

O memorialista Ademir Medici nos brindou com o artigo *Coronel Saladino, prefeito*, contando a história de um tempo em que a região nem sonhava em ser conhecida por ABC. Saladino administrou o velho município de São Bernardo entre os anos de 1914 e 1930.

Em cinco páginas, a historiadora Sonia Maria Franco Xavier descreveu a trajetória de vida de Armando de Arruda Pereira, lembrando, inclusive, que, por sua importância, ganhou nome de rua e de uma escola da cidade (Escola Senai Armando de Arruda Pereira).

Uma visão sociológica da vida dos primeiros imigrantes italianos pôde ser lida no profundo artigo do professor José de Souza Martins, intitulado *O tempo da pobreza e do trabalho na memória histórica de S. Caetano*. Ele faz um paralelo entre a vida dura dos pioneiros e a imagem vitoriosa dos empresários que chegaram anos depois. A história deixa de ser contada do ponto de vista dos trabalhadores e passa a ser narrada de forma ufanista por quem detém o poder de mando.

O ensaio de Henry Veronesi, *História de vida e História vivida (a casa, a rua, a fábrica)*, foi diluído em ricas e informativas 14 páginas. Quem quer conhecer a real história da cidade deve se aprofundar neste relato que traz passagens vivenciadas, números comprobató-

rios e farto material fotográfico. Como “aperitivo”, podemos citar que o texto conta que, até 1906, o Bairro da Fundação só tinha duas ruas (Vinte e Oito de Julho e Rio Branco), e, em 1910, uma planta indica que em todo o vilarejo só existiam 100 edifícios, entre casas, fábricas, olarias e vendas.

Jayme da Costa Patrão utilizou cinco páginas para narrar sua crônica *Era uma vez...*, na qual aproveita para contar como surgiram as diversas capelas da então vila de São Caetano e os aspectos da devoção popular.

Esperança Martorelli Cairo e Claudinei Rufini dividem o trabalho *Bravas, mulheres*, no qual é contada a história da carvoeira Marina Giacanomini. Em seguida, Dalila Teles Veras vem com o artigo *A Literatura no ABC (da contemplação à resistência)*.

O professor Antonio Andrade, sempre preocupado com a questão ambientalista, escolhe trabalhar o tema *Águas da História, história das águas*, que fala do avanço do homem sobre os leitos dos rios e as conseqüentes enchentes.

O professor Oscar Garbelotto traz artigo com rico material fotográfico para contar a história dos campos de futebol do São Caetano Esporte Clube. E Mário Dal'Mas escolhe escrever uma poesia chamada *Reconstrução do Passado*.

Gisberto Grigoletto narra a história dos primeiros clubes recreativos da cidade. Glenir Santarnecchi relata sobre os Hinos de São Caetano do Sul. Na seção *Homenagem* são lembrados os feitos do imigrante José Ferrari, em texto de Verino Segundo Ferrari. Em *Opinião*, temos o texto de Jordano Vincenzi contando a história do Grupo Escolar Senador Flaque, de 1926 a 1930. E, por fim, na seção *Reportagem* há a notícia de que uma comitiva de São Caetano do Sul estivera em visita nas cidades coirmãs de Vittorio Veneto, Thiene e Iglesias, todas comunas italianas. **R**

HUMBERTO DOMINGOS PASTORE

É JORNALISTA E ESCRITOR. É MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO E DO CONSELHO EDITORIAL DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL.

Domingo Glenir Santarnechi _____

MÁRIO DEL REY:

UMA AMIZADE DE 55 ANOS



Acervo/Domingo Glenir Santarnechi

Mário Del Rey quando ingressou na Academia de Letras da Grande São Paulo

Ainda sob o impacto da morte do amigo Mário Del Rey, nunca imaginei que uma amizade que já durava 55 anos seria interrompida bruscamente dessa forma. Quando eu estudava no Grupo Escolar Senador Flaquer (atual EMEF), no Bairro da Fundação, ainda não o conhecia, apesar de morar na Rua Heloísa Pamplona, paralela à rua do meu amigo. Mais tarde, soube que Mário jogava bola na Rua Perrella, ainda de terra batida, ao lado da estação do trem, com outro amigo, Altevir Anhê, filho do então vereador João Anhê, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo.

Somente quando concluí o grupo escolar e fui estudar no curso de admissão da Escola Paroquial da Sagrada Família para conseguir ingressar no Ginásio Coronel Bonifácio de Carvalho (atual Escola Estadual), cujos exames eram um verdadeiro vestibular, dada a concorrência de candidatos, foi que vim a conhecer Mário Del Rey, que morava na Rua Niterói. Como sempre gostei de cinema - projetava filmes no salão paroquial para a turma de catecismo do padre Êzio Gislimberti -, estreitei amizade com Mário, que era membro de família tradicional de São Caetano e descendente de fundadores da cidade, jovem muito culto e de educação esmerada. Seus pais e tios eram proprietários das Lojas Del Rey, na região do ABC, conhecida rede de eletrodomésticos.

Mário possuía em sua casa máquinas de filmagem e projetor de filmes, motivo pelo qual passei a frequentar sua residência e conhecer de perto sua família. Chegamos a realizar um filme de 16 milímetros sobre adolescentes, tendo como cenário o Ginásio Coronel Bonifácio de Carvalho, a praça ao lado do Teatro Municipal de São Paulo, a Praça da República e o Aranamy Country Club, em São Bernardo do Campo, que depois se tornou o Clube da Ford, onde o filme se encerrava.

Mário contava inúmeras histórias, o que me impressionava muito. Lembro-me bem quando contou que seu pai, Ignácio Del Rey, o levou para ver a final da Copa do Mundo de 1950, no Estádio do Maracanã, e de como relatava o seu entusiasmo e o do povo brasilei-



Acervo/Maria Helena Del Rey

Muito ligado à família, Mário Del Rey posa para foto ao lado da irmã, Maria Helena, e de três filhos: Rafael, Daniel e Laura



Acervo/Maria Helena Del Rey

Mário Del Rey e sua fiel escudeira, a irmã Maria Helena

ro naquela final contra o Uruguai, cuja vitória era considerada certa. Mas quis o destino que o Brasil perdesse e acontecesse o “Maracanazo”, no qual cerca de 200 mil torcedores abandonaram o estádio em silêncio e de cabeça baixa.

Uma vida de realizações - Mário Del Rey nasceu em São Caetano do Sul, em 20 de fevereiro de 1945. Filho de Ignácio Del Rey e Olga Maria Lorenzini Del Rey, foi escritor, tradutor, poeta, advogado, romancista, niponólogo, gemólogo e artista plástico. Durante a década de 1960, produziu o primeiro filme de bonecos animados do Brasil. Entre 1981 e 1986, lecionou gemologia para entidades como o Instituto Brasileiro de Gemas e Metais Preciosos (IBGM), o Museu Paulista de Antropologia, a Associação Brasileira de Gemologia e Mineralogia, entre outras. Em 1983 foi eleito vice-presidente da Sociedade Gemológica Brasileira, secretário-geral do Centro Cultural de Gemologia do IBGM e assistente técnico do IPEN (Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares) em problemas gemológicos.

Membro da maçonaria desde 1975, foi nomeado Rei de Armas do Grande Priorado Retificado do Brasil durante vários anos, Grande Inspetor Geral do Rito Escocês Antigo e Aceito (grau 33), Venerável Mestre da Loja Sir Arthur Conan Doyle, dentre outros títulos. Em 2008 foi homenageado com a inauguração da Pinacoteca Mário Del Rey, na Loja Luz do Oriente de São Caetano do Sul, na qual estão expostos diversos de seus quadros, além de ter sido fundador de várias lojas na região.

Como escritor, tornou-se membro da Academia de Letras da Grande São Paulo e da União Brasileira de Escritores. Foi um dos fundadores do renomado Grêmio Haicai Ipê. Por muitos anos colaborou com artigos para a revista *Raízes*, da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul. Publicou os seguintes livros: *Os Magistrados Romanos* (Ed. do Autor, S. Bernardo do Campo, 1969), *Curso de Gemologia* (Ed. Casa da Ciência, São Paulo, 1982),

Curso de Diamantes (Ed. Casa da Ciência, São Paulo, 1982), *Gemas do Mundo* (Walter Schumann – 1982 [tradução do alemão foi feita com o prof. dr. Rui Ribeiro Franco]); *História da Maçonaria em São Caetano do Sul* (Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2004), *Armaduras de Samurais – História e Cultura do Japão* (Editora Madras, São Paulo, 2008), *Gladiadores um espetáculo mortal* (em quatro volumes em e-book – 2013) e *Maçonaria - História, graus, ritos e atuação mundial* (e-book - 2013).

Atualmente pertencia à Loja Maçônica Luz do Oriente, localizada na Avenida Tietê, no Bairro Nova Gerty, onde seu corpo foi velado em câmara ardente, e enterrado no Cemitério da Saudade, no Bairro Santa Paula. Quem consultar a sua página no Facebook, poderá ter uma noção da sua vida e obra.

Na última década, dedicou-se com afinco à Academia de Letras da Grande São Paulo, da qual era membro do conselho fiscal e ocupava a cadeira número 20, cujo patrono é Mário de Andrade. Seu padrinho era o acadêmico José Roberto Espíndola Xavier. Sua colaboração foi decisiva em 2009, quando escrevi o livro *São Caetano Di Thiene: o Santo que deu nome à cidade*, ajudando na pesquisa do santo padroeiro da nossa cidade.

Finalmente, além de uma amizade de 55 anos, Mário Del Rey foi meu padrinho na Academia de Letras da Grande São Paulo, cuja apresentação na minha posse foi emocionante, sabendo com maestria desenhando a minha carreira, motivo pelo qual deixo a minha eterna gratidão. **R**



Mário Del Rey era membro da maçonaria desde 1975 e, ao longo dos anos, recebeu diversos títulos e homenagens

DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI
É JORNALISTA, ADVOGADO, ESCRITOR E PESQUISADOR DA MEMÓRIA DA REGIÃO. É AUTOR DO LIVRO *SÃO CAETANO DI THIENE – O SANTO QUE DEU NOME À CIDADE* E MEMBRO DA ACADEMIA DE LETRAS DA GRANDE SÃO PAULO.

Estátua chega ao Museu Histórico Municipal, no dia 7 de agosto de 2002, carregada pelo então supervisor do museu, Humberto Pastore, e pelo colaborador Valdir Valério

VOLTA À CIDADE APÓS MEIO SÉCULO

Após uma longa temporada de 55 anos na capela do Hospital Leão XIII, hoje Hospital São Camilo, no Bairro do Ipiranga, em São Paulo, a imagem de São Caetano Di Thiene voltou a São Caetano do Sul, em grande estilo, no dia 7 de agosto de 2002, data comemorativa do santo padroeiro da cidade, no calendário da igreja católica.

É muito rica a história dessa imagem. Consta que ela pertencia à comunidade local de São Caetano e que havia sido doada pelas Irmãs da Providência para aquela capela erguida em 1947. Em 2002, o hospital começou a ser administrado pela Ordem de São Camilo, passando por uma reforma, e, por isso, a estátua deveria ser retirada de lá. Por obra da Providência, uma vizinha e frequentadora da capela, Sílvia Saponari Gomes Emidio, levantou a história e descobriu que a imagem tinha vindo de São Caetano. Sílvia entrou em contato com a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, que organizou o seu retorno à cidade, instalando-a em uma sala no recinto do Museu Histórico Municipal.

A peça, com 80 centímetros de altura, que havia pertencido ao acervo da Igreja São Caetano, no Bairro da Fundação, foi recebida pela população durante uma carreata no município, quando se comemorava o dia do santo padroeiro.



Crédito: Antonio Reginaldo Cariani

O cortejo de recepção teve início na Rua Manoel Coelho e seguiu pela Avenida Goiás, Rua Amazonas, estação rodoviária, Viaduto dos Autonomistas, Avenida Dr. Rodrigues Alves, ruas Herculano de Freitas, Heloísa Pamplona e 28 de Julho, terminando no número 122 da Rua Maximiliano Lorenzini, no Museu Municipal. Quem visita o local, depara-se com a imagem do santo padroeiro. Trata-se de uma estátua com mais de 67 anos de existência.

A presidente da Fundação Pró-Memória, Sonia Maria Franco Xavier, disse em uma entrevista: “Vamos dar início a um trabalho de recuperação da história da imagem, por meio da memória oral e também de uma avaliação de especialistas do Museu de Arte Sacra, de São Paulo”.¹

Segundo Sonia Xavier, a recuperação do patrimônio só foi possível porque o capelão João Zago, do Hospital São Camilo, doou



Célio Antonio Reginaldo Carbone

a estátua após levantar que a peça havia sido entregue à instituição pelas Irmãs da Divina Providência, do Externato Santo Antônio, que integravam a congregação a qual pertencia o então Hospital Leão XIII.

Sonia disse então: “De acordo com relatos de pessoas que acompanharam a história, na época, como uma agente de saúde do município, madre Benigna, as freiras haviam recebido a estátua do padre da Matriz Velha da cidade, porque a peça era pequena para ficar no altar. Daí as irmãs levarem o santo para a capela do então Hospital Leão XIII, que integrava a congregação, e por lá ficou por mais de meio século (55 anos)”.

Além da recuperação da imagem, o dia de São Caetano foi comemorado com uma mis-

sa especial, às 15h30, na Igreja Matriz Sagrada Família, localizada na Praça Cardeal Arcoverde, no Bairro Centro. Na ocasião, aproveitando a data do aniversário do santo, foi colocado no frontispício da igreja, construção da década de 1930, uma placa de azulejo que a identifica como bem cultural de interesse histórico, iniciativa da Fundação Pró-Memória, que integra o projeto *Caminhos da Memória*, que visa à sinalização e à divulgação do patrimônio histórico de São Caetano do Sul. **(Domingo Glenir Santarnecchi)**^R

Padres José Mainardi e Geraldo Voltolini celebram missa em comemoração ao Dia de São Caetano, na Igreja Matriz Sagrada Família, e benzem a imagem do santo

NOTA

¹ Entrevista concedida ao jornal *Diário do Grande ABC*, Caderno Setecidades, edição do dia 7 de agosto de 2002.

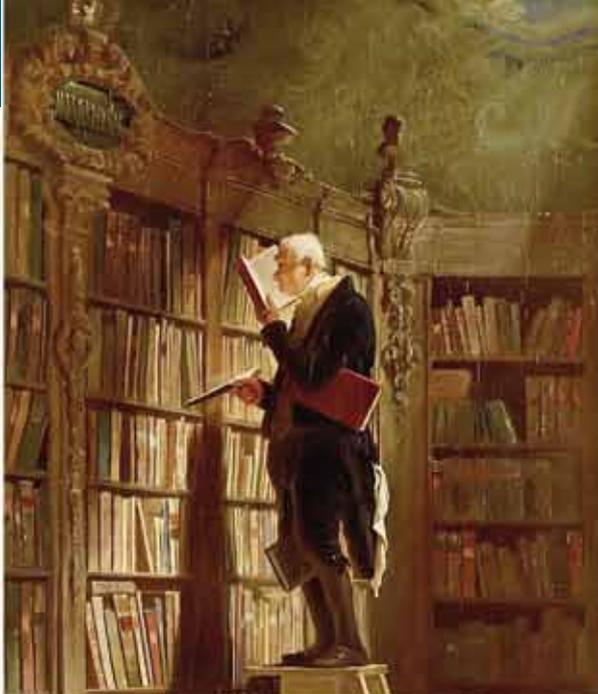


Imagem de domínio público

O Livro sem Fim
(c. 1850),
pintura de
Carl Spitzweg

“ Os que leem, os que nos contam que leem
Os que ruidosamente viram as páginas de seus livros,
Os que detêm o poder sobre a tinta vermelha e preta e sobre as imagens,
São eles que nos conduzem, que nos guiam, que nos mostram o caminho.”

Códice asteca, de 1524, Biblioteca Vaticana apud: MANGUEL, p.9, 2006.

BIBLIOTECA MUNICIPAL PAUL HARRIS

60 ANOS A SERVIÇO DA
EDUCAÇÃO, CULTURA E INCLUSÃO
SOCIAL E DIGITAL

1954 – 2014

A mais famosa das bibliotecas literárias talvez tenha sido imaginada por um autor que também era bibliotecário. No conto *A Biblioteca de Babel*, Jorge Luis Borges imagina o universo como se ele fosse uma biblioteca (ou, ainda, imagina uma biblioteca que abarcasse todo o universo) (BATTLES, pg. 24). E a biblioteca é, sim, um universo à parte: universo de amplitude, de devaneio, de vertigem, de encontro, de vislumbre diante do saber, e lugar instigador de um dom humano, a curiosidade.

Para quem é doente por livros, é fácil falar de biblioteca. Elas têm alma; têm a alma de quem as vasculha, de quem as alimenta de livros, tira e põe os volumes repletos de letrinhas, letrinhas que se formam e criam sentido, constroem ideias, demolindo certezas vãs. É o antro da curiosidade, o caminho que leva à porta da imaginação. Cada livro é um tijolo que edifica o caráter do indivíduo, e Umberto Eco atribui à “memória vegetal” um vasto arcabouço civilizacional e afirma:

Certa vez, Valentino Bompiani inventou como slogan editorial: “Um homem que lê, vale por dois”. Na realidade, um homem que lê, vale por mil. E é através da memória vegetal do livro que podemos recordar, junto com nossas brincadeiras da infância, também as de Marcel Proust, e entre nossos sonhos da adolescência e os de Jim, em busca da Ilha do Tesouro; extraímos lições não só de nossos erros, mas também dos de Pinóquio (...). (ECO, p. 16-17, 2011)

E como pensar o conceito de civilização sem a presença de bibliotecas? Inimaginável! Desde a antiguidade, a existência dos antros, ou grutas do conhecimento, é sinônimo de progresso social. A destruição delas, por outro lado, simplesmente confirma seu elevado poder e sua necessidade. Os exemplos de bibliotecas na história da humanidade são incontáveis, desde a famosa Biblioteca da Alexandria. São realmente muitas. Vertiginosas, vigorosas, altivas, poderosas! E a história da construção delas invariavelmente é motivada por uma visão de progresso, pois o notável cabedal de conhecimento abrigado pelas bibliotecas é o mote para a construção do futuro. Não foi à toa, portanto, que uma das primeiras providências, quando da vinda da família real portuguesa à sua colônia do Novo Mundo, o Brasil, foi transferir a Real Biblioteca dos Reis¹ para cá.

Nas primeiras décadas do século 20, a

elite política e cultural paulistana – parte da qual participou do movimento da Semana de Arte Moderna de 1922 - articulou a criação de uma biblioteca pública para a cidade de São Paulo, hoje denominada Biblioteca Mário de Andrade, assim nomeada como homenagem ao seu primeiro e diligente diretor, o intelectual e escritor paulistano, autor de *Macunaíma*. A criação de bibliotecas públicas se apresentou como um interesse para a consecução de desenvolvimento social. Por isso mesmo, com a cidade de São Caetano do Sul não foi diferente.

São Caetano havia conquistado sua autonomia político-administrativa em 1948. A indústria local se desenvolvia a largos passos e, com isso, a economia se incrementava, a população crescia, o que demandava obras básicas de infraestrutura também. Numa palavra: sem cultura não há grandeza. Então, um grupo de benfeitores esclarecidos da cidade sonhou a criação de uma biblioteca pública em São Caetano do Sul. Assim, em 22 de julho de 1954, era inaugurada a Biblioteca Municipal Paul Harris, na administração do prefeito Anacleto Campanella.

A importantíssima criação da primeira biblioteca pública da cidade teve a participação dos membros do Rotary Club de São Caetano do Sul, incluindo-se aí o engenheiro da Cerâmica São Caetano Urames Pires dos Santos, então vereador da segunda legislatura que, além de movimentar uma campanha para angariar livros entre os rotarianos, foi mentor da ideia de homenagear Paul Harris, o fundador do Rotary Club Internacional, dando seu nome à instituição. Na campanha foram doados à biblioteca que surgia 500 exemplares, dos quais 350 livros didáticos, além de 40 volumes de raridades bibliográficas, ofertados pelo presidente da organização à época, Manuel Gutierrez Duran. Posteriormente, outros rotarianos fizeram suas contribuições, doando cada vez mais e mais à entidade pública,

como a coleção completa dos livros publicados pela editora Saraiva e o *Jornal de São Caetano*, em uma coleção encadernada.

Assim, no dia 6 de dezembro de 1954, com base em lei municipal, foi solenemente inaugurada a placa indicativa da denominação de Paul Harris à Biblioteca Pública Municipal, na ocasião da visita oficial do governador regional do Rotary Club. Não bastasse a importância desse evento, Pedro Calvo Duran, pai do presidente do Rotary de São Caetano, ofereceu um retrato de Paul Harris, em moldura artística, para manter sua memória viva na biblioteca. Até hoje, “Paul Harris” observa, afixado à parede, os consulentes curiosos que chegam à biblioteca para fazer suas pesquisas, leituras e empréstimos de livros. Se ele estiver lá em espírito, deve orgulhar-se do movimento. Segundo Sonia Bertochi, em artigo comemorativo dos 40 anos da biblioteca na revista *Raízes* nº 11, no transcurso do ano de sua fundação, as cifras de frequência registradas justificavam plenamente sua providencial criação: 1.042 consulentes, 4 mil empréstimos de livros, 11.527 visitas. O acervo somava, então, 2.600 exemplares de livros. Isso tudo no mesmo ano de sua instalação. Em 1955, o movimento aumentou, foram 10.840 empréstimos, 22.107 visitas e o acervo foi para 3.893 obras. Em 1956, o acervo atingiu o número de 4.749 exemplares, o movimento de empréstimos cresceu para 25.925, e a biblioteca recebeu 25.286 visitas. Hoje a biblioteca abriga mais de 40 mil obras.

José Pereira Martins, um interessado no assunto de bibliotecas, foi o primeiro diretor, depois a bibliotecária Therezinha Augusta Carva-

lho Gandra assumiu o posto, em janeiro de 1981, sendo sucedida pela bibliotecária Durvalina Soares Silva Rodrigues. Mais adiante, passaram pela biblioteca municipal, Maria Aparecida Higa e Letícia Fiorotti. Hoje, Ana Maria Guimarães Rocha, especialista em biblioteconomia, gerencia o sistema de bibliotecas municipais. Iniciou sua carreira na Biblioteca Paul Harris, como escriturária, em 2 de janeiro de 1981, passando a ser encarregada de biblioteca e atualmente responde também pelo planejamento da Biblioteca

Municipal Esther Mesquita, pela Banca do Saber, no Bosque do Povo, na Vila São José, além de suprir os espaços de leitura do Atende Fácil, Estação Jovem, Biblioteca Dirma das Neves Vicente, Agência de Desenvolvimento Salvador Martins, no Bairro Prosperidade, Unidade de Saúde da Criança e do Adolescente Amabili Moretto Furlan e dos centros da terceira idade.

A Biblioteca Paul Harris é uma transeunte incansável.

Já funcionou nos anos 1950 na sobreloja do antigo Cine Vitória, situado na

Rua Baraldi, nº 743, no Bairro Centro. Depois, foi sediada no Tijucussu Clube, na Av. Goiás, nº 1.111, local do atual Teatro Santos Dumont. Na década de 1970, funcionou no Edifício Del Rey, na Rua Baraldi, nº 1005, no Centro. Nos anos 1980, funcionou no Terminal Rodoviário Nicolau Delic, s/nº, no Bairro Centro, onde hoje está instalada a Estação Jovem e, posteriormente, recebeu abrigo no prédio da Câmara Municipal, na Av. Goiás, nº 600, Bairro Centro. Desde 19 de abril de 2002, a biblioteca está instalada no Complexo Educacional do Ensino Fundamental, na Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255, no Bairro Santa Paula.



Acervo/Fundação Pro-Memória de São Caetano do Sul

Retrato de Paul Harris. Fundou o Rotary Internacional em 1905 e o Rotary Club. Em 1936, Paul Harris esteve em São Caetano do Sul, visitando Armando de Arruda Pereira, então diretor da Cerâmica São Caetano e presidente do Rotary Club de São Paulo, eminente rotariano, que viria a ser o primeiro brasileiro a presidir o Rotary Internacional, em 1941/1942. Em 1954, houve uma campanha para arrecadação de livros, mobilizada pelo Rotary de São Caetano. Eles foram doados para a prefeitura e contribuíram assim para o funcionamento da biblioteca pública na cidade, que recebeu o nome do patrono do Rotary Internacional

A Biblioteca Paul Harris funciona em dois pisos: no térreo estão o balcão de recepção (para fins de inscrições, empréstimos, informações e devoluções), a hemoteca, que abrange aproximadamente 25 mil recortes de jornais e revistas sobre assuntos diversos, e o acervo de livros que gira em torno de 40 mil obras, englobando áreas diversas do conhecimento humano, principalmente literatura e coleções, e um espaço reservado para os livros de escritores do Grande ABC. Há também um auditório para 55 pessoas, que pode receber videoconferências, fóruns, debates, palestras e atividades educacionais de ação cultural. No piso superior, estão a videoteca, e computadores conectados à internet (este é o primeiro espaço de inclusão digital da municipalidade). Há ainda mesas para pesquisas e para atender o público espontâneo, os escolares, individualmente ou em grupo; além de salas para estudos, há área para leitura de jornais, revistas, gibis, além do espaço Troca de Livros. Ainda no piso superior fica o Processamento Técnico – o material que chega à biblioteca é tratado fisicamente (recebendo pequenos reparos) e, tecnicamente, passando pelo processo de catalogação e indexação, antes de seguir para as estantes. Todo o material é separado de acordo com normas internacionais, dispostas na Classificação Decimal Dewey (CDD), na tabela PHA de classificação de autores, e catalogado pelo Sistema Anglo-Americano (AACR2).

O acervo, tesouro da Paul Harris, é diversificado pela assinatura permanente de cerca de 30 revistas e cinco jornais diários, além de periódicos da região. Por se tratar de uma biblioteca pública, visa-se abranger todas as áreas do conhecimento. São títulos que vão dos *best-sellers* aos clássicos da literatura, dos livros pedagógicos aos gibis. De acordo com as necessidades, a atualização do acervo é incrementada, a partir de pesquisas com base nas obras mais vendidas e por verificação em visitas às bienais e feiras de livros. As obras também chegam à biblioteca por meio do livro de sugestões de compras para os usuários, pesquisa em catálogos de editoras e doações.

Em visitas monitoradas, os usuários podem conhecer pormenores sobre os serviços oferecidos e como utilizá-los. Um total de 18 profissionais capacitados, entre professores, pedagogos, educadores e monitores, auxilia



Área interna da Biblioteca Municipal Paul Harris, na época localizada na Av. Goiás, nº 600, no Bairro Santo Antonio. Criada pela lei nº 381, de 20 de novembro de 1953, na administração do prefeito Anacleto Campanella, foi oficialmente inaugurada em 22 de julho de 1954



Primeira Campanha do Livro Pró-Biblioteca Paul Harris, na época localizada no prédio do antigo Cine Vitória, na Rua Baraldi, nº 743, no Bairro Centro. Vemos na foto, à direita, o desenhista e articulista do *Jornal São Caetano* Jayme da Costa Patrão entregando os livros ao então prefeito Campanella (à esquerda)

os visitantes. A Biblioteca Paul Harris também é utilizada como espaço cultural, promovendo atividades como lançamentos de livros, encontros com escritores, exposições, palestras, oficinas de criação literária, oficinas educacionais, contação de histórias, hora da poesia, chás literários, saraus, tarde ou noite de autógrafos, turismo literário, rodas de conversa e outros projetos. Escritores premiados e consagrados já passaram pela biblioteca municipal e encantaram o diversificado público frequentador nas mais diversas faixas etárias: João Carlos Marinho, Zé Rodrix, Milton Hatoum, Luis Augusto Fischer, Altair Martins, Noemi Jaff, Ruy Castro e Laurentino Gomes. Em seu recinto, são lançados de 12 a 42 livros por ano. Quando ocorrem estas programações, a biblioteca atinge um público de mais de 10 mil pessoas por mês. Por ano, são mais de 150 mil frequentadores que prestigiam os eventos da Paul Harris. Todas as atividades são gratuitas e objetivam descobrir novos talentos e interessados em literatura e na leitura enquanto lazer.

O público mais frequente é formado por estudantes, profissionais liberais, universitários, educadores, jovens, idosos e pesquisadores em geral, além dos leitores assíduos. A Biblioteca Paul Harris tem, como missão, a democratização da leitura, e está sempre de braços abertos para receber os munícipes da população de São Caetano!

A Academia Popular de Letras: congrega amantes da leitura e da prática literária - A Biblioteca Municipal Paul Harris desenvolve um trabalho de difusão cultural direcionada para preservar e divulgar as obras de autores das sete cidades do Grande ABC. São realizados lançamentos de livros, visando ao registro da produção literária e promoção de atividades para que os escritores já conhecidos e os estreates locais de toda a região interajam e tomem conhecimento de concursos,



Interior da Biblioteca Paul Harris, localizada no prédio do antigo Cine Vitória, na Rua Baraldi, nº 743, no Bairro Centro. Na foto de 1954, aparecem seus primeiros funcionários. Sentado, à esquerda, está José Pereira Martins. Em pé, vemos Carina e Vilma Marques

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



A Biblioteca Municipal Paul Harris também funcionou no Edifício Del Rey, na Rua Baraldi, nº 1005, no Bairro Centro. Na foto, o funcionário Heitor de Castro Leite orienta estudante na pesquisa de livros

Feira do Livro das duas bibliotecas municipais, Paul Harris e Esther Mesquita, em fins da década de 1970. Foram identificados: Áurea, Brasilina, Manuel, Jane, Heitor, Eunice, Clara, Dádiva, Francisca, Leal, Yolanda, Alaíde, o prefeito Raimundo da Cunha Leite, Therezinha, Ediléia e Luiza

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul





Fachada do prédio onde se localizava a Biblioteca Paul Harris, no Edifício Del Rey, na Rua Baraldi, nº 1005, no Bairro Centro. Foto de 1982

DEPOIMENTOS DOS COLABORADORES DA BIBLIOTECA PAUL HARRIS

troquem ideias, além de se atualizarem em relação ao mercado editorial e a criação de novos públicos.

Atualmente, a Biblioteca Municipal Paul Harris continua abrindo seu espaço para que autores já conhecidos, assim como os novos, vindos inclusive da Grande São Paulo, se expressem por meio de performances, declamações, leituras de textos, depoimentos e troca de informações. A instituição colabora, por meio de atividades gratuitas ao público em geral e aos amantes da literatura, no sentido de incentivar a leitura, a produção literária e a reflexão. Além disso, incentiva a formação de cidadãos conscientes e críticos, visando ao desenvolvimento intelectual na região.

As atividades educacionais de ação cultural da Biblioteca Municipal Paul Harris são realizadas desde 1988. O grupo de escritores se mantém unido desde 2005 e tem, como mote, a ideia de democratização da literatura. Aliás foi, democraticamente, por meio de votação, que recebeu o nome de Academia Popular de Letras. A sugestão do professor e escritor de São Caetano José Ramos Vitorino, membro atuante que, ao lado de dezenas de outros poetas, escritores, jornalistas e amantes da literatura, participa divulgando suas obras, despertando novos valores e acolhendo adeptos. **(Mariana Zenaro) R**

É PARA NÃO DIZER QUE SANTO DE CASA NÃO FAZ MILAGRE, ALGUNS COLABORADORES DA BIBLIOTECA MUNICIPAL PAUL HARRIS, GENTILMENTE, DERAM SEU DEPOIMENTO E DECLARARAM TODO SEU AMOR PELA INSTITUIÇÃO:

A Menina Paul

É curioso o caso desta menina, conhecida como Paul, ao contrário do que ocorre com a maioria dos que passam a fazer parte daquilo que, por convenção, chamamos Terceira Idade, ao adentrá-la apresenta um viço, um frescor, só comparável ao de uma debutante de 15 anos.

Trata-se de uma constatação e não uma impressão, pois, apesar de reconhecê-la de longa data, no último ano passei a vê-la diariamente e o que vejo é uma menina.

Essa menina possui uma tutora, a senhora Ana Maria Guimarães, de importância fundamental nesse mistério vital que a menina leva em si, e o irradia, a ponto de vibrar em mim um acorde esquecido: acorde lírico esquecido por mim, mas não pela senhora Ana Maria, tenaz incentivadora das artes, que sentiu em mim a veia poética, como em certo dia ela veio me dizer; o efeito foi de um renascimento, devo-lhe isto, e não só isto.

Carlos Henrique Crirotti (vigia da Biblioteca Paul Harris e leitor compulsivo, tem um conto publicado em antologia da Prefeitura de Jundiá)

A leitura sempre fez parte da minha vida. As bibliotecas, por consequência, são um paraíso para mim. Com o passar dos anos, e com as muitas responsabilidades da vida, o acesso a elas para mim ficou mais difícil. Mas, por coincidência ou não, acabei vindo trabalhar em uma biblioteca pública. E descobri que o prazer de ler continua vivo em mim. Aqui posso viajar sem sair do lugar, rir, chorar, ir contra ou a favor de muitos personagens, conhecer lugares em que nunca estive pessoalmente, mas que posso vê-los claramente em minha imaginação, posso fazer parte das histórias que leio, isso são os livros para mim. As bibliotecas são ilhas paradisíacas que escondem tesouros que devem ser descobertos por todos nós.

Marina de Agostino (servente provedora da Biblioteca Paul Harris)

Eu sou Eunice Scarelli Vetorazzi, tenho 77 anos, e comecei a trabalhar na Biblioteca Paul Harris em 1979 e saí em 1982. Voltei em 1987 e fiquei por mais dois anos. Depois, em 1999, fui para a Biblioteca Esther Mesquita, no Bairro Nova Gerty. Sou formada em Letras, graduei-me em junho de 2000, enquanto já trabalhava na Esther Mesquita, naquela época. Também trabalhei na biblioteca da FEC, onde me graduei, no período em que me desliguei da Paul Harris.

Até hoje, trabalhar em biblioteca é muito bom e gosto bastante de poder ter contato com o público. Antigamente o contato com o público era bem melhor do que hoje. Os alunos iam à biblioteca para fazer o trabalho escolar e faziam de verdade, sem bagunça. Naquela época, a chefe da biblioteca era Terezinha Vendra Martins. Ela era bem severa, as crianças saíam de lá bem entendidas! Ela aposentou-se e a Ana Maria Guimarães a substituiu. Hoje está tudo diferente, os adolescentes e as crianças estão mudados, é outro tempo. ➔

Meu trabalho sempre foi abastecer a hemeroteca. Eu lia as publicações, escolhia os temas que pudessem ser de interesse de pesquisa para os alunos, recortava, colava em um papel, então classificava e arquivava. Quando os estudantes procuravam o material da hemeroteca, eles faziam cópias xerográficas e levavam a informação. Hoje não fazem mais isso. Mesmo com a tecnologia, com a internet, ainda faço isso para ter material para as crianças pesquisarem.

Por mais que a tecnologia tenha facilitado a vida da gente, o hábito de ler um livro fixa mais a informação, a história faz a pessoa parar, meditar e se desconectar do mundo, ativar a imaginação, desacelerar e diminuir a agitação. Ler é um exercício de paciência, de prazer. Navegar na internet é gostoso, mas dispersa demais, em pouco tempo não se lembra mais do que se leu. Ler um livro é mágico. Eu amo livros. O cheiro, o tato, viver as histórias...

Quando comecei a trabalhar na biblioteca, eu me encontrei. Aprender é uma coisa linda! Adoro ler Guimarães Rosa e sobre ecologia, muito antes do assunto virar moda, porque nasci no mato mesmo! Meu amor é assim, ecologia e literatura!

Eunice Scarelli Vetorazzi (auxiliar de biblioteca, em atuação na Biblioteca Municipal Esther Mesquita, no Bairro Nova Gerty. É membro da Academia Popular de Letras, vinculada à Biblioteca Paul Harris)

Nós, da biblioteca pública, não estamos somente ocupando espaço e fazendo eventos, estamos gerando uma série de espaços de leitura, inclusive propiciando a circulação de livros e, com isso, possibilitando o acesso à informação e formando o hábito da leitura. Ainda é fascinante poder ser a gestora de um espaço que é guardião do conhecimento, mesmo na era digital. É um desafio tornar ➔

biblioteca pública um espaço a ser sempre explorado, sabendo que há ferramentas tecnológicas que são bem atrativas e divertidas. A internet, em primeira instância, mudou o hábito da pesquisa de maneira radical. Mas ainda os suportes mais tecnológicos para leitura, como os e-books, são caros para uma biblioteca pública. Por isso, o livro em papel sobrevive com todo seu encanto e charme. Temos o dever de fazer a população encontrar na biblioteca e no hábito de ler um refúgio. É uma missão para que se instigue a curiosidade, a imaginação, a capacidade de pesquisa e a ampliação dos conhecimentos.

Os pais, muitas vezes, não podem participar da vida dos filhos por falta de tempo. A biblioteca é aí um espaço útil para abrigar os jovens e as crianças, é um espaço agradável, útil, de formação humana. O que não quer dizer que a família não tenha que fazer parte disso.

A biblioteca pública não é só um espaço depositário de volumes em papel com informações, é espaço de sociabilidade, de encontros envolvendo os amantes da leitura e da escrita. A biblioteca também promove encontros, saraus, lançamento de livros, incentiva novos talentos no campo da literatura. Nossa missão é incentivar a comunidade a encontrar na biblioteca um espaço para ter momentos de lazer.

Ana Maria Guimarães Rocha (especialista em biblioteconomia, coordena o Sistema Municipal de Bibliotecas e é presidente da Academia Popular de Letras)

A história começou da seguinte maneira: quando se criou o município de São Caetano, quase nada havia de serviços urbanos para a população. Eu fui presidente do Rotary Club de São Caetano entre 1953 e 1954, na época a entidade estava organizando uma campanha para angariar livros e distribuí-los para escolas, ou qualquer um que deles carecesse. Nesta campanha destacaram-se dois rotarianos: Jayme da Costa Patrão e Manuel Gutierrez Duran, que foram a diversas editoras e conseguiram obras importantes, tendo angariado 500

livros. Então, nós, do Rotary, pensamos: por que não fundamos uma biblioteca? Sugerimos, desta forma, a Anacleto Campanella, que era o prefeito da cidade e vice-presidente do Rotary de São Caetano, a criação de uma biblioteca pública para, assim, dar acesso a todos daqui à leitura, aos livros. Anton Hugel Wilhelmsem, industrial do ramo da madeira, também membro do Rotary, fabricava as primeiras caixas de madeira para embalar aparelhos televisivos em branco e preto, produzidos em São Paulo, tinha a representação da empresa Artefato de Madeira Wiroll Ltda. para fazer prateleiras, e cedeu generosamente algum número de prateleiras para instalá-las na biblioteca. E, em 20 de novembro de 1953, foi promulgada a lei nº 381, sobre criação da biblioteca. Como o Rotary colaborou demasiadamente nesta movimentação pró-biblioteca municipal, deu-se o nome de Paul Harris, fundador do Rotary, para a instituição. Assim se sucedeu, e, em 22 de julho de 1954, localizada na Rua Santo Antônio, esquina com a Rua Baraldi, no piso térreo, a nossa biblioteca começou suas atividades, sob a chefia de José Pereira Martins, e mais duas funcionárias para auxiliá-lo. Assim foi que tudo começou.

Mário Porfírio Rodrigues (membro do Conselho Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, ex-rotariano e testemunha ocular da história da criação da Biblioteca Municipal Paul Harris)

NOTA:

¹ Em 25 de fevereiro de 1925, durante a administração de Firmiano de Moraes Pinto, foi oficialmente instituída a Bibliotheca Municipal de São Paulo, tendo como fundo o acervo da biblioteca da Câmara Municipal. A instituição só seria aberta à comunidade em janeiro de 1926, em um casarão da Rua Sete de Abril, no centro da cidade, com um acervo de 15 mil volumes. Sob a administração de Fábio da Silva Prado (1934-1938), a biblioteca seria consolidada e normatizada. Para isso, contribuiu profundamente a criação, em 1935, do Departamento de Cultura da Municipalidade Paulistana (futuro Secretaria Municipal de Cultura). Idealizada por intelectuais ligados à Semana de Arte Moderna, entre os quais Paulo Duarte, Alcântara Machado e Sérgio Milliet, teve Mário de Andrade como primeiro diretor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES:

BATTLES, Matthew. *A conturbada história das bibliotecas*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
BERTOCHI, Sonia Regina. "Biblioteca Paul Harris – 40 anos (1954-1994)", Revista Raízes, São Caetano do Sul, SP, Ano VI, Nº11, p. 22-26, julho/1994.
BIBLIOTECA Pública Municipal, *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, 26 mai. 1954.
BIBLIOTECA Pública Municipal, *Jornal de São Caetano*, São Caetano do Sul, 16 jun. 1954.
ECO, Umberto. *A Memória Vegetal e outros ensaios sobre bibliofilia*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
MANGUEL, Alberto. *A Biblioteca à Noite*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Entrevistas:

ANA MARIA GUIMARÃES. Biblioteca Paul Harris: 60 anos. São Caetano do Sul, 28 abr. 2014. Fita K7 (60 min.)
EUNICE SCARELLI VETORAZZI. Biblioteca Paul Harris: 60 anos. São Caetano do Sul, 29 abr. 2014. Fita K7 (60 min.)



Rodrigo Ruiz

Na retaguarda de 1932: SÃO CAETANO NO ESFORÇO DE GUERRA



Cartaz do MMDC convocando para a mobilização civil

A vitoriosa revolução que deu cabo da Velha República e alçou às alturas querubínicas do poder as classes tenentistas não conseguiu corresponder aos anseios políticos paulistas, uma vez que a terra dos bandeirantes sentia-se econômica e politicamente esmagada pelo trato pouco cortês, em verdade, humilhante, que lhe dispensava o governo provisório de Getúlio Vargas, empossado por uma junta militar em novembro de 1930.

A nomeação de elementos manipulados pelos tenentes na interventoria do Estado, bem como a demora da convocação de uma assembleia constituinte em substituição à Carta Magna de 1891, sustada pelo governo que assumia feições cada vez mais ditatoriais, lançavam mais lenha na fogueira da locomotiva piratiningana que desejava maior autonomia para prover seus rumos dentro da federação sem a interferência nociva da classe tenentista, representada pelo Clube 3 de Outubro e pela Legião Revolucionária.

A espinha getulista vai se tornando mais e mais incômoda na garganta política dos paulistas até que o trágico assassinato de quatro manifestantes, no centro da capital, em 23 de maio de 1932, acenderá o rastilho de pólvora que explodirá no dia 9 de julho, iniciando o maior conflito armado ocorrido no país no século 20: a Revolução Constitucionalista.

A bandeira dos constitucionalistas pedia o restabelecimento da lei e da ordem, vilipendiadas, conforme diziam, pelo descalabro de uma ditadura. Uma vez espalhado por todo o Estado, o movimento cívico-militar mobilizará todos os setores da sociedade e imediatamente alcançará São Caetano (então distrito de São Bernardo) que, além de enviar alguns de seus filhos para as frentes de combate, não economizará recursos para contribuir com o esforço de guerra desenvolvido com notável operosidade na retaguarda por uma população civil imersa no redemoinho do momento, animada por um espírito de sacrifício e dedicação.

Pesquisando os acervos digitalizados de alguns periódicos da época, encontramos importantes informações acerca da participação da sociedade sul-são-caetanense, que revelam detalhes da sua mobilização. Como gente integrante do torrão paulista, São Caetano não se podia furtar ao abraço generoso da causa da revolução.

Distante das trincheiras, aqueles que não seguiram para o *front* também tinham a oportunidade de receber básico treinamento militar, uma garantia de que, sem exceções, todos poderiam, se preciso fosse, pegar em armas para defender os objetivos da luta. Responsáveis por esse treinamento eram os chamados Postos de Preparação Militar, cuja sigla, PPM, era mais uma entre tantas que nasceram da corporação criada pelo governo revolucionário para centralizar e regular todos os serviços da mobilização civil no Estado de São Paulo, batizada de MMDC (sigla

formada das iniciais dos nomes de Mario Martins, Euclides Miragaia, Dráusio de Souza e Antonio Camargo de Andrade, assassinados durante o protesto em 23 de maio e alçados à condição de proto-mártires do Movimento Constitucionalista¹).

Em 8 de setembro de 1932, o jornal *Folha da Manhã* publica uma nota referente aos Postos de Preparação Militar:

Proseguindo na intensa campanha que vem movendo o Centro de Preparação Militar da M.M.D.C., a fim de serem installadas em todos os municípios do Estado e districtos da Capital postos onde toda a população civil possa receber instrução militar em horas que não perturbem os seus afazeres quotidianos e independentemente de incorporação, foram installados mais os P.P.M. do município de São Bernardo, do districto de Villa Marianna, à rua Domingos de Moraes (Rinque Paraizo) e da Associação dos Empregados do Commercio de S. Paulo à rua Libero Badaró, 33, na Capital.

O número dos P.P.M já installados, no municipio da Capital, attinge a 18.

No interior do Estado, a instrução militar já está sendo ministrada nas seguintes localidades onde foram installados os P.P.M. da M.M.D.C.:

Amparo...São Bernardo, Santo Amaro, S. Caetano...

Além do manejo de armas e munições, tão necessário naquele momento em que toda a sociedade estava envolvida de corpo e alma no conflito, a retaguarda proporcionava ações variadas para atender às necessidades dos voluntários alistados e distribuídos nas frentes de combate, bem como de suas famílias, cujo sustento ficaria comprometido sem a presença de seu chefe ou arrimo, arrebatados pelo dever de empunhar um fuzil e defender a lei e a ordem.

Das muitas iniciativas em prol do soldado, podemos destacar a chamada Cruzada do Ovo, lançada pelas senhoritas Josefina, Gina e Georgina Amidei Barbiellini, filhas do conde Amadeu Amidei Barbiellini, proprietário da po-

pular revista *Chácaras e Quintais*, que em um período de 15 dias arrecadou cerca de 6 milhões de unidades (!), entregues na sede da popular publicação paulistana.

O jornal *O Estado de S. Paulo*, na edição de 30 de agosto de 1932, publicou uma relação de doadores e, entre eles, a oferta de uma criança de São Caetano do Sul, conforme podemos ver:

No domingo, fizeram donativos de ovos as seguintes pessoas: Menina Jessy (2.a. oferta), 48 ovos, Menina Cecília Fragoso, de São Caetano, 32 ovos...

O periódico *Correio de São Paulo*, em sua edição do dia 20 de setembro, refere-se a mais um doador de São Caetano:

Donativos em ovos frescos recebidos nos dias 17 e 18: alunos das escolas mistas de Vila Dom Pedro I, 13 ovos, Alexandre Rossi, 420 ovos... José Rossetti, de São Caetano, 120 ovos...

Conclui a nota do jornal que o total arrecadado então, cerca de 1.846 ovos, foi entregue ao DAPC (Departamento de Assistência à População Civil), parte da rede de serviços prestados pelo MMDC.

Podemos perceber que, dos arrabaldes da capital, muitos comerciantes e produtores rurais ofereciam parte de sua produção e estoque para minorar as necessidades dos que se batiam nos campos de luta e dos que se recuperavam dos ferimentos da guerra nos hospitais improvisados, estes os maiores beneficiados das muitas doações de ovos recebidas na sede da revista *Chácaras e Quintais*.

Passeando ainda pelas coleções de alguns periódicos digitalizados que revelam, dia a dia, os desdobramentos da guerra paulista, podemos refletir sobre a participação de São Caetano na preparação de corpos de enfermagem e criação de hospitais para receberem os feridos do *front*. É bem possível que, à época, pertencendo a São Bernardo do Campo como distrito, o povo e a elite sul-são-caetanenses estivessem envolvidos

Daniel Giardulo, soldado alistado para a frente de combate da revolução. Anos mais tarde, foi nomeado o primeiro diretor da Fazenda da Prefeitura de São Caetano do Sul, no governo de Ângelo Raphael Pellegrino



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Acervo/Fundação Energia e Saneamento

Voluntários do Batalhão da Liga de Defesa Paulista seguindo para o embarque rumo à frente de combate



Acervo/CEDOC - Fundação Romi

Embarque de voluntários

nesta iniciativa apontada pela *Folha da Noite* de 17 de setembro de 1932:

Amanhã às 9 horas, na sede da Sociedade Italiana, serão inaugurados o Hospital Auxiliar de Guerra e a Escola de Enfermagem, na villa de São Bernardo.

E como especifica a *Folha da Manhã* na sua edição de 22 do mesmo mês:

Sob os auspícios da Prefeitura de São Bernardo, foi instalado na villa homonyma o Hospital Auxiliar de Guerra.

O acto inaugural realizado dia 18, foi presidido pelo dr. Armando Setti, prefeito municipal, comparecendo as autoridades locais, representantes do M.M.D.C., do Batalhão Paulista “Terra Mater” e da imprensa.

Prosegue a nota do jornal:

A lotação do hospital é de 20 leitos, podendo, em caso de necessidade ser aumentada para 50.

Sobre a Escola de Enfermagem:

Annexa ao Hospital Auxiliar de Guerra funcionará uma Escola de Enfermagem, cujas alunas poderão realizar a prática necessária para o cabal desempenho da sua missão.

Quantas dessas jovens instruídas nos mistérios da enfermagem não eram filhas de São Caetano? Até mesmo os meninos não foram excluídos do engajamento no esforço de guerra, sendo solicitados para a formação de escoteiros, os quais vários serviços prestaram à causa paulista.

Para o apoio na assistência civil, policiamento de socorro e entrega de correspondências e ordens emanadas do oficialato constitucionalista, reorganizou-se, pela administração municipal de São Bernardo e delegacia de polícia, a Comissão de Escoteiros, conforme relata em sua edição de 19 de julho, o jornal paulistano *Diário Nacional*:

Pela Prefeitura Municipal e pela Delegacia de Polícia ficou assente a reorganização das comissões de escoteiros de Santo André, S. Bernardo, Ribeirão Pires, São Caetano e Paranapiacaba.

Assim, será distribuído pelo município um boletim concitando os meninos de 10 a 16 anos a se alistarem.

Essas comissões têm por objetivo realizar policiamento ligeiro, transmissão de ordens, assistência à população, polícia de socorro e guarda de edifícios públicos.

Hoje serão organizadas naquelas localidades comissões de senhoritas, que se incumbirão da feitura de uniformes e obtenção de meios para a imediata eficiência dos pequenos bandeirantes.

No mesmo boletim há um apelo aos srs. paes no sentido de facilitarem a inscrição de seus filhos na Cruzada cívica.

Reina grande entusiasmo na população, que corre pressurosa para concorrer por todas as formas para a restauração da ordem – lema sagrado da nossa Bandeira.

Uma iniciativa digna de nota, que somou-se à doação de víveres e serviços de saúde, foi aquela que se destinava a providenciar alojamento aos retirantes das zonas de combate. Não sendo atingidos pela destruição da guerra os arrabaldes da capital, tornava-se urgente receber as populações do interior do Estado que, fugindo do canhoneio, da fuzilaria e das bombas da aviação, buscavam refúgio seguro.

Em atenção a esta demanda, já nos estertores do conflito armado, a Comissão Central de Donativos do Comércio e Indústria do Estado de São Paulo para a Assistência Civil lança um apelo aos proprietários de prédios da capital para que ofereçam imóveis desocupados para neles se abrigarem as famílias em êxodo, segundo informa o *Correio de São Paulo* em 29 de setembro de 1932:

A pesar de ter sido ontem o primeiro dia em que foi lançado o apelo da Comissão Central de donativos, aos proprietários de prédios desta capital, para que os que os tivessem desalugados fizessem seus oferecimentos para nele serem abrigadas famílias de retirantes, já ontem foram

recebidos nada menos de 50 oferecimentos, o que vem, mais uma vez, provar, cabalmente, o elevado sentimento da mais sadia solidariedade e filantropia do nosso povo, que comunga no ideal sagrado da causa de São Paulo, que é a causa pela qual o Brasil hoje se bate.

O periódico passa então a elencar as ofertas de imóveis, das quais destacamos o seguinte proprietário e sua generosa oferta:

sr. Domingos de Luca, 10 casas, sendo 5 localizadas na Penha e 5 em São Caetano...

A *Folha da Manhã* de 1º de setembro de 1932 publica ainda uma nota interessante:

São Caetano e a causa constitucionalista

A Comissão de Comerciantes e Industriaes, nomeada pelo sr. Prefeito Municipal de S. Bernardo, e a Comissão da M.M.D.C., vêm trabalhando dedicada e efficientemente pelo triunfo da causa constitucionalista.

Iniciaram intensa campanha cívica para a formação da Polícia Civil e estão organizando um

batalhão², cuja instrução militar está a cargo do dr. Paulo Paulista.

Para a consecução de seus objectivos, vão promover uma reunião de todos os elementos representativos da localidade, hoje, às 20 horas, no salão S.I.M.S “Príncipe de Napoli”.

Estas foram algumas das iniciativas de São Caetano no esforço da retaguarda e que nos são reveladas pelas notas publicadas na imprensa paulistana nos meses de agosto e setembro de 1932.

Apenas como conclusão, citamos, conforme publicado na *Folha da Noite* de 29 de setembro daquele ano, que chegavam a cerca de 500 as famílias de combatentes assistidas pela mobilização da sociedade civil, comércio e indústria no município de São Bernardo no fornecimento de víveres e recursos.

Um outro fato interessante, a contribuição do São Caetano Esporte Clube à Campanha do Ouro, importante ação nascida no calor da Revolução Constitucionalista, consequência do

Mulheres
costurando
fardas

Acervo/Agência Estado



isolamento econômico de São Paulo, já mereceu artigo de autoria de Oscar Garbelotto na revista *Raízes* em sua edição de número 16, de dezembro de 1997.

Para fazer frente às necessidades financeiras do Estado naquele momento delicado, a prefeitura de São Bernardo lançou uma campanha para o pagamento de impostos, inclusive os atrasados, para que, uma vez fortalecido o tesouro municipal, pudesse corresponder às requisições do governo constitucionalista a cargo de Pedro de Toledo.

Quando o grito de guerra dos paulistas formou batalhões e mandou à luta milhares de filhos, reunidos sob a emoção do momento, a sociedade paulista não se furtou da árdua missão de arregaçar as mangas e oferecer o melhor de si e de seu trabalho para sustentar o fogo, certa de que teriam a vitória.

Mas a vitória não veio pelas armas, apesar do denodo e espírito bélico dos que foram à guerra pela causa constitucionalista. Por ela, muitos paulistas, anônimos até, tombaram, derramando seu sangue idealista, encerrando tragicamente suas vidas numa causa que lhes falou alto ao coração patriota.

No campo militar, a grande desilusão de uma derrota forçada pela deficiência de homens, escassez de armas e munições³ - agravadas ainda por traições internas -, apesar dos esforços sobre-humanos dos milhares de combatentes constitucionalistas, muitos militarmente despreparados para uma guerra, se contrapôs ao triunfo da mobilização cívica que escreveu sua notável atuação nesta página importante da história do Brasil e de São Paulo, destacando-se como um momento único em que o conagraimento de um povo em torno de um ideal comove ainda hoje.

O povo de São Caetano pode se orgulhar de ter oferecido o melhor de si em 1932. **R**

NOTAS

¹ Orlando de Oliveira Alvarenga, natural de Muzambinho, Minas Gerais, ferido gravemente no dia 23 de maio de 1932, foi levado para o Hospital Santa Rita, na Vila Mariana, onde veio a óbito no dia 12 de agosto daquele ano. Sua inicial não fora incluída na sigla MMDC, porque esta sociedade secreta fora constituída no dia imediato à morte dos quatro manifestantes imortalizados no panteão constitucionalista. No entanto, o decreto nº 46.718, assinado pelo governo do Estado de São Paulo em 25 de abril de 2002, oficializou o Colar Cruz de Alvarenga e dos Heróis Anônimos e, quase dois anos depois, em 13 de janeiro de 2004, a lei estadual 11.658 denominava o dia 23 de maio como Dia dos Heróis MMDCA, homenageando Alvarenga.

² Batalhão Paulistarum Terra Mater foi criado em caráter de emergência pelo então prefeito de São Bernardo, Armando Setti, para substituir os efetivos da Força Pública, deslocados para as frentes de combate. Cabia a esse batalhão o patrulhamento das vias públicas e estradas municipais. Seu comando foi entregue a Joaquim Mineiro, tendo o mesmo recebido em 1º de agosto a honra de capitão. A adesão de voluntários chegou a 250 homens, conforme noticiou a *Folha da Noite* em 29 de setembro de 1932. Para engrassar as fileiras de homens válidos que seguiriam para o *front*, formou-se o Batalhão Floriano Peixoto que, segundo aponta João Netto Caldeira em sua obra *Album de São Bernardo*, teve entusiástica adesão da mocidade local, citando o autor os nomes de cerca de 140 voluntários nele inscritos. Possivelmente, entre estes homens, estavam vários sul-são-caetanenses, que deixaram suas famílias, trabalhos e estudos para defenderem a causa paulista.

³ Em São Caetano funcionava a Fábrica Nacional de Cartuchos e Munições das Indústrias Matarazzo que, graças à admirável contribuição dos engenheiros e alunos da Escola Politécnica, pôde fabricar, no auge do conflito armado, cerca de 160 mil cartuchos por dia, dos 240 mil que eram produzidos na capital. Abrindo um breve parêntese sobre esta instituição educacional, podemos afirmar que a Politécnica prestou serviços de altíssimo valor para a causa paulista, saindo de suas fileiras para atuar também nos campos de batalha, muitos engenheiros, entre eles, destacamos uma figura importante na história de São Caetano, Armando de Arruda Pereira, conforme recordou Aureliano Leite sobre os combates travados no setor do Túnel da Mantiqueira, no Vale do Paraíba: "Dois engenheiros civis - Prudente de Meireles Moraes e Armando de Arruda Pereira, lá estavam ao lado dos combatentes regulares e voluntários prestando serviços de guerra inestimáveis" (LEITE, 1968: 72). Dada a importância da Fábrica Nacional de Cartuchos e Munições para o esforço de guerra e prevenido os riscos que as instalações da mesma poderiam correr, caso fossem descobertas pela aviação legalista, foi aplicada a utilização das bombas de fumaça, uma tática para a camuflagem de pontos estratégicos. Essas "cortinas de guerra" eram produzidas pela Companhia Manufatura de Bombas de Fumaça (para geadas), dirigida por José Rangel Belfort de Mattos, e nos mostram uma face curiosa da criatividade e improvisação da indústria paulista naquele momento de elevado ardor cívico-militar. Uma carta de Belfort de Mattos ao coronel Euclides Figueiredo, datada de 14 de agosto de 1932, oferecia ao comandante da Frente Norte do estado "cem bombas de fumaça nº 5, de nossa fabricação, para serem utilizadas na camuflagem da Usina (da Light) ou outro ponto estratégico quando necessário". E prossegue citando exemplos do êxito de sua aplicação na guerra paulista: "A camuflagem de pontos estratégicos com a 'cortina de guerra', adaptada na Conflagração Européia, vem sendo praticada entre nós com pleno êxito não só no Campo de Marte como, especialmente, na fábrica de munições F.N.C.M. de São Caetano, graças ao emprego de nossas 'bombas de fumaça'".

Segundo informação fornecida por Cristina Toledo de Carvalho, historiadora da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, a citada fábrica de munições dos Matarazzo, juntamente com outras empresas, tais como a Companhia Metalúrgica Brasileira, Visco Seda Matarazzo, Produtos Químicos São Pedro, Cerâmica São Caetano, Fábrica de Louças Adelinas, Manteiga de Côco Brasil e Fábrica de Tecidos Pedro Giorgi, possuíam, cada uma delas, um capital superior a 2 mil contos de réis, conforme noticiava em sua edição de 17 de junho de 1928 o periódico *São Caetano Jornal*, importante propagador da campanha de emancipação administrativa deste distrito. Assim sendo, mediante alguns questionamentos neste aspecto da historiografia do município, é certo situarmos dentro dos limites de São Caetano a localização dessa fábrica de munições que prestou relevantes serviços à causa da revolução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES

- BRASIL, Irany Paraná do. 1932: a guerra de São Paulo. São Paulo: Factash Editora, 2005. 215p. (ilust.).
- DONATO, Hernani. *História da Revolução Constitucionalista de 1932*. São Paulo: Ibrasa, 2002. 153p.
- ELLIS JUNIOR, Alfredo. *A Nossa Guerra*. São Paulo: Editora Piratininga, 1933. 330p.
- LEITE, Aureliano. *Martírio e Glória de São Paulo*: 1ª parte: antecedentes da Revolução de 1932; 2ª parte: o meu diário. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1934. 372p.
- LEITE, Aureliano. *Páginas de uma Longa Vida*. São Paulo: Martins, 1966. 552p.
- MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP/Saraiva, 2006. 328 p.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo*: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. 2ª ed. São Paulo: Hucitec; Unesp, 2002. 365 p.
- NOGUEIRA FILHO, Paulo de Almeida. *Ideias e lutas de um Burguês Progressista: a guerra cívica - 1932*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965, 1966, 1967. 1971. 4 v.
- Ovos para os soldados. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 ago. 1932. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19320830-19267-nac-0001-999-1-not/>. Acesso em: 18 jun. 2013.
- Cruzada do Ovo. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, 20 set. 1932, p.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=720216>. Acesso em: 14 abr.2013
- Assistência às famílias dos refugiados. *Correio de S. Paulo*, São Paulo, 29 set. 1932. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=720216>. Acesso em: 14 abr.2013.
- São Caetano e a causa constitucionalista. *Folha da Manhã*, São Paulo, 1 set. 1932, p.2. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdm/1932/09/01/1/>. Acesso em: 14 abr. 2013
- Postos de Preparação Militar da M.M.D.C. *Folha da Manhã*, São Paulo, 8 set. 1932, p.6. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdm/1932/09/08/1/>. Acesso em: 17 jun.2013.
- Hospital auxiliar de guerra da Villa S. Bernardo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 set.1932. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdm/1932/09/22/1/>. Acesso em: 17 jun.2013.
- Inauguração de hospital e Escola de Enfermagem em S. Bernardo. *Folha da Noite*, São Paulo, 17 set. 1932, p.2. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdm/1932/09/17/1/>. Acesso em: 17 jun.2013.
- O que São Bernardo está fazendo em prol da causa da lei. *Folha da Noite*, São Paulo, 29 set. 1932, p.4. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fdm/1932/09/29/1/>. Acesso em: 14 abr.2013.
- É os homens foram à guerra. Suplemento Especial de *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 9 jul. 1982, p. 60-61. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19820709-32923-nac-0060-ep1-8-not/busca/forge+Scherepel>. Acesso em: 14 jun.2013.
- Comissão de Escoteiros. *Diário Nacional*, São Paulo, 19 jul. 1932, p.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213829&PagFis=15592> Acesso em: 14 jan.2014

RODRIGO RUIZ

NASCIDO NA CAPITAL, É UM APAIXONADO POR SÃO CAETANO DO SUL E SUA GENTE E DESENVOLVE PESQUISAS SOBRE A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932.

Itamarfael Sena Batista de Melo

CÂMARA DE SÃO CAETANO DO SUL:

65 ANOS DE REPRESENTAÇÃO POPULAR

Velar pelo sossego e bem-estar da população de um município: essa é a definição do verbo verear, do qual deriva o substantivo vereador. Não é em vão, pois o poder Legislativo está presente na maioria das cidades dos quatro cantos do mundo. Em terras tupiniquins, as câmaras municipais fazem parte da vida dos cidadãos há pelo menos 480 anos, quando, em 1532, foi fundada a Vila de São Vicente. Instância legislativa mais próxima do

cidadão, a Câmara é parte essencial do processo democrático, e sua origem costuma se confundir com a origem da cidade da qual faz parte.

A primeira Constituição brasileira, de 1824, já previa a existência e atuação dos vereadores. De lá pra cá, todas as demais constituições do Brasil (1891-1934-1937-1946-1967-1988) mantiveram a Câmara Municipal e o cargo de vereador, até mesmo no período do Estado Novo (1937 a 1945), no qual Getúlio Vargas tirou os poderes dos parlamentos e o direito do povo de escolher seus governantes.

Em abril de 2014, a Câmara Municipal de São Caetano do Sul completou 65 anos. E ela é parte da vida do cidadão sul-são-caetanense, embora muitos não saibam ou não se deem conta

Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul



Vereadores e suplentes da primeira Câmara Municipal de São Caetano do Sul, em 1949. Na fila superior, da esquerda para a direita: Luiz Rodrigues Neves, Giacomo Garbelotto Neto, Olga Montanari de Mello, Antonio M. Rodrigues, o prefeito Angelo Raphael Pellegrino, Jacob João Lorenzini, Accácio Novaes, Armino Ortega Martins, Paulo Gonçalves Pereira e Lauriston Garcia. Na fila inferior aparecem: José Orlando, Concetto Constantino, Jordano Vincenzi, Oswaldo Bisquolo, Arlindo Marquetti, José Lopes Filho, Antonio B.da Silva e Oswaldo Samuel Massei

disso. Procuraremos desmistificar esse aparente paradoxo e mostrar que sem a ação desta Casa de Leis, muitas conquistas sociais não seriam possíveis.

Nossa história começa na segunda metade do século 16, mais precisamente no ano de 1553, quando o português João Ramalho fundara a vila de Santo André, que futuramente daria origem à cidade homônima. Mais tarde, em 1631, o capitão Duarte Machado doou aos monges beneditinos o sítio que possuía em uma gleba conhecida como Tijucuçu. Esse

pedaço de terra se juntou a outro que fora doado pelo bandeirante Fernão Dias Paes, conhecido sob a alcunha de “O Caçador de Esmeraldas”, em 1671. Teve início, então, a formação da fazenda de São Caetano que, além de plantações, mantinha uma olaria para fazer tijolos, os quais seriam usados para a construção do Mosteiro de São Bento, no centro de São Paulo.

E a história continua - Dois fatos importantes impulsionaram o desenvolvimento da fazenda: a construção da estrada de ferro

São Paulo Railway Company e a imigração europeia. A ferrovia serviu de aporte ao primeiro grupo de imigrantes que por aqui chegou em 28 de julho de 1877, integrado por 28 famílias oriundas da Itália – especificamente da província de Treviso –, que um mês antes haviam embarcado no porto de Gênova. Nomes de rua e pessoas têm origem nesses desbravadores, entre os quais podemos citar: Braido, Fiorotti, Baraldi, Coppini e vários outros.

Pouco antes da proclamação da República foi criado



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Alguns vereadores da quarta legislatura da Câmara Municipal de São Caetano (4 de abril de 1961 a 3 de abril de 1965). Ao fundo, na mesa da presidência (centro), o vereador Concetto Constantino. À sua direita, Fábio Ventura e à esquerda, Gentil Monte. Em pé, da esquerda para a direita: Anacleto Pires, Lavinho de Carvalho, Altamiro Dias da Mota, Oscar Leite, Jaime da Silva Reis, Waldemar Fantinatti, Nestor Borges, Júlio de Melo, João Azzi e Sebastião

o município de São Bernardo – que desmembrava-se de São Paulo –, e a maior parte do Núcleo Colonial e do antigo bairro de São Caetano foi anexada a ele. Cerca de um quinto da antiga localidade de São Caetano permaneceu no território do município de São Paulo e constitui a área dos hoje bairros Vila Carioca, Sacomã e Heliópolis. O restante continuou pertencendo a São Bernardo.

Em 1905, São Caetano era elevado a distrito fiscal. A fixação das primeiras indústrias coincidiu com a elevação de São Caetano a dis-

trito de paz, em 1916. Em 1924, o então arcebispo de São Paulo, dom Duarte Leopoldo e Silva, dava ao núcleo a sua primeira paróquia e o seu primeiro vigário, o padre João Baptista Pelanda. A vila transformava-se em cidade. No entanto, havia um sentimento de libertação. A antiga fazenda prosperara e seus moradores ansiavam por uma identidade própria, o que deu origem ao primeiro movimento autonomista que, pelo trabalho de importantes figuras, entre elas a do engenheiro Armando de Arruda Pereira, diretor da Cerâmica São Caetano, lançou a semente que frutificaria 20 anos depois (1948) com a vitória da campanha que elevou São Caetano à condição de município.

1949: nascia a Câmara - São Caetano do Sul separou-se de Santo André no final de 1948, e 24

Sessão solene na Câmara Municipal em comemoração ao aniversário de 105 anos da cidade, realizada em 1982. Vemos, da esquerda para direita: o prefeito Raimundo da Cunha Leite, Dulce Cerqueira Leite, Celestina Dal' Mas, João Dal' Mas, Maurício Hoffman, Iliomar Darronqui, Luiz Emiliani e Gentil Monte



Acervo/Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

trito de paz, em 1916. Em 1924, o então arcebispo de São Paulo, dom Duarte Leopoldo e Silva, dava ao núcleo a sua primeira paróquia e o seu primeiro vigário, o padre João Baptista Pelanda. A vila transformava-se em cidade. No entanto, ha-

via um sentimento de libertação. A antiga fazenda prosperara e seus moradores ansiavam por uma identidade própria, o que deu origem ao primeiro movimento autonomista que, pelo trabalho de importantes figuras, entre elas a do engenheiro Armando de Arruda Pereira, diretor da Cerâmica São Caetano, lançou a semente que frutificaria 20 anos depois (1948) com a vitória da campanha que elevou São Caetano à condição de município.

de outubro deste ano tornou-se a data oficial de sua emancipação político-administrativa. Porém, somente no dia 3 de abril do ano seguinte é que os poderes Legislativo e Executivo foram instalados na cidade.

Uma nação se constitui de três elementos: povo, território e governo autônomo. São Caetano, nossa pequena nação, tinha os dois primeiros, faltava-lhe apenas o último. Havia entre os moradores uma identidade própria, um sentimento latente de liberdade e autoafirmação que aflorava nas conversas dos botequins, nos salões de beleza, nas praças, nas ruas, nos corações. Já não dava mais para fazer parte de uma cidade que não conhecia as carências e necessidades de seus entes. A autonomia era um caminho sem volta, um voo alçado em direção a novos horizontes plasmados de sonhos reais, um anseio que se concretizou em um plebiscito realizado em 24 de outubro de 1948. Começava então uma nova história, a história da Câmara e da cidade de São Caetano do Sul.

A partir da criação da Câmara Municipal e da implementação de uma estrutura político-administrativa, a cidade deu um salto gigantesco rumo ao seu desenvolvimento. Livre das amarras de uma dependência política – e com soberania –, os administradores se viram livres para agir e estabelecer todo um arcabouço jurídico que vinha ao encontro dos anseios da população. Novos cargos públicos foram criados, leis sobre urbanização, policiamento, educação, saúde, direitos civis e inúmeras outras foram criadas. O papel e a importância da Câmara já então se faziam notar: a primeira lei municipal

autorizava a Prefeitura de São Caetano do Sul a obter empréstimo com a Fazenda Estadual. Era o início do acompanhamento dos atos do Executivo pelo parlamento.

Agora independente, o município precisava de legislação própria e, somente em 1949, 67 leis foram criadas. “Além de sua importância histórica, a lei nº 1 demonstra o alinhamento e a união entre o Executivo e o Legislativo, fundamentais para o município se tornar a referência nacional que é atualmente”, ressalta o atual presidente da Câmara de São Caetano, Sidnei Bezerra da Silva, o Sidão da Padaria (PSB). A lei foi votada na primeira sede da Câmara de São Caetano, localizada na Rua João Pessoa, nº 120. Somente em 1961, o Legislativo mudaria para o atual endereço, na Avenida Goiás, nº 600. No entanto, mais do que este alinhamento sugerido pelo presidente, havia um outro vínculo mais estreito e importante, muitas vezes esquecido: aquele entre o Legislativo e o cidadão. A primeira lei e as outras que se sucederam tinham – e têm – por objetivo único o bem-estar do munícipe. A Câmara não aprova leis e não legisla para a prefeitura ou para enaltecer o trabalho de um ou outro vereador. As leis são aprovadas em resposta aos anseios da população. Esse é o ponto central de qualquer regime democrático, do qual o poder Legislativo é seu máximo expoente.

E, a exemplo das indústrias que se estabeleciam na cidade, a Câmara trabalhava a todo vapor, criando leis, fiscalizando os trabalhos do Executivo e servindo de voz aos anseios sociais. Várias foram as proposições criadas com esse espírito de representação popular. Por essas e inúmeras outras leis é que a Câmara Municipal de São Caetano do Sul é a legítima representante do povo.

É lugar comum afirmar que os valores de um determinado bem só são reconhecidos quando há sua ausência. Seria possível imaginar nossa cidade sem as conquistas obtidas por meio da atuação de seu parlamento nesses quase três quartos de século? Certamente não. E o que esperar para o futuro? Trabalho, muito trabalho. Mas um trabalho conjunto, envolvendo a coletividade, abrindo as portas para a voz das ruas, servindo de representante para o espírito democrático que perpassa todas as instâncias de poder.

E ao munícipe, fazemos um apelo: participe do seu Legislativo, cobre seu vereador, dê ideias, critique, elogie e ajude a fazer de nossa cidade um lugar ainda melhor para esta e as próximas gerações. A Câmara conta com você e está de portas abertas para recebê-lo nesse e nos próximos 65 anos. **R**

COMPOSIÇÃO ATUAL DE VEREADORES:

Aparecido Inácio da Silva (Cidão do Sindicato) – Solidariedade
 Carlos Humberto Seraphim (Dr. Seraphim) – PPS
 Eclerson Mielo (Professor Pio) – PT
 Eder Xavier – PC do B
 Edison Roberto Parra (Parra) – PHS
 Fábio Constantino Palácio (Fábio Palácio) – PR
 Fábio Soares de Oliveira (Fábio Soares) – PSD
 Flávio Martins Rstom (Dr. Flávio Rstom) – PTB
 Francisco de Macedo Bento (Chico Bento) – PP
 Gérsio Sartori – PTB
 Jorge Martins Salgado (Jorge Salgado) – PROS
 José Roberto Espíndola Xavier (Dr. Xavier) – PMDB
 Magali Aparecida Selva Pinto (Profª Magali) – PSD
 Marcel Franco Munhoz (Marcel Munhoz) – PPS
 Paulo Higino Bottura Ramos (Paulo Bottura) – PROS
 Paulo Roberto de Jesus (Roberto do Proerd) – PMDB
 Roberto Luiz Vidoski (Beto Vidoski) – PSDB
 Severo Neto de Oliveira (Severo e Amigos) – PSB
 Sidnei Bezerra da Silva (Sidão da Padaria) – PSB

QUADRO SINÓTICO DE LEIS RELEVANTES NA HISTÓRIA DA CIDADE

Lei/Decreto	Ano	Resumo
358	1953	Criação da Guarda Municipal
3865	2000	Isenção de tributos para vítimas de enchentes
4662	2008	Criação do Hospital de Emergência de São Caetano do Sul
6010	1989	Criação do Parque Chico Mendes
3515	1997	Proibição de bebida alcoólica a menores
33	2012	Lei da ficha limpa
5102	2012	Criação da Universidade Aberta da 3ª Idade
1150	1962	Criação da Faculdade Mauá
1611	1967	Criação da USCS
Art. 176 (RI)	1990	Artigo do Regimento Interno que extingue o voto secreto
LOM	1990	Lei Orgânica

ITAMARFAEL SENA BATISTA DE MELO

É LICENCIADO EM FÍSICA PELO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE SÃO PAULO E TECNÓLOGO EM PROCESSAMENTO DE DADOS PELA FACULDADE DE TECNOLOGIA DE SÃO PAULO (FATEC-SP). ATUALMENTE É ANALISTA TÉCNICO NA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.

Alunos da Escola Alemã de São Caetano, que ficava localizada na Rua Wenceslau Brás, em fotografia de 1935



Alberto Iszlaji Junior

CULTURA GERMÂNICA ENTRE SÃO CAETANO DO SUL E SANTO ANDRÉ

A imigração de europeus para o Brasil nos séculos 19 e 20 contribuiu para a formação da nossa sociedade. As relações culturais que se estabeleceram foram importantes para a constituição da cultura brasileira. Os estrangeiros formaram comunidades que, por certo tempo, foram chamadas de colônias. É muito comum uma pessoa, que está em um lugar que não conhece e que possui uma língua diferente da sua, unir-se àqueles que tenham algo parecido. Assim foram constituídas as comunidades de imigrantes, pessoas que vieram de um mesmo país ou região e tinham o mesmo idioma ou traços culturais.

Grupos de imigrantes formaram suas colônias no Brasil e organizaram-se em comunidades culturais, por exemplo, a italiana, a espanhola, a japonesa e a alemã. A presença destes grupos muda a dinâmica da cidade. São milhares de pessoas falando uma língua diferente, com tradições e costumes distintos, relacionando-se umas com as outras. Essas relações geram uma “nova” cultura, modificam aquelas com as quais entraram em contato, formando um “caldo” cultural que suscita muitas discussões.

Então, como se davam as formas de preservação da cultura alemã de uma

geração para outra? Como imigrantes e descendentes narram suas experiências de vivência cultural e transmissão de valores familiares, originários de sua descendência étnica? E como isso ocorreu nas cidades do Grande ABC?

Em busca de respostas para tais questões, propusemo-nos a identificar, nos relatos de imigrantes e descendentes alemães nas cidades de Santo André e São Caetano do Sul, como manifestavam seus costumes. Nosso objetivo é identificar quais são os instrumentos utilizados para que essa cultura fosse preservada. Partimos de narrativas orais de histórias de vida, baseadas no método da história oral, em que algumas pessoas puderam contar suas experiências de vida, fazer seus relatos de práticas cotidianas, nas quais pode-se perceber a manifestação dessa cultura.

Alinhado às pesquisas do *Memórias do ABC*, núcleo de pesquisas que compõe o Laboratório HiperMídias de Comunicações Culturais da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), que vem desenvolvendo diversos estudos voltados para a compreensão das relações entre comunicação e cultura, memória e imaginário, narrativas e hiperMídias, esse artigo se apresenta na continuidade de pesquisas que se voltaram para a comunidade de estrangeiros do ABC paulista, a partir da memória local e de relações da sociedade com o processo de comunicação da cultura de comunidades, grupos sociais e locais. Para isso utilizamos os relatos destes imigrantes e de seus descendentes que vivem ou viveram no ABC ao longo do século 20. Esses depoimentos foram gravados entre 2007 e 2008 e estão disponíveis no HiperMemo, o acervo hiperMídia de memórias da USCS (<http://hipermemo.uscs.edu.br/>).

Desse modo, o narrador se torna o centro de nosso estudo. Por ele, conseguimos nos aproximar do período pesquisado. Sua experiência é necessária, pois a narração está associada ao corpo e à voz do narrador, a uma presença real do sujeito na cena do passado (SARLO, 2005, p. 29).

Ao discutirmos a manutenção da cultura alemã fora da Europa, é importante que trabalhe com a ideia de imaginário social e pertencimento àquela cultura, dessa forma, por trás dos imaginários, podem-se encontrar os agentes sociais “no seu estado de nudez”, ou seja, “despojados das suas máscaras, das suas roupagens, dos seus sonhos e representações” (BACZCO, 1985, p. 297). Os entrevistados-colaboradores, no momento do relato, estão desnudos, livres para apresentarem suas emoções, frustrações com os eventos de suas vidas. Essas emoções representam o arcabouço cultural próprio de cada um. Esses narradores se apoiam nas suas referências culturais a fim de manter o seu reconhecimento com o passado, pois, ao viver em um mundo no qual as mudanças são constantes e rápidas, ligar-se ao passado e às tradições representa um refúgio. A memória ou ato de lembrar se dá pelo reconhecimento do passado, ou seja, reconhecê-lo e distingui-lo do presente é possível enquanto ele é a imagem daquilo que se foi (RICOEUR, 2006).

Pelas histórias narradas por imigrantes alemães e descendentes, suas famílias vieram para o Brasil por diversas razões. Alguns afirmaram: “Porque lá não dava mais”, após a devastação provocada pela Primeira Guerra Mundial. Imigraram para começar vida nova e enfrentar todos os desafios de viver longe de sua terra natal. Passaram a se agrupar, formando comunidades, dentro das quais conse-

guiram manter a língua, a tradição, os costumes alemães.

Um dos aspectos mais importantes para os imigrantes era falar a língua alemã, para isso, foi fundada a Escola Alemã em São Caetano do Sul. Em seguida também foi criada a União Cultural de São Caetano do Sul, conhecida como Clube Teuto, lugar para a comunidade se divertir, jogar futebol, dançar, enfim, se relacionar.

Pedro José Pilo nasceu em São Caetano do Sul em 1926. Filho de pais iugoslavos, estudou na Escola Alemã de São Caetano do Sul. Frida Schmidt também é natural de São Caetano do Sul. Nascida em 1924, é filha de imigrantes austríacos e estudou na mesma escola.

Assim, formaram uma comunidade cultural germânica, não definida pela nacionalidade, mas sim pelos elos com aqueles que falassem a língua alemã. Esses imigrantes, quando chegavam a um lugar novo, formavam associações buscando um ambiente calido, aconchegante para sentirem-se um pouco mais próximos do lar que deixaram na Europa.

Na infância, essas crianças brincavam, estudavam, não se relacionavam somente com alemães, não havia discriminação por serem imigrantes, pois havia muitas famílias estrangeiras na região. As crianças, ao frequentarem a escola, aprendiam as línguas portuguesa e alemã, recebiam materiais impressos em alemão, segundo nos contou Marta Wachtler, que nasceu na Lituânia em 1922, filha de descendentes prussianos: “Nós recebíamos livros de Rio Grande do Sul, de lá... companhia...livraria... Agora esqueci o nome, tava lembrando até agora. Acho que era Dortman. E eles mandavam os livros pra nossa escola, livros de leitura e de geografia, história e todos esses livros

eram do Rio Grande do Sul”. (São Caetano do Sul, 11 de dezembro de 2008, HiperMemo/USCS). Dessa forma, a cultura era transmitida para as crianças, que aprendiam a língua alemã e os costumes.

Os serviços domésticos eram reservados às mulheres, relata Pedro José Pilo. Os meninos não participavam da preparação das comidas, já as meninas aprendiam os pratos típicos e outros afazeres domésticos. O chucrute é o prato mais lembrado por esses narradores. Além de se recordarem da iguaria, eles também sabem como prepará-la, e isso nos revela que o prato típico cumpre a função de preservar a cultura alemã entre eles. Assim, entende-se que quando os vários aspectos da cultura se inter-relacionam gera-se um arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 68).

Já na adolescência, os descendentes da cultura alemã em São Caetano do Sul e Santo André aprendiam uma profissão e frequentavam cinemas e bailes. Neles conheciam outras pessoas, namoravam, dançavam. Durante esses encontros, muitos conheceram os seus futuros cônjuges, como foi o caso de Gertrudes Dal Pos, nascida em São Paulo, em 1934, filha de austríacos, e que trabalhou como aeromoça. Por conta de viverem inseridos na comunidade alemã, os jovens acabavam se casando também com descendentes.

Os materiais produzidos em língua alemã para as aulas nas escolas eram vendidos para os alunos. Esses livros eram utilizados por vários membros da família, quando o mais velho terminava de usá-los, eles eram repassados para o mais novo e assim subsequentemente. O conhecimento dos livros vai sendo transmitido pelas gerações. Esses alu-

nos também frequentavam aulas de português e, por meio delas, tinham contato com fatos da história do Brasil.

A escola é responsável pela manutenção dessa cultura, pois por ali a história da Alemanha era transmitida, além do ensino da língua. Os costumes são mantidos em suas práticas cotidianas, nas comemorações cívicas, no encontro com outras escolas alemãs, com torneios, com a prática de esportes e com campeonatos. Esse movimento nas escolas permite que a cultura e o contato entre os descendentes e os alemães se mantenham fortes e duradouros. A comunicação cumpre essa função, pois “a comunicação é percebida, em todo caso, como cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários” (MARTIN-BARBERO, 2003, p. 63).

A comunidade alemã do ABC não se apresentava fechada para a cultura local, assim observamos que há um reconhecimento em ser acolhido pelo Brasil como seu novo país. Miguel Zvonimir Krouman, nascido onde hoje é a Croácia, em 1924, que frequentou a Escola Alemã de São Caetano do Sul e trabalhou como metalúrgico, contou: “A vida no Brasil sempre foi boa. As coisas acontecem quando a gente menos espera. Quando eu fui - sou naturalizado brasileiro - ao juiz em Santo André, só estavam o juiz e a secretária, eu contei minha vida para ele, a secretária veio com um livro para eu ler o código brasileiro. O juiz falou: ‘Não precisa não, esse cara é mais brasileiro que nós dois juntos’” (São Caetano do Sul, 27 de novembro de 2007, HiperMemo/USCS).

Os relatos consideram a escolha de ter vindo ao Brasil como boa e proveitosa. Foi neste país que constituíram família, tiveram filhos e netos, e mantiveram hábitos e costumes germânicos. Eles sentem orgulho em ter dupla cidadania, em ser alemães e brasileiros.

Pelas narrativas de histórias de vida dessas pessoas, observa-se que a cultura alemã é mantida por ações mais cotidianas, o estudo, o divertimento, a culinária, por exemplo. Locais como a escola, as festas, o clube são espaços pelos quais a cultura se manifesta. No ambiente familiar é mantida a possibilidade de falar a língua alemã. Frequentar a escola alemã, participar das festas, dos encontros estudantis, significa participar dos momentos em que um pequeno pedaço da Alemanha se faz presente na vida desses descendentes por meio das manifestações culturais.

Dessa forma, podemos observar que a cultura alemã se mantém nas cidades de Santo André e São Caetano do Sul graças a diversos esforços feitos pelos imigrantes e descendentes para preservar o seu reconhecimento com o país de origem e manter, nas gerações posteriores, as mesmas tradições e orgulho de ser alemão. **R**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACZCO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Enaudi*. Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
 MARTIN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação. Mídia, mundialização e poder*. São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2003.
 RICOEUR, Paul. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.
 SARLO, Beatriz. *Tiempo pasado. Cultura de la memoria y giro subjetivo: una discusión*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.
-

ALBERTO ISZLAJI JUNIOR

É GRADUADO EM HISTÓRIA PELA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP) É TAMBÉM MESTRE EM COMUNICAÇÃO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL.



Memória
Fotográfica
RAÍZES E
RETRATOS



Time de futebol do Clube Atlético Tamoyo no campo do São Caetano Esporte Clube, em 1950. Em pé, a partir da esquerda, vemos Ione (técnico), Milani, Elias, Sedão, Sabaúna, Hilarião e Fiume. Agachados aparecem Teixeira, Enio, Macaco, Belinho e Bacurí. O clube foi fundado em 15 de maio de 1944 e comemora 70 anos em 2014



Foto tirada em 1954 no Grupo Escolar Senador Flaquer. Na imagem o então diretor, professor Edson França Guimarães, que dirigiu a escola de 1953 a 1956. Doação de Emerson Guimarães

RAÍZES E RETRATOS



Integrantes do time do Bonsucesso Futebol Clube, no início da década de 1960, no campo do clube, nas proximidades do terreno onde hoje se encontra o Cemitério das Lágrimas

ACERVO/ANTÔNIO RODRIGUERO



Turma do 3º ano do Grupo Escolar Senador Roberto Simonsen, em 1951, no espaço do antigo Buracão da Cerâmica. A professora no canto direito é Yone Rodrigues Nogueira. Antonio Rodriguero é o quarto, a partir da esquerda, na segunda fileira de cima para baixo

ACERVO/ANTÔNIO RODRIGUERO



Claudete Rosa Martorelli (hoje, Claudete Rosa Meloni), aos 7 anos de idade, em baile do São Caetano Esporte Clube, no ano de 1948, quando a sede ainda era na Rua Perrella

ACERVO/CLAUDETE ROSA MELONI



Panorama aéreo do Núcleo São Caetano das Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo com tomada a partir da Avenida dos Estados. Na foto dá para notar sua intensa atividade industrial no final da década de 1970

ACERVO/EVERTON CALÍCIO



Foto de membros da família De Nardi. Da esquerda para direita estão Celeste Jacob De Nardi, filho de Ângela Garbelotti De Nardi (ao centro) e Stefano De Nardi, último neto de um dos fundadores da cidade, falecido no início da década de 1970

ACERVO/DOMINGO GLENIR SANTARNECCHI



Posam para foto Odair Tito Serrachiani (28 anos) e Maria Aparecida Nunes Serrachiani (25) no dia do casamento, em 11 de dezembro de 1971. Eles se casaram na Igreja Matriz Sagrada Família e tiveram dois filhos: Armando e Elver. Esta fotografia foi tirada pelo Foto Ideal

ACERVO/ELVER ODAIR CÁSSIO SERRACHIANI

RAÍZES E RETRATOS



Aparecem na foto, da esquerda para direita, Marli Serrachiani, Armando Serrachiani, os noivos Carolina Serrachiani Di Vicenzi e Domênico Di Vicenzi, Gioconda Lobosco Serrachiani e Odair Tito Serrachiani. Carolina e Domênico se casaram na Igreja Matriz Sagrada Família no ano de 1959. A fotografia é do Foto Studio Nitto

ACERVO/ELVER ODAIR CÁSSIO SERRACHIANI



Aparecem na foto, em pé, Ana Chiumo de Mattei e Ana Maria de Mattei. Sentados estão Nicola de Mattei, Wilson de Mattei e José de Mattei. Eles estavam em frente à casa de Nicola e Ana Chiumo, na Rua São Paulo, nº 1825. Foto do ano de 1968

ACERVO/JOSÉ DE MATTEI



Família do senhor Nicola de Mattei no piquenique da Turma do Clube Brasil, no ano de 1968, na chácara do Marinotti, no Riacho Grande, em São Bernardo do Campo. Vemos, a partir da esquerda, José de Mattei, Ana Maria de Mattei, Ana Chiumo de Mattei, Nicola de Mattei, Giro de Mattei e Diva de Mattei. As crianças são Elaine de Mattei, Sandra Regina de Mattei e Wilson de Mattei

ACERVO/JOSÉ DE MATTEI



Posam para foto, em pé, Ferdinand Dubois-Köhne, Horácio Pires e Mario Porfírio Rodrigues. Sentados aparecem Antonio Avogli e Roberto Antonio. Grupo, que tinha aulas de inglês com Ferdinand, está em frente a uma casa na Rua Conceição. Foto do início da década de 1940

ACERVO/MARIO PORFÍRIO RODRIGUES



Em cima do fusca laranja aparecem Marcelo Henrique Miliani, Márcio Roberto Miliani e Kléber Fabiano Miliani (filhos de Inês Moretto Miliani e Sérgio Miliani) com o primo Celso Luiz Froner. Eles estão na Rua Tenente Antônio João, nº 231, no Bairro Cerâmica. Este ainda é o endereço de Sérgio. Foto do ano de 1981

ACERVO/SÉRGIO MILIANI



João Massolini e Lourdes Pareja Massolini no quintal da residência, na Rua Martino de Martine, no Bairro Barcelona, no início dos anos 1960

ACERVO/FAMÍLIA MASSOLINI

RAÍZES E RETRATOS

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL	
DATA	GUICHÊ
10/7/56	
Classif. Alfabética	PROCESSO
	3403/56
NOME Oswaldo Almendra	
ASSUNTO R. alv.p/aumento de residencia-	

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL	
DATA	GUICHÊ
16/10/61	
Classif. Alfabética	PROCESSO
	9830/61
NOME Oswaldo Almendra	
ASSUNTO ligação água - R. Padre Mororo, 293	

Documentos emitidos pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul em nome de Oswaldo Almendra. Primeiro filho de João Almendra e Pedrina Sangiorge, chegou a São Caetano com os pais em 1928. Trabalhou na Cerâmica São Caetano de 15 de abril de 1946 até 9 de abril de 1974, exercendo também, como autônomo, os ofícios de electricista e encanador. Foi ainda integrante da Liga Católica Jesus, Maria e José de São Caetano do Sul. Faleceu no dia 4 de abril de 2004, aos 75 anos

ACERVO/JOSÉ DOS REIS ALMENDRA



Motorista Sérgio Serena, conhecido como Lambretinha, com Sérgio Miliani de carona na moto, no pátio do Tiro de Guerra, na Rua Maranhão. Ao fundo está o Grupo Escolar Bartolomeu Bueno da Silva (atual EMEF). Serena e Miliani são amigos e vizinhos na Rua Tenente Antônio João até os dias atuais. Quando jovens, eles usavam esta lambreta para passar o dia na Praia Grande. Foto de 1962

ACERVO/SÉRGIO MILIANI

EXPOSIÇÕES

Roberto Gyarfi: Mestre Impressor



A mostra marcou os 40 anos da trajetória do mestre impressor Roberto Gyarfi, conhecido como Alemão. A exposição contemplou obras de vários gravadores que trabalharam com Gyarfi e também outras que resultaram de oficinas de litogravura, desenvolvidas por ele em programas sociais com a comunidade, como o projeto *Da Luz à Paranapiacaba*, realizado de 2005 a 2007. A mostra foi aberta na Pinacoteca Municipal em 23 de outubro de 2013 e seguiu até 15 de fevereiro de 2014.

5ª Arte Postal – 13º Arte Ofício



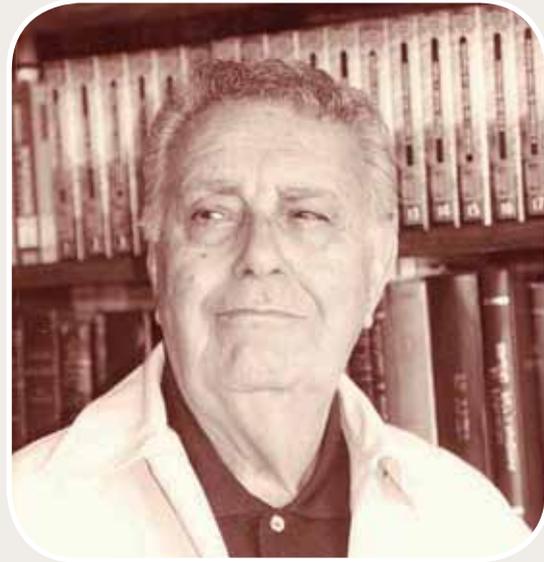
Muitos artistas trocaram correspondências de caráter artístico entre si, a exemplo de Vincent van Gogh e seu irmão Théo. Na década de 1960, a arte postal passou a ser vista como uma manifestação de arte pelos artistas contemporâneos. O curador da mostra, Valdo Rechelo, coordenador do curso de artes visuais da Funda-

ção das Artes de São Caetano do Sul, apresentou diversos artistas interessados nessa manifestação com obras inéditas dentro do tema *O Sonho de van Gogh* e outras do acervo da Fundação das Artes de edições anteriores. Na Pinacoteca Municipal, a visitação começou em 26 de novembro de 2013 e terminou em 15 de fevereiro de 2014.

Arte sobre louças e porcelanas



Nesta exposição, o público pôde conferir peças do acervo do Museu Municipal doadas por famílias antigas do município, sendo a maioria fabricada em indústrias locais. Por meio delas, o visitante fez uma viagem no tempo, entre artigos de decoração utilizados antigamente, como vasos, estatuetas, cinzeiros, entre outros. A visitação seguiu de 29 de janeiro até 26 de março.

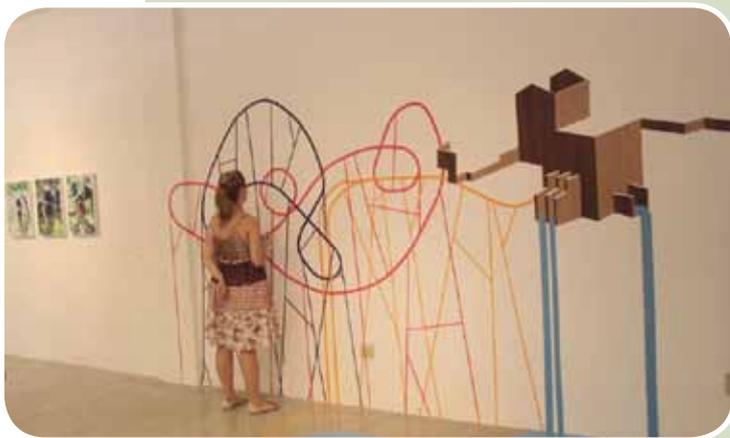


Traços da memória: Desenhos de Jayme da Costa Patrão

No Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, a mostra trouxe desenhos de Jayme da Costa Patrão. Nascido em São Paulo em 27 de abril de 1917 e falecido em 29 de fevereiro de 2004, é personagem emblemático da história cultural do município. Foi autonomista, desenhista, cartunista e colaborador do *Jornal de São Caetano* na década de 1940. Trabalhou na Louças Adelinas e, posteriormente, fundou a Cerâmica Artística da Costa. Seus desenhos retratam personagens, lugares e eventos da formação histórica de São Caetano do Sul. A visitação foi de 14 de janeiro até 16 de março.

EXPOSIÇÕES

ECLIPSE – I Mostra Internacional de Arte Contemporânea Brasil/Japão



A exposição coletiva reuniu 32 artistas entre brasileiros, nikkeys e japoneses, e foi fruto do intercâmbio entre a Universidade Musashino (Tóquio) e o Ateliê Fidalga (São Paulo), e da parceria com a Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, por meio da Pinacoteca Municipal. A mostra apresentou obras de diferentes formatos e linguagens, como desenhos, esculturas, instalações, vídeo, fotografia, pinturas, entre outras. A visita seguiu de 15 de março até 19 de abril.

Humor Gráfico do ABC:

cartum, caricatura, charge e tirinhas



De 18 de março até 25 de maio, foram exibidos no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes desenhos de humoristas gráficos do Grande ABC, como Fernandes, Gal Ferreira, Gilmar Barbosa, Humberto Pessoa, Mário Mastrotti, entre outros, que recriaram aspectos do cotidiano da região e seus personagens com traços de irreverência e ironia.

O Encanto da Música

Esta exposição apresentou instrumentos musicais como sanfonas, harmônios e flautas, e aparelhos eletrônicos, ambos do início do século passado, utilizados por famílias de São Caetano do Sul. As peças fazem parte do acervo do Museu Municipal e foram adquiridas por meio de doações. A exposição pôde ser visitada de 10 de abril a 11 de julho.



EXPOSIÇÕES

4ª Vitrine de Arte - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul



A 4ª Vitrine de Arte - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul, promovida pela Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, reuniu obras representativas da produção artística contemporânea da cidade, entre pinturas, gravuras, fotografias, esculturas e outras linguagens artísticas, em diversos suportes. O projeto tinha como objetivo apresentar uma amostragem, um painel, que levasse os autores das obras e os produtores da mostra a refletirem sobre o fazer artístico e sua representação. Neste ano, foram inscritos 63 artistas, no total de 154 obras. Uma comissão avaliou os trabalhos. O resultado pôde ser conferido de 15 de maio a 12 de julho.

Transporte no início do século passado

Hoje em dia, pegamos o carro em São Caetano e, em 20 minutos, estamos em São Paulo. Contudo, os primeiros moradores da cidade não tinham tanta facilidade em se locomover. Há vários relatos de pessoas que andavam de carros de bois, charretes, carroças e troles de aluguel. Em comemoração a 12ª Semana Nacional de Museus, promovida pelo Ibram (Instituto Brasileiro de Museus) entre os dias 12 e 18 de maio, o Museu Municipal promoveu esta exposição que contou a história de carros, trens, jardineiras, entre outros veículos, por meio de miniaturas artesanais feitas por Décio Caparroz, arte-são local. A mostra ficou no local de 5 a 31 de maio.

Em defesa dos animais: a história da causa animal em São Caetano do Sul



A preocupação com os direitos dos animais já vem de longa história, mas foi no século 20 que o discurso ecológico e movimentos contra a crueldade com animais ganharam força. Grupos articularam militâncias e práticas em defesa dos direitos dos animais, causa que vem crescendo mundialmente. Em São Caetano do Sul, esses movimentos se iniciaram no final de 1999. Nesta exposição, que teve início em 27 de maio no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes, a Fundação Pró-Memória traçou um panorama da história de luta em prol da defesa dos animais por meio de fotografias, que registraram as articulações e conquistas desse grupo na cidade. A mostra fica em cartaz até 27 de julho.

Brinquedos, brincadeiras e memória

Esta exposição, que começou em 9 de junho, fez parte de um projeto desenvolvido pela Escola Villare, de São Caetano do Sul, que contou com a participação de 105 alunos. Os estudantes trouxeram brinquedos antigos de suas casas, trabalharam com eles em sala de aula e depois os itens foram expostos no Museu Municipal. A visita seguiu até o dia 30 de junho.



EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

As exposições virtuais temporárias visam ampliar e facilitar o acesso do público a histórias que recuperam a memória do município e evidenciam suas tradições e modos de vida. O projeto tem como objetivo funcionar como complemento para a divulgação do acervo da Fundação Pró-Memória. As mostras virtuais ficam no ar pelo período de um mês e sempre apresentam um texto de introdução e cerca de 20 imagens, de acordo com o tema proposto.

Em janeiro, a Fundação Pró-Memória prestou homenagem ao Dia de Reis. Em fevereiro, foram reunidas as 20 melhores fotografias tiradas durante o projeto *Expedições Fotográficas: um novo olhar sobre o Bairro*, realizado em 2013. Em março, o teatro tomou conta da exposição virtual com o retrato dos principais grupos da cidade. Abril foi o mês da comemoração dos 22 anos do Cise João Nicolau Braidó. Em maio, foram celebrados os 75 anos do Instituto de Ensino Sagrada Família, uma das es-

colas mais tradicionais de São Caetano do Sul. Em junho, como não poderia ser diferente, a Fundação demonstrou todo seu apoio à seleção brasileira e, por meio de fotos, lembrou as Copas do Mundo dos anos anteriores.



PROJETOS E PARCERIAS

Encontro com a História



A presença da matéria de história da cidade na grade escolar do 3º ano do ensino fundamental criou um desafio para as escolas e seus professores devido à carência de materiais didáticos e de referência sobre o tema. Muitos professores desconhecem a história regional e não sabem onde podem encontrar essas informações. Da mesma forma, hoje muitas famílias residem há pouco tempo em São Caetano do Sul, não possuindo essas referências em sua história familiar. Assim sendo, a Fundação Pró-Memória criou este projeto a fim de, principalmente, enriquecer os conteúdos disponíveis para alunos e professores, dar suporte aos docentes para o desenvolvimento de suas atividades dentro e fora de sala de aula e ampliar o atendimento da instituição ao público escolar.

A História de Todos Nós



A Fundação Pró-Memória e a Coordenadoria Municipal da Terceira Idade lançaram este projeto com o objetivo de promover atividades diversas voltadas ao público da melhor idade, visando à valorização de sua autoestima e bagagem cultural, além do registro de suas histórias de vida e coleta de documentos e fotografias antigas. O projeto teve início com uma exposição que celebrou os 22 anos do Cise João Nicolau Braido no dia 4 de abril.



Era uma vez uma escola...

O resgate da trajetória da educação infantil municipal é feito por meio de parceria entre a Fundação Pró-Memória e a Secretaria Municipal de Educação. O projeto tem como base as histórias das escolas municipais de educação infantil (EMEI) de São Caetano do Sul, que são retratadas por meio de exposições fotográficas, que ficarão permanentemente nas escolas, além da apresentação de vídeo com entrevistas de funcionários e exposição virtual no site da Fundação. Neste ano, já foram contempladas as EMEIs Pedro José Lorenzini, Fortunato Ricci e Fernando Piva.

A Cidade como Museu a Céu Aberto: imagens da história de São Caetano grafitadas



Como parte da última etapa do projeto *A Cidade como Museu a Céu Aberto*, iniciado no ano passado, foram realizados grafites em um muro do Museu Histórico Municipal e na fachada do Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes. As obras não têm título específico, mas são alegorias gráficas da história de São Caetano do Sul. Os dois trabalhos foram assinados pelo artista urbano Thiago Vaz. Apesar de simples e lúdico, os grafites

de Thiago apresentam intelectualidade. Seu trabalho já é reconhecido nacionalmente. Thiago veio para o ABC paulista aos 5 anos. É graduado em comunicação social pela Instituição de Ensino Superior Faculdade Editora Nacional. Após a conclusão do curso, desenvolveu vários trabalhos para agências de publicidade. Ele já grafitou muros de diversas cidades e participou de cursos e exposições cujo mote era a arte urbana.

ENCONTROS/PALESTRAS/OFCINAS

Ateliê Experimental de Técnicas de Artes Gráficas com o mestre impressor Roberto Gyarfi



O curso, que fez parte da programação paralela da exposição *Roberto Gyarfi – Mestre Impressor*, teve como objetivo introduzir o participante nas linguagens artísticas das técnicas gráficas, como litogravura, xilogravura, monotipia, calcogravura, carimbos, etc, visando propiciar ao público o desenvolvimento de suas poéticas próprias por meio da produção de obras em gravura. A duração do Ateliê foi de 14 de janeiro a 15 de fevereiro, com cursos todas as terças, quintas e sábados.

Workshop de Sumi sobre papel washi

No dia 14 de março foi realizada oficina que visou apresentar a técnica de sumi e dos pigmentos da pintura japonesa. Ela foi ministrada por Futoshi Yoshizawa, artista da Universidade Musashino (Tóquio), com residência no Ateliê Fidalga (São Paulo - Brasil), e que foi um dos artistas selecionados para a mostra *ECLIPSE*, que ocorreu na Pinacoteca Municipal.



Ateliê aberto com a artista plástica Margarida Holler

Este encontro, realizado no dia 10 de abril, refletiu e desenvolveu algumas considerações sobre biblioteca a partir da seguinte questão: quando é que os livros deixam de ser livros e se desdobram em outras dimensões, adquirindo um caráter expandido e poético? O percurso que fomentou esta atividade é baseado numa exposição realizada na Pinacoteca do Estado de São Paulo, *Aberto Fechado: Caixa e Livro na Arte Brasileira*.



As possibilidades de se pensar curadoria hoje

Elly Roza Ferrari, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), promoveu um bate-papo com o público tratando das temáticas contemporâneas em torno da arte e sobre as possibilidades curatoriais na atualidade.

Palestras sobre arte

Durante este primeiro semestre de 2014, a Fundação Pró-Memória, por meio da Pinacoteca Municipal, deu continuidade à série de palestras sobre arte, realizadas desde o ano passado. De janeiro até julho, foram realizados os encontros *Mestres da Gravura*, *Vincent van Gogh: transfigurações do sensível e explosão das cores*, *Impressionismo: Paris nas luzes e cores da modernidade fugidia*, *Romantismos: olhares visionários*, *Japão: a arte ocidental do século 19 e as imagens do mundo flutuante* e *O que é Arte?*.



EVENTOS

Plantio de mudas de orquídeas

Em fevereiro, a Fundação Pró-Memória, em parceria com a Diretoria de Meio Ambiente e Sustentabilidade da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, realizou o plantio de cerca de 50 mudas de orquídeas na Praça do Professor, que abriga o prédio da instituição. Além de receber novas plantas, a praça sofreu uma revitalização completa.



VISITAS

Neste primeiro semestre de 2014, a Fundação Pró-Memória gostaria de destacar a visita de algumas personalidades e instituições em nossos espaços, como é o caso do Instituto Olga Kos, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público que atende crianças, jovens e adultos com deficiência intelectual, particularmente síndrome de Down, e de Maria Bonomi, gravadora, escultora, pintora, cenógrafa, professora, muralista, figurinista e curadora, que veio acompanhada pelo mestre impressor Antonio Retamero. Também ressaltamos a visita dos humoristas gráficos Humberto Pessoa, Luigi Rocco, Luiz Carlos Fernandes, Mário Mastrotti e Peixe (Luiz Carlos Ferreira) na exposição *Humor gráfico do ABC: cartum, caricatura, charge e tirinhas*, que ficou em cartaz no Salão Expositivo do Espaço Verde Chico Mendes. A Pró-Memória também teve a honra de receber neste ano a visita do prefeito de São Vicente, Luis Cláudio Bili.



DOAÇÕES

Importantes doações foram recebidas pela Fundação Pró-Memória, por meio da Pinaoteca Municipal, em 2014. Entre elas destacamos os 19 trabalhos de diversos artistas que foram doados pela artista plástica Dolores Branco. Uma das obras é uma xilogravura de Paulo Menten. Também ressaltamos a doação de dez obras da artista plástica Colette Pujol. Esta foi a segunda vez que a Pró-Memória foi selecionada para receber obras desta artista. Além disso, o Instituto Tomie Ohtake também doou um kit de livros de arte composto por 42 títulos, que enriqueceu ainda mais o acervo bibliográfico da Fundação, e a artista plástica Margarida Holler doou uma obra de sua autoria em maio.



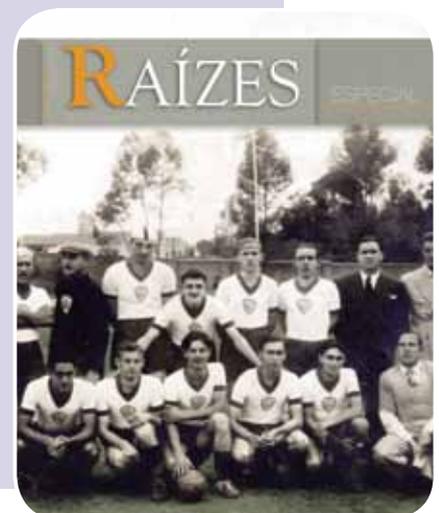
ESPECIAL

Lançamento do novo site da Fundação Pró-Memória

A Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul disponibilizou ações, projetos e toda sua programação em uma página online totalmente reformulada. Nele, as informações estão dispostas de maneira mais clara e fácil para o público. A principal novidade ficou por conta do lançamento de todas as edições da revista *Raízes* online. O conteúdo gratuito foi disponibilizado na íntegra, facilitando, desta forma, a consulta de informações sobre a cidade, a região e seus personagens que já ilustraram as páginas da publicação.

Lançamento da revista Raízes especial 100 anos do São Caetano Esporte Clube

Esta edição especial da revista *Raízes* foi lançada em maio e retratou por meio de diferentes olhares os 100 anos do clube mais antigo da cidade, o São Caetano Esporte Clube.





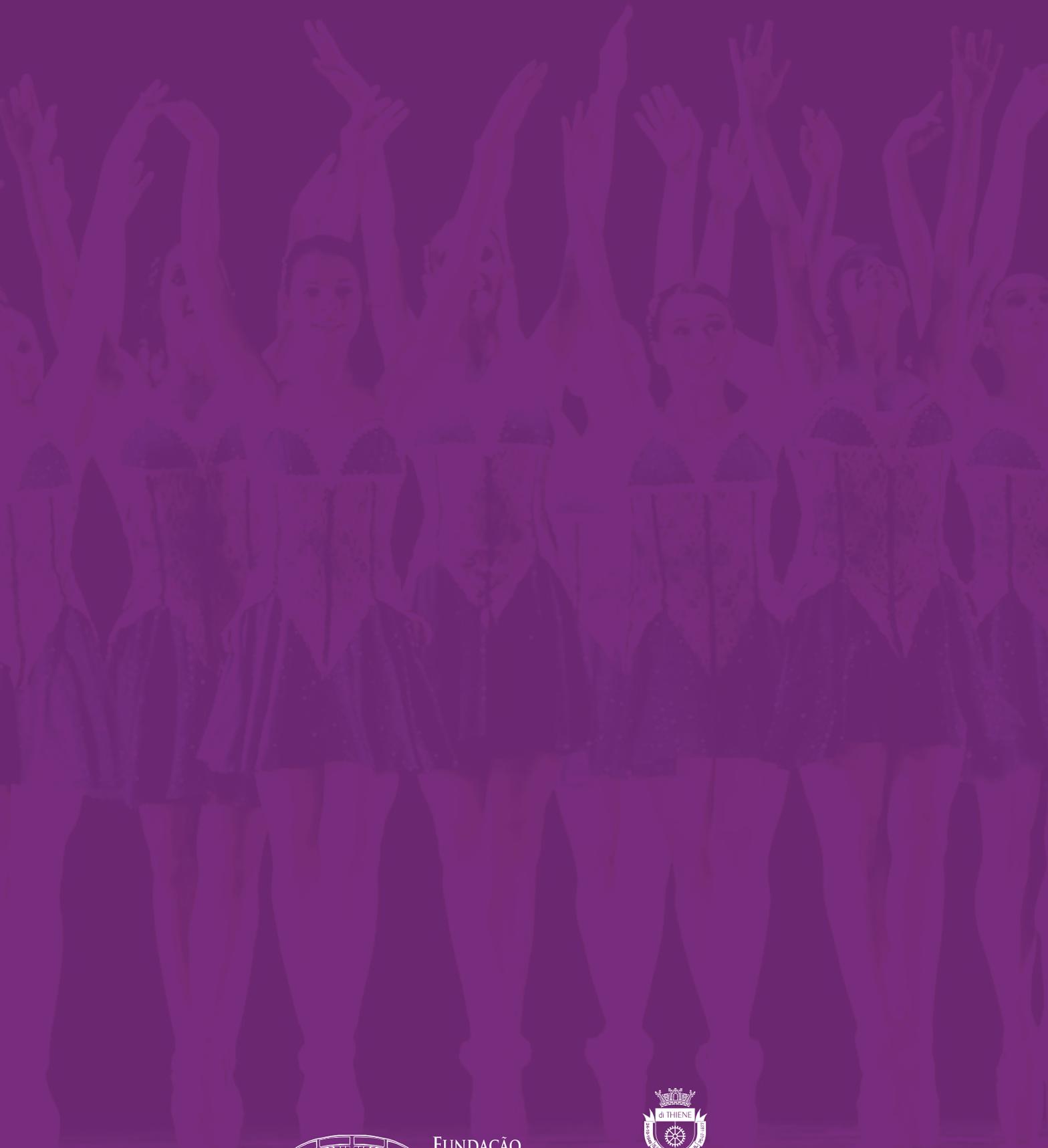
Sem título
Colette Pujol
Sem data

*Acervo da Pinacoteca Municipal - Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul*



Sem título
Colette Pujol
Sem data

Acervo da Pinacoteca Municipal - Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO CAETANO DO SUL
PREFEITURA DA CIDADE